

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Shelton Ygor Joaquim De Cicco

“Não é preconceito, é gosto pessoal”:
intersecção de marcadores de diferença social em mídias digitais, eventos e fluxos em Bauru/
SP

MARÍLIA
2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SHELTON YGOR JOAQUIM DE CICCO

**“NÃO É PRECONCEITO, É GOSTO PESSOAL”:
INTERSECÇÃO DE MARCADORES DE DIFERENÇA SOCIAL EM MÍDIAS
DIGITAIS, EVENTOS E FLUXOS EM BAURU/SP**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, *campus* de Marília – para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Antropologia Social.

Linha de pesquisa: Cultura, identidade e memória.

Orientadora: Prof.^a Livre-Docente Larissa Pelúcio.

MARÍLIA
2019

| | |
|-------|--|
| D294n | <p>De Cicco, Shelton Ygor Joaquim. “Não é preconceito, é gosto pessoal” : intersecção de marcadores de diferença social em mídias digitais, eventos e fluxos em Bauru/SP / Shelton Ygor Joaquim De Cicco, Marília, 2019 141 f.</p> <p>Orientadora: Larissa Maués Pelúcio</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2019</p> <p>1. Gays. 2. Mídias digitais. 3. Marcadores de diferença social. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Filosofia e Ciências. II. Título.</p> |
|-------|--|

SHELTON YGOR JOAQUIM DE CICCO

**“NÃO É PRECONCEITO, É GOSTO PESSOAL”:
INTERSECÇÃO DE MARCADORES DE DIFERENÇA SOCIAL EM MÍDIA DIGITAIS, EVENTOS E
FLUXOS EM BAURU/SP**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, *campus* de Marília – para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Área de concentração: Antropologia Social. Linha de pesquisa: “Cultura, identidade e memória”

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Larissa Pelúcio

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC/Unesp, *campus* de Bauru
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS/FFC/Unesp/Marília
Departamento de Ciências Humanas – DCHU/FAAC/Unesp/Bauru

Examinador

Prof. Dr. Andreas Hofbauer

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp
Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC/Unesp, *campus* de Marília
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS/FFC
Departamento de Sociologia e Antropologia – DSA/FFC

Examinador

Prof. Dr. Fernando Altair Pocahy

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj
Faculdade de Educação
Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino
Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPEd

Marília, 03 de Outubro de 2019.

Para Sérgio Augusto Domingues,
in memoriam.

AGRADECIMENTOS

Ao fazer registro de agradecimentos, no fundo, reconhecemos dívidas: entre contribuições, auxílios e afetos. Agradecer é reconhecer o que há entre nós. Por exemplo: a letra M fica ao lado da N, e a letra S fica entre ambas, ou perto delas, ou ao seu lado, fica junto delas de qualquer maneira; é assim que se concretiza a relação entre Matheus Bortoleto Rodrigues, Natalia Perez Bellucci e eu, Shelton De Cicco. Reconheço tudo aquilo que nos une e sou grato profundamente por estes afetos.

Há outras letras, afetos e vínculos. Por exemplo, L de Larissa Pelúcio, cuja orientação e amplo apoio em todas as etapas desta pesquisa viabilizaram sua concretização. Além disso, agradeço pela amizade que ultrapassa a relação acadêmica.

Também sou especialmente grato pelas contribuições da prof.^a dr.^a Lídia Possas.

Agradeço muito a Andreas Hofbauer e Fernando A. Pocahy pelas contribuições feitas na arguição e pela disponibilidade. Espero que suas contribuições estejam contempladas.

W – de Wagner, que passou pelas mesmas agruras e prazeres de fazer pesquisa, inclusive na pós-graduação. Também e principalmente pelas longas conversas sobre a vida além da academia.

Aos/às colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista – Unesp/Marília, pelos diálogos e monólogos. Aos/às professores/as do Programa de Pós-Graduação da Unesp/Marília, inclusive de outros *campi* e outras multiversidades que frequentei.

A – agradeço a meus amigos e peço-lhes desculpas por não mencionar cada nome. Entendam que um alfabeto não é suficiente. Não cabe nas letrinhas aquilo que há entre nós.

Também reconheço e sou grato a todos os que se prontificaram a participar da pesquisa na qualidade de interlocutores, nada disto seria possível sem sua participação.

D – é dos/as docentes e discentes. Ofereço este trabalho e agradeço aos/às meus/minhas colegas de trabalho, aos/às docentes que não recebem reconhecimento pelos seus esforços; dedico-o ainda aos/às estudantes que assistiram às minhas aulas, não tanto pelo empenho, mas pelo afeto – nunca esquecerei o que se passou entre nós, todos/as foram maravilhosos/as em fazer-me ver que a vida é outra.

M – minha mãe. E por fim, meus parentes por afinidade, filiação intensiva e aliança.

C – agradecemos à Capes. “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

Nós louvamos aquele Śaṅkara que é a fonte ou a causa do glorioso grupo de poderes, por cuja abertura e fechamento dos olhos há dissolução e surgimento do mundo. (*Spandakārikā*, 1.1)

[यस्योन्मेषनिमेषाभ्यां जगतः प्रलयोदयौ।

तं शक्ति चक्रविभवप्रभवं शङ्करं स्तुमः ॥ स्पन्दकारिका ॥ १. १ ॥]

[yasyonmeṣanimeṣābhyāṁ jagataḥ pralayodayau|

taṁ śakti cakravibhavaprabhavaṁ śaṅkaraṁ stumaḥ||1.1]

O virtual não se opõe ao real, mas apenas ao atual. O virtual possui uma realidade plena enquanto virtual. [...] O virtual deve inclusive ser definido como uma estrita parte do objeto real – como se o objeto tivesse uma de suas partes no virtual, e aí mergulhasse como em uma dimensão objetiva.

(DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 1998. p. 185)

Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é.

(LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. São Paulo, Círculo do Livro, 1973. p. 7)

RESUMO

Esta dissertação parte do preconceito entre um e outro gays, denominado “preconceito interpares”, veiculado em relações sociais virtuais e atuais, para descobrir como os agentes criam agenciamentos coletivos para subvertê-lo. Os problemas de pesquisa que este tema suscita são: como este preconceito funciona? Quais cruzamentos de marcadores de diferença social são mobilizados? Que elementos da vida social são acionados? O objetivo principal é estudar e descrever de maneira abrangente como o preconceito interpares funciona entre gays, segundo os marcadores de diferença social (principalmente classe social, cor/etnia/“raça”, gêneros e sexualidades e subsidiariamente escolaridade e pertencimento geracional) para compreender como os agentes rompem com as normativas. O campo de pesquisa foca na cidade de Bauru, no Noroeste paulista, e na população de gays entre 18 e 35 anos de idade. Utiliza de observação participante em locais de sociabilidade de LGBT+. Para dar conta do objeto e do problema, a pesquisa divide-se em dois momentos. Inicialmente, observa o ambiente virtual de uma mídia digital com geoposicionamento, voltada para socialização e relacionamentos afetivo-sexuais da referida população de gays, desenvolvida para telefones inteligentes (aplicativo de *smartphones*). Em um segundo tempo, analisa os eventos que atraem fluxos de pessoas e desejos até a cidade em questão, notadamente o *X encontro da diversidade* e o *Interunesp*, ambos os quais tiveram lugar em Bauru em 2017. Ainda nesta etapa, o pesquisador participa como observador de locais de sociabilidade tais como parques, saunas, centros de compras, cinemas e outros locais de lazer. As técnicas de pesquisa empregadas são entrevistas em profundidade, abordando depoimentos dos interlocutores sobre as mídias digitais, os eventos e a sociabilidade promovida em cada ocasião; e metrificação dos aplicativos segundo as informações publicadas pelos usuários. Do entrecruzamento de eventos sociais atuais, em cinemas, saunas, encontros da diversidade dentre outros, com os dados do aplicativo na cidade sob escrutínio, envida esforços para compreender a fundo as intersecções dos marcadores de diferença social e a percepção dos agentes sobre o tema e o problema. Valoriza os fluxos de pessoas e desejos, devido tanto pela fluidez própria do território virtual como pela especificidade do horizonte teórico aqui privilegiado, qual seja, a teoria deleuze-guattariana. Esta teoria é importante por tratar de fluxos, polaridades e possibilidades de fuga aos binarismos, dando conta de modo mais contundente do funcionamento do fenômeno sob análise aqui e dos acontecimentos concretos selecionados. Autores/as da teoria *queer* são instados a auxiliar na análise. Também cientistas sociais que analisam as sexualidades no ambiente urbano oferecem ferramentas importantes para estudar territórios e fluxos. Este estudo ainda tem o cuidado de inserir os casos sob escrutínio na conjuntura brasileira atual, em que se pode observar retrocessos de direitos sociais e desmonte do Estado. Por isso mesmo, aborda a percepção política e a atitude dos agentes, neste ponto seguindo os estudos brasileiros sobre política, história e sexualidade no Brasil para compreender os fundamentos históricos das relações sociais brasileiras para com a política. Ao final, espera haver oferecido uma contribuição para o debate que tange à população e ao problema, mostrando a importância de dialogar com os referenciais escolhidos, especialmente na área da antropologia social.

Palavras-chave: gays; mídias digitais; marcadores de diferença social.

ABSTRACT

This dissertation starts from the prejudice between gay men, called “between sames prejudice”, conveyed in actual and virtual social relations, to discover how agents create collective agencies to subvert it. The research problems this subject raises are: How does this prejudice work? What intersections of social difference markers are mobilized? What elements of social life are triggered? The main objective is to study and describe how between sames prejudice works among gay men, according to social difference markers (mainly social class, color/ethnicity/“race”, gender and sexuality and, in the alternative, education and generational belonging) to understand how agents break outwards from normativity. The research field focuses on Bauru city, in Northwestern São Paulo State, and the gay population between 18 to 35 years old. It is employed participant observation at LGBT+ sociability sites. To account for the object and the problem, the research is divided into two steps. Initially, it is looked at virtual site of an application of digital media which focuses on socialization and affective-sexual relationships of gay population, developed for smartphones. In a second step, it is analyzed events that attract flows of people and desires to the city in question, notably the *10th meeting of diversity* and *Interunesp*, both of which took place in Bauru in 2017. Still at this stage, the researcher participates as an observer of sociability scenes such as parks, saunas, mall, cinemas and other recreational places. The research techniques used are in-depth interviews, addressing testimonials from interlocutors about digital media, the events and the sociability which are created in each ones; and measurement of applications according to information published in users’s profiles. From intersection of actual social events, in cinemas, saunas, diversity meetings, and others, with the application data in the city under scrutiny, endeavors to understand in depth the intersections of markers of social difference and the agents’s perceptions on the issue and problem. It values flow of people and desires, due both to the fluidity of virtual territory and to specificity of theoretical horizon privileged here, namely Deleuze-Guattarian theory. This theory is important because it deals with flows, polarities, and possibilities of escape from binarism, giving a more powerful account of the functioning of phenomenon under analysis here and of selected concrete events. Queer theory authors are urged to assist in the analysis. Also social scientists who analyze sexualities in the urban locality and offer important tools for studying territories and flows. This study also takes care to insert cases under scrutiny in current Brazilian conjuncture, in which we can observe setbacks of social rights and dismantling of the State. For this very reason, it addresses the political perception and attitude of agents, at this point following the Brazilian studies on politics, history and sexuality in Brazil to understand the historical foundations of Brazilian social relations towards politics. In the end, it is hoped to have contributed to the debate regarding the population and the problem, showing the importance of dialoguing with the chosen references, especially in the area of social anthropology.

Keywords: gays; social media; social difference markers.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Introdução..... | 10 |
| 1. Antecedentes, preconceito interpares e o atual e o virtual..... | 19 |
| 2. Problemas com aplicativos, problemas com pessoas e problemas com preconceito..... | 28 |
| 3. Campo concreto e real, atual e virtual..... | 46 |
| 4. Metodologia: de como o pesquisador <i>stalkiou</i> os interlocutores..... | 48 |
| 5. Organização dos capítulos..... | 52 |
| | |
| 1. Navegando no campo..... | 54 |
| 1.1. Aplicativos e população..... | 55 |
| 1.2 Cor/etnia/“raça” e outros marcadores sociais de diferença nos perfis de aplicativos em Bauru..... | 60 |
| 1.3 Marcadores diacríticos nos perfis de Bauru..... | 68 |
| 1.3.1 Problemas de gênero..... | 74 |
| 1.3.2 Pontos de vista geracionais..... | 81 |
| 1.3.3 As classes sociais..... | 87 |
| | |
| 2. Eventos e fluxos, intersecções de marcadores de diferença social..... | 90 |
| 2.1 Eventos..... | 91 |
| 2.2 <i>X Encontro da diversidade</i> de Bauru/2017..... | 92 |
| 2.3 <i>Interunesp</i> em Bauru/2017..... | 101 |
| 2.4 Fluxos..... | 104 |
| 2.5 Fluxos fora dos eventos..... | 112 |
| 2.6 Os gêneros periféricos..... | 125 |
| | |
| Aplicativo colonial – considerações finais..... | 128 |
| | |
| Referências..... | 134 |

Introdução

Esta pesquisa iniciara pelo estudo de preconceito entre um e outro gays, o que chamamos de preconceito interpares, por meio de dados coletados em uma mídia digital – um aplicativo¹ de celular inteligente – e através de participação observante de eventos e locais de saturação sexual em Bauru/SP. Este campo social, no Noroeste paulista, exhibe pelo menos dois regimes de (in)visibilidade e armário – o que não significa, absolutamente, que não haja outros regimes, ou variações e mesclas intermediárias; tal polarização serve aqui tão somente como exasperação e na pesquisa serviu como orientar a compreensão de generalidades que se aproximam, mas que diferem particularmente (WEBER, 2001) –, um mais e outro menos heteronormativo que entrelaçam diversos marcadores de diferença social e produzem relações sociais ora mais, ora menos desterritorializadas da matriz heterossexual hegemônica. Partimos da premissa, etnográfica e historicamente documentada, de que o ato de alguém entrar em devires-gay possui a potência, ainda que latente, de elidir preconceitos em si e em outrem e ressignificar ideias-valores em cada meio social. O problema que se coloca é que esta premissa não se efetiva em sua plenitude, muitas vezes está apenas suposta, virtual ou apagada pela apropriação natural, isto é, não contextualizada, historicizada e problematizada, que os agentes operacionalizam das ideias-valores correntes e de conceitos científicos. Não se trata apenas de preconceito; com efeito, o termo vem engastado de discussões da psicologia e por vezes oblitera o campo de pesquisa e sua polifonia, motivo este que nos leva a buscar as maneiras de lidar com o preconceito, os pontos de fissura das normas e como os agentes aprendem a resistir, ultrapassando o objeto inicial. Como veremos, há um conceito nativo de gay, estruturante desta pesquisa. E ainda observa-se uma multiplicidade de relações envolvendo gays, relações que variam segundo o contexto em que se dão e quais marcadores de diferença social estão em jogo em cada situação. O preconceito aparece como um nível ideológico, arranjando as relações segundo ideias-valores de um modo característico, produzindo agentes e mesmo

¹ O pesquisador entende que não convém citar os nomes dos programas, nem reproduzir imagens e registros realizados para fins de pesquisa a partir deles.

informando muitas de suas ações. Esta organização levaria os agentes a pretenderem ser menos “bichas” pela masculinização de si ou discríção, isto é, adequação normativa das suas performatividades de gênero, declarando-se como “machos” ou “discretos”, escarnecendo das “afeminadas” e pessoas trans², adotando padrões de beleza considerados mais heterossexuais, renegando políticas públicas para LGBT³, não apoiando bandeiras e pautas, não reconhecendo outrem etc., etc.. Organização esta que constitui territórios e códigos informados pelos diversos marcadores de diferença social – quem pode ser gay no enclave fortificado, quem o pode ser na favela? Ideologia pode ser entendida e funcionar mesmo em diversos sentidos. Pode ser como fonte coletiva dos preconceitos internalizados pelos indivíduos na socialização, cuja progênie são as discriminações. Também como um mecanismo que falseia as consciências, na medida em que esconde o processo de produção social, que engendra os agentes mesmos e suas concepções, apresentando-os como já prontos e acabados. Ressalte-se que esse falseamento também duplica a consciência, isto é, aliena o agente de sua autonomia na medida em que não reconhece outrem e nem a si mesmo em causas, tecnicamente, comutadas. Em que pese a variação dos marcadores de diferença social e seus entrecruzamentos, o marcador de classe social parece servir de pano de fundo, virtual e suposto, em geral implícito, organizando ou aglutinando os demais. Poderemos ver o preconceito interpares funcionando de modos distintos nos planos online e offline⁴; ou seja, no aplicativo o fenômeno aparece de um jeito, na interação face a face, de outro. Trata-se, em ambos casos, da mesma máquina social funcionando apenas em registros diferentes. Apesar do preconceito saltar aos olhos em um primeiro sobrevoou, ao imergir no campo, veremos que

-
- 2 Empregamos o termo guarda-chuva “trans” para abrigar aquelas pessoas cujo gênero e o sexo não convergem, sendo travestis, transexuais, transgênerxs, mas também não binárixs, *queer*, andróginxs dentre outrem que transgridem os limites das normas de sexo/gênero. Os demais termos êmicos serão definidos oportunamente ao longo do texto. Por convenção, utilizamos o x no lugar da vogal indicativa de gênero sempre que a língua não oferecer formas impessoais ou não marcadas por apenas um gênero; ademais, o x evita o binarismo de gênero nos casos em que este é transgredido.
- 3 Sigla de “lésbicas, gays, bissexuais e trans”; a denominação do movimento mudou muito desde 1970; designou-se a princípio por MHB – movimento homossexual brasileiro, depois GLB, GLT, GLBT, LGBT (ver FACCHINI, 2002), mais recentemente, há tendência de adicionar outras letras como Q de *queer* (que em inglês significa literalmente “esquisito” mas também algo como “bicha” ou “viado” em sentido pejorativo que foi ressignificado em alguma medida pelo movimento LGBT e pela teoria correspondente, chamada teoria *queer*; no Brasil, o termo inglês imigrou já distanciado de seu significado vexativo), I de intersexuais, + para simplificar as adições que hão de vir. Manteremos aqui a notação LGBT por estar mais divulgada e por praticidade. Esta questão linguística é discutida por Isadora Lins França (2006a) e Regina Facchini (2002), de quem emprestamos os esclarecimentos.
- 4 De acordo com o dicionário em linha *Priberam* da língua portuguesa, estes termos comportam as seguintes grafias em vernáculo: “on-line”, “online” e “em linha” (tradução direta); “off-line” e “offline” (sem tradução direta, mas que se poderia propor algo como “fora da linha”) – e que linha é essa? Certamente, não é a linha de fuga, é a linha telefônica, em referência à conexão cabeada da estrutura física da rede mundial de computadores. Por motivos de convenção e praticidade, utilizaremos sempre os termos sem hífen e de quando em vez em língua nativa. Disponíveis em: <<https://dicionario.priberam.org/off-line>> e <<https://dicionario.priberam.org/on-line>> acessos em 18-10-2018.

as pessoas buscam formas de fazer frente ao preconceito internalizado dos pares, constroem alianças, movimentos sociais, eventos, circulam, buscam outros territórios e há todo um fluxo de informações, pessoas e desejos que os agentes mobilizam para resistir ao preconceito. Fato é que a norma é quebradiça, frágil mesmo. Este aspecto do campo, os agentes ensinam-nos-ão como funciona.

Antes de entrar propriamente no assunto, cabe assinalar alguns acontecimentos marcantes para esta pesquisa e que desvelam sua urgência no contexto presente. Em meio a golpes de Estado, avanços dos microfascismos e golpes contra a multiplicidade social, lemos, em 18-09-2017, que a Justiça Federal do Distrito Federal tomou uma decisão, em caráter liminar, que deixa psicólogos livres para oferecer tratamentos contra a homossexualidade, impedindo que o Conselho Federal de Psicologia proíba os psicólogos do país de prestar atendimento referente a orientação sexual.⁵ Também cabe deixar registrado que as pessoas transexuais e transgênerxs⁶ permaneceram no CID-10 como categoria de distúrbio mental, cuja retirada foi anunciada ainda no ano de 2018⁷, para vigorar apenas a partir de 2022. O fato noticiado entorno do tratamento para orientação sexual repercutiu em veículos internacionais⁸. Outro assunto que gerou polêmica foi noticiado poucos dias antes, em 13-09-2017, em que se pode ler: “Queermuseu: o dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. Após protestos nas redes sociais, banco Santander encerra mostra que abordava questões de gênero e de diversidade sexual.”⁹. Esta última reportagem segue expondo argumentos e fatos desencadeados no local e nas redes, desde a visita de promotores de justiça à exposição até o rechaço veiculado por defensores ferrenhos da inocência e santidade da família e das crianças, ambas assexuadas, para total surpresa de pessoas como, digamos, o dr. Freud, por exemplo. Como o anterior, este acontecimento também repercutiu em veículos internacionais¹⁰.

É em meio a este cenário turbulento e revanchista (contra direitos humanos e minorias) que esta pesquisa foi concebida e desenvolvida. Dias de excruciação de exposições

5 Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/justica-permite-que-psicologos-tratem-homossexualidade-como-doenca-21838339>> acesso em 19-09-2017.

6 Considerando que a língua portuguesa possui apenas dois gêneros linguísticos marcados e que o plural mais genérico costuma ser usado no masculino, subsumindo os femininos e outrem, adotamos como convenção o “x” no lugar das vogais que marcam gênero (“o” e “a”), quando não houver nenhuma possibilidade corrente no vernáculo de utilizar plurais inclusivos ou palavras que não marquem o gênero, a despeito do plural masculino.

7 Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/oms-retira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-mentais.ghtml>> acesso em 11-12-2018.

8 Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2017/sep/19/brazilian-judge-approves-gay-conversion-therapy>> acesso em 19-09-2017.

9 Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html> acesso em 19-09-2017.

10 Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2017/sep/12/brazil-queer-art-show-cancelled-protest>> acesso em 19-09-2017.

artísticas, censuras mais ou menos veladas, retrocessos legislativos, reações, atrelamentos inauditos entre saber e poder, conservadorismo, crise social, microfascismo, fanatismo etc. etc.

Do ponto de vista macrossocial, parece fácil ver que as questões de preconceito e repressão estão postas. Elas estão colocadas às claras. Sem pudor. Outro ponto, mais sutil e mais complicado de ser demonstrado, é o microssocial, que reflete, insere-se e mesmo declina essas convulsões mais gerais nos seus termos locais, localizados, mundializados. O glocal, para utilizar a expressão de Thomas Hylland Eriksen (2001, p. 294 ss.), funde o global no local, operacionalizando as mediações necessárias, o que por vezes recai em uma colonização.

Um jornal de Marília, cidade-polo vizinha, um que circula no campo pesquisado e envolve agentes potencialmente participantes desta pesquisa noticiou um caso de homofobia em 04-11-2017.¹¹ No caso, havia um casal de gays na tal lanchonete que, em meio a seus afetos, foram “convidados a retirar-se” pelo proprietário porque as famílias presentes estariam escandalizadas. Que ninguém se engane, o caso repercutiu muito além da Universidade Estadual Paulista – Unesp/Marília, populares e mídias digitais.¹² O campo acadêmico também esteve sob ataque e podemos ler, logo na abertura de um debate (MISKOLCI; PEREIRA, 2018), registros do vínculo inaudito entre ignorância e intolerância que marcaram a visita da filósofa estadunidense Judith Butler ao Brasil em 2017.

Esse contexto de ataque ao gênero não é exclusivo do Brasil, abrange toda a América Latina e é um processo de longa duração que já se encrosta nos tecidos sociais latino-americanos, embora extrapole essa fronteira, sendo um processo mundial. Tal conjuntura está, no plano nacional, em inauditas articulações políticas (ALMEIDA, 2017) e em plano internacional, inclusive permeia os acirrados debates de organismos intergovernamentais, como explana Sonia Corrêa (2018): “Espelhando o escopo milenar de presença e ação da Igreja Católica, a cruzada contra o gênero foi, desde sempre, transnacional. [...] ela hoje se manifesta em todo mundo, mas com especial intensidade na Europa e na América Latina.”.

Feitas essas breves considerações, a fim de matizar o clima e os humores sociais em que esta pesquisa sucedeu, passamos a delimitar, de modo mais técnico, o objeto de estudos. Antes de prosseguir, definiremos um conceito nativo de gay, estruturante desta pesquisa, e que perpassa todo o texto. Julgamos que seria conveniente aportá-lo logo de início, ao invés de deixá-lo esparso no texto.

11 Disponível em <<https://marilianoticia.com.br/estudante-acusa-lanchonete-na-zona-oeste-de-homofobia/>> acesso em 04-11-17.

12 Por exemplo o jornal de grande circulação: <<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/estudantes-e-ativistas-fazem-ato-apos-casal-gay-relatar-discriminacao-em-lanchonete.ghtml>> acesso em 26-03-2018.

Sobre o conceito de gay mobilizado nesta pesquisa, partiremos do referencial empírico dado pelos interlocutores. Aquilo que eles reconhecem como um gay ou como características culturais que servem de diacrítico para dizer que uma pessoa seja gay é o conceito nativo. Como conceito analítico, não podemos perder de vista que não existe uma essência do que seja gay. Tampouco há um substrato biogenético ou psicogenético do que seria gay. O/a leitor/a reparará certamente que nem mesmo grafamos “ser” gay, mas sempre “devir” gay, que não é mero jogo de palavras nem retórica que flerte com o vocabulário deleuze-guattariano. Do ponto de vista do conceito, quando um ente qualquer “é” um predicativo qualquer, está pressuposta uma essência ou uma entidade estática, que inclusive deixa de devir, isto é, não “está tornando-se”, “é”.¹³ Como alternativa, o devir supõe um “tornar-se” incessante, uma identidade que se estabiliza em um dado momento e que, muito embora não mude de nome, quando a comparamos entre dois momentos temporais distintos, vemos que são coisas diferentes. Esse, aliás, é o paradoxo constitutivo da identidade, segundo Deleuze (2011 [1969]). Alice, escreve o autor em referência à protagonista de *Alice no país das maravilhas*, em um momento do dia tem seu tamanho normal, a seguir, seu é pequena, ou seja, menor em relação ao anterior, depois ela cresce e de novo o tamanho é outro que não os prévios. Alice continua, a despeito disso, sendo chamada e chamando a si mesma de Alice, mas não é a mesma. Esse paradoxo é visível nas identidades LGBT e todas as letras quantas mais forem necessárias para abarcar toda a multiplicidade de gêneros. Dessa forma, o gay em São Paulo capital dos anos 1970 costumava ser identificado com a “bicha louca”, o “pederasta” e mais tarde com o “militante homossexual” que atuava em algum setor do movimento social. Hoje em dia, na região de Bauru e Marília¹⁴, a qual se convencionou chamar “Noroeste” ou apenas “Oeste paulista”, essa identidade de gay está deslocada. Não é necessário que o agente participe, milite, conscientize-se ou atue em movimento social para aderir à identidade. Qual é o referente dessa identidade na temporalidade em questão? Formas de pensar, agir, comportar-se e desejar específicas estão imbricadas nela. Os interlocutores referem-se a gay como um indivíduo cujo sexo assinado é tido como masculino e cujo desejo é homoerótico, tendendo a levá-lo a intercursos sexuais e afetivos com outros indivíduos similares. Mas não é só isso, porque algumas performatividades destoam e são excluídas.

13 Segundo Deleuze (2011 [1969]), este verbo requereria ser usado no tempo médio indeterminado, chamado aoristo, que não existe mais nas línguas modernas, mas podem ser encontrados em línguas clássicas como o sânscrito ou o grego; é o tempo do éon, que discorda do tempo cronológico. Em português, algumas orações que utilizam o pretérito imperfeito, o mais-que-perfeito e formas condicionais do modo subjuntivo aproximam-se desta ideia.

14 Este trabalho foca e limita-se à cidade de Bauru; entretanto, as referências ocasionais a Marília devem-se ao fluxo intenso de pessoas e mercadorias entre as duas cidades, sendo este fluxo inclusive reconhecido e valorizado por interlocutores que participaram da pesquisa.

Edward MacRae (1982) já discutia esse rechaço, inclusive no âmbito do movimento social. O ponto aqui é que o termo *gay* não se refere unicamente ao desejo e, quiçá, à performatividade de gênero, ele entrecruza marcadores de “raça”, escolaridade, geração, entre outros, e está informado e mesmo supõe um ponto de vista de uma classe social; e daí cabe apontar que o conceito operacionaliza diversos marcadores, mesmo quando usado sem maiores reflexões pelos interlocutores. Quer dizer, se a palavra *gay* tende a ser reservada para homens brancos, talvez pardos, com traços tidos como masculinos tais como voz grossa, barba, pelos, corpo musculoso e trejeitos (isto é, performatividade de gênero) que não se confundam com o que se chama “jeito de viado, jeito de bicha”, conseqüentemente, está-se cortando fora, na outra ponta da série, homens de classe social desfavorecida, cuja performatividade de gênero não encaixa no ideal de *gay* que em linguagem *gay* ganha o título de “macho”, não são “discretos” nem “sigilosos”, são “escandalosos”, “afeminados” e “afetados”, falam “mole” etc. etc.. Isso pode ser depreendido das falas de pessoas comuns (*gays* ou não) e pode ser lido nos perfis de aplicativos (*e.g.*: “sou e curto macho”, “sou discreto e procuro semelhante”, “não sou e nem curto afeminado”). Quanto à classe social, precisa ser exarada de fatores como bairro em que o agente reside, grau de escolaridade e emprego – em todos esses elementos, a cor da *cutis* e a performatividade de gênero possuem grande peso e praticamente polarizam os tipos gerais. Considerando tudo isso, compreendemos por que o homem residente em bairro periférico, sendo pobre, em geral com menos anos de estudo e ocupando, se for o caso, subempregos, recebe a alcunha de “bicha preta de bairro ou de favela” e o rapaz que mora em bairros mais centrais ou enclaves fortificados comumente é branco, mais rico, tem mais anos de estudo, está mais bem empregado e faria assim jus ao termo higienizado “*gay*”. Obviamente há matizes, variantes, misturas e borrões nessa série; aqui estamos apenas exasperando para demonstrar que o termo *gay* opera como conceito que intersecta marcadores de diferença social e pode inclusive produzir preconceito e exclusão. *Gay* não é um monólito homogêneo, é antes um território cheio de fissuras, estrias, estratos, amaranhados de códigos e símbolos. Nesse sentido, nota-se que os interlocutores de cidades de médio porte do interior paulista adotam o vocábulo de forma naturalizada, não contextualizada, não historicizada, não problematizada. Sabemos que, na capital do Estado, o termo inglês foi introduzido nos anos 1960-1970 por uma elite intelectual que tinha acesso a fontes internacionais em língua inglesa proveniente do movimento social de outros países (FACCHINI, 2002). Para deixar de lado um pouco a capital, o termo *gay*, vulgarizado hoje nas cidades de médio porte do interior, pode ser menos utilizado nos dormitórios circunvizinhos, cidadezinhas em que a solidariedade mecânica

consome parcela da liberdade individual, a ponto mesmo de nessas cidades pequenas o palavreado variar entre “bicha”¹⁵ e “viado”¹⁶, ignorando “gay”, e ser veiculado quase exclusivamente como aviltamento e ofensa, gerando nas pessoas uma aspiração de menor controle, que elas almejam e buscam nas cidades-polo.¹⁷ Quer dizer, o termo gay é uma identidade em disputa. Guy Hocquenghem (2009 [1972]), inspirado em Deleuze e Guattari, explora a polivocidade do desejo e acaba por evidenciar, logo nos primeiros parágrafos de seu texto, que “heterossexual” e “homossexual” não passam de recortes arbitrários que intentam, no capitalismo, tensionar os limites morais e incluir na própria lei o que está fora da lei – exemplo de mais-valia de código. Nesse sentido, o autor propõe entender que mesmo uma escala Kinsey¹⁸ encara a dificuldade de polarizar heterossexuais e homossexuais exclusivos. Como categorizar os outros 46%? – pergunta Hocquenghem. Cabe deixar anotado que a reserva a determinadas pessoas de termos como gay, bicha e “hétero”¹⁹ segue a produção social e não consegue controlar a multiplicidade desejante. É importante não perder de vista que o problema acaba recaindo sobre quem é o homossexual, que tipo de pessoa, qual cor de tez e qual classe social – fatores que agravam ou amenizam o “problema” – e não exclusivamente sobre o desejo. Finalizando, precisa ser trabalhado conceitualmente um devir e buscado na sua sociogênese, pois que mobiliza afectos, leva as pessoas a contagiarem-se com tais e tais acontecimentos e a fugirem para territórios outros a fim de devirem gays e não bichas, por exemplo.

Preconceito é outro conceito-chave. Antes do mais, convém excisar homofobia de preconceito. É claro que existem convergências históricas e conceituais entre ambos, e toda

15 O termo é controverso. Green (2000) chega a propor que pode ter origem no francês *biche* que designa a fêmea do veado (ver nota seguinte); também sabe-se que este termo seria mais regionalizado, sendo oriundo do nordeste brasileiro, onde designaria certos invertebrados anelídeos, e que, introduzido no sudeste, serviu de xingamento a gays, especialmente efeminados.

16 Termo originariamente pejorativo, claramente reservado ao passivo efeminado, que, seguindo aqueles processos simbólicos culturais de metáfora e metonímia, compara um homem sem trejeitos masculinos a um animal – menos homem e menos humano – e designa-o como alguém que salta, “desmunheca” e corre por aí.

17 Esta questão será explorada mais sistematicamente no capítulo 2 e está diluída nos capítulos 1.

18 Trata-se de um método de classificação estatístico contínuo que ganhou destaque nos EUA após a segunda guerra. A partir de pesquisa demográfica censitária, Alfred Kinsey e sua equipe propuseram uma escala de seis graus entre homossexual exclusivo e heterossexual exclusivo, entremeados por quatro níveis, totalizando seis. Segundo o número de frequência de intercursos sexuais homoeróticos ou sua ausência, um indivíduo poderia ser contabilizado em uma das seis categorias. A problematização de Guy Hocquenghem, e outros tais como Katz (1996), Gagnon (2012) e Plummer (1998), refere-se a desestabilizar o recorte homossexual:heterossexual, isto é, se uma pessoa, efetivamente, ínfima parcela da população, não pode ser classificada como homossexual exclusivo, ela seria meio a meio? Bissexual? O quê? Ou seja, a escala Kinsey, por acidente, denuncia a fragilidade e artificialidade da classificação.

19 Neste ponto, são os termos ênicos da maneira como os agentes valem-se deles e que expusemos rapidamente no parágrafo. Gay é o homossexual respeitável em vários sentidos, bichas e viados são os aviltados e “hétero” é o homem que vive uma vida dupla de feiticeira, buscando com a avidez de um rito, ao entardecer, perder o ônibus e demorar-se de maneira furtiva no cinema e que, sem embargo, tem mulher e filhos, daí ser chamado “hétero”.

uma gama de conceitos dos mesmos filo e horda (HEREK, 2004; KIMMEL, 1998; WELZER-LANG, 2001). Neste ponto, importa salientar preconceito como conceito analítico. Não é comum que um interlocutor veicule o termo, ainda que no sentido do senso comum. Alguns interlocutores falam de suas preferências afetivo-sexuais enquanto gostos pessoais. De sorte que dizem: “não curto afeminado, questão de gosto” ou ainda “não curto gordos, não é preconceito, apenas não sinto tesão”. Esse tipo de afirmação pode ser encontrado e lido com facilidade nos perfis de aplicativos. Um informante repentino, com quem travamos diálogo durante uma observação em campo, reiterou também que “se não quero ficar com alguém por causa dessa ou daquela característica é questão de gosto e não preconceito”. De fato, cada um sabe de si e fica com quem quiser, ninguém é obrigado a “fazer a linha politicamente correta” e “ficar” com alguém para parecer “descolada” ou “desconstruída”. E ninguém faz isso, realmente. Mas o ponto crítico é que essa visão das coisas individualiza tudo e descontextualiza um problema que tem fonte coletiva (PLUMMER, 1998 [1981]). Preconceito como conceito serve para sinalizar que essas exclusões não são caprichos individuais, mas refletem e mesmo reafirmam o contexto sócio-histórico que originou as relações sociais no formato em que as vivemos. O conceito visa ainda caracterizar essas relações e seus contextos no entrecruzamento dos diversos marcadores de diferença social. É assim que sempre que nos deparamos com um gay, conceito nativo, poderemos ouvir dizer que “não curte”, não sente atração afetivo-sexual, pela bicha preta de bairro ou por uma bicha-pão-com-ovo²⁰ ou afeminada etc., ademais de todos aqueles que não lhe são iguais. Mais do que um mero capricho do desejo individual, vemos aí um corte de classe, outro de “raça”, um de performatividade de gênero, se a bicha preta de bairro tiver concluído apenas o ensino médio, teremos por cima um corte de escolaridade, se houver um intervalo etário considerável, um corte geracional. Ora, esses cortes provêm da coletividade, nem que seja da fatia em que o indivíduo fora socializado, mesmo assim, são problemas coletivos e que podem ser encontrados em outros indivíduos, digamos, heterossexuais, por ocasião de outras relações, digamos, vínculos empregatícios, relação entre empregador e empregado, e que se descolam de uma suposta preferência ou gosto individuais. Novamente, recorreremos aqui à exasperação a título de exagerar e tornar clara a demonstração de que alguns argumentos dos agentes podem carecer de respaldo ou ainda ser falaciosos do ponto de vista antropológico. A fonte e a progênie dessas exclusões camufladas sob a rubrica de “preferências” e “gostos”

20 Outro termo em disputa, significando dubiamente um menino gay pobre e quiçá negro ou pardo que mora em bairros afastados e se alimenta mal (come só pão com ovo); ou, alternativamente, um gay que todo mundo “come”, ou seja, passivo, efeminado e versão gay da vadia, entendido, nesse sentido, como alguém que “não se dá” e logo “não merece” respeito.

individuais é o preconceito social. As atitudes dos agentes, suas performatividades, corpos, sinais diacríticos e outros símbolos também podem marcar esse preconceito. Falamos, com efeito, de preconceito interpares porque se trata de focar o preconceito de um gay contra outro, encontrar as fontes sociais do fenômeno e buscar compreender como os marcadores de diferença social estão funcionando ali. É importante ressaltar que o campo contém elementos, se não *sui generis*, pelo menos pouco explorados nas pesquisas que tocam na temática e problemática. Este conceito de preconceito, ligado ao de gay, desestabiliza as colocações corriqueiras, naturalizadas para as pessoas em geral, e permite questionar até que ponto um termo tão vulgarizado neste lugar e nesta temporalidade, como é o termo “gay”, ora serve ora não serve para incluir todo o espectro de devires-gay que existem. Como pode ser que um homem que busca e obtém intercursos sexuais com outros homens, digamos, no cinemão²¹, só por ter esposa, filhos e família é (ou intitula-se) heterossexual? Por que o gay padrão classe média-alta é mais aceitável ou tolerável do que um oriundo de classe média-baixa? Devir-gay é uma hecceidade²² produzida pela máquina social; e sendo uma produção esquizofrênica (DELEUZE; GUATTARI, 2010), ao mesmo tempo que produz, gera resíduos, isto é, seus contrários, sua antiprodução e que culmina nessas contradições.

É importante salientar que o preconceito apresentou-se como uma questão inicial de pesquisa. Os agentes, o campo e a pesquisa demandaram desprender-se dele. Não é porque existem preconceituosos que as pessoas deixem de seguir seu devir ou procurem normalizar-se. Muito pelo contrário, informações circulam através de movimentos sociais, bem como pela escolarização, redes sociais (*Facebook* e outros aplicativos), canais do *YouTube*, mesmo o mercado musical rosa²³ brasileiro que atualmente está apostando suas fichas em *drags* cantoras e até séries de programas de mostras realistas, como por exemplo *RuPaul drags’ race*, e outros ficcionais, publicados pela *Netflix*. Todos esses elementos aportam discussões às pessoas de tal modo que, ainda que prescindam do engajamento no movimento social, acessam informações que as municiam ante aos recrudescimentos.

21 Este termo, no campo ora pesquisado, refere-se a um cinema que exhibe filmes pornográficos e que ocasiona uma zona de saturação sexual. O caso concreto será explorado adiante.

22 Deleuze e Guattari (1997, v.4, pp. 32 ss.) operacionalizam este termo para falar de acontecimentos sem sujeito, relacionado a devires, em que propõem que o indivíduo antes atravessa acontecimentos que em grande parte não dependem dele, mas que ele teria liberdade – ou deveria angariar meios para gozar dela, ou seja, fugir das amarras sociais – para escolher o que sentiria e com quais hecceidades contagiar-se-ia. O acontecimento antes contagia e afeta os agentes, daí o termo afecção.

23 Ou *pink market*, termo que se refere a produções massificadas cujo público-alvo são xs LGBT e não visa militância nem conscientização, mas tão somente vendas. Esse segmento, grandemente situado no mercado fonográfico, vem recebendo duras críticas, inclusive da comunidade LGBT. Poderia ser comparado com o caso do mercado GLS (FRANÇA, 2007b).

1. Antecedentes, preconceito interpares e o atual e o virtual

Outrora, nos idos de 2013-2014 empreendemos uma etnografia como trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de bacharel em ciências sociais pela Universidade Estadual Paulista – Unesp/Marília, em que buscávamos descrever como as relações sociais entre gays organizavam-se em Marília/SP. Na época, terminando a graduação, propusemos que os gays da sociedade mariliense formariam um grupo cindido em duas partes, uma mais desterritorializada e menos heteronormativa e outra menos desterritorializada e mais heteronormativa, contendo graus infinitos de variação e desterritorialização entre um polo e outro, quer dizer, entre operacionalizar um etos heteronormativo ou não. Confessamos que nos causou estranhamento quando ouvimos interlocutores declararem, de maneira paradoxal, que “a culpa de os gays serem malvistas na sociedade é das bichas-pão-com-ovo” ao passo que havia outros que “achava lindo tudo aquilo: as pessoas, as músicas, as baladas; ao começar a frequentar o meio LGBT, senti que poderia ser amado, respeitado, querido como eu era, tive apoio para me assumir para a família, tive amigos”²⁴.

Duas formas de acontecimentos. Duas hecceidades. Dois regimes de homossexualidade. Dois regimes de visibilidade e armário. Duas formas de devir-gay – ato contínuo, dois processos de construção de identidades de homens gays, questão daquela pesquisa. Não que sejam apenas dois, mas o que parece é que as pessoas polarizam-se em dois extremos, sejam binarismos, sejam dicotomias. É claro que há graus de variação, matizes entre um e outro e pessoas dispostas entre e por toda extensão dos polos, contudo, no fundo, o modo de operar da máquina social tende ao binarismo. Daí o recurso descritivo, e somente descritivo, à polaridade e ao binarismo. Quando tentamos, naqueles dias, em um ensaio no caderno de campo, inédito, justapor as parcelas homossexual e heterossexual da sociedade mariliense, a análise tornou-se mais exigente. Quer dizer, não existe propriamente uma solução de continuidade que dilui gradativamente a homossexualidade até a pessoa tornar-se ou passar-se por heterossexual (a exemplo da escala Kinsey); a recíproca também é falsa, não há graus de passagem entre uma heterossexualidade presumida até uma homossexualidade. Mas existe um conceito-limite que é o de “discreto”, ou “enrustido”, ou “no armário”, ou ainda “encubado” e outras variantes. Não aprofundamos no assunto naquela ocasião porque não era propriamente o foco, mas comentamos que nos aplicativos de relações afetivo-sexuais de celulares inteligentes e em sítios de paquera era possível encontrar os apelidos “X discreto” *et varia*, e indicamos ainda que os mesmos agentes esbravejavam aqui e ali suas regras de

24 Essas declarações estão registradas nas entrevistas que realizamos e citadas na nossa monografia (DE CICCIO, 2014). Recorremos à memória e não à citação para evitar autoplágio e, mais importante, causar recurso estilístico de uma memória evanescente situada no passado.

interação, as quais Gibran T. Braga (2013) sintetizou nos conceitos de machonormatividade e de igualitarismo unilateral. Hoje sabemos, esse brado cisnormativo não passa de mais-valia de código (DELEUZE; GUATTARI, 2010; 1997, v.4); aqui a mais-valia de código está em que o binarismo e a polaridade impingem até mesmo as sexualidades e gêneros não normativos.²⁵ Chamávamos as “bárbies” e “bills no armário”²⁶ de conceito-limite porque, do ponto de vista conceitual e exclusivamente metodológico, elas representariam um limite matemático²⁷, e por isso mesmo sempre mais distante e inalcançável, infinitesimal, entre homossexualidade e heterossexualidade – qualquer ponto de cisão dado entre esses modos de desejo, sempre haveria um ponto ou termo que atravessaria esse limite, tentando ficar “entre” elas ou apenas aproximando-se de uma delas, sem deixar-se conceituar de maneira peremptória; por outras palavras, não há cisão absoluta, apenas conceitos-limites. Importante anotar que isso é abstração do pesquisador, mas que, sem embargo, o limite funciona na realidade social na medida em que as pessoas buscam subterfúgios em função de determinadas categorias para não se deixarem identificar ou não se reconhecerem como tal. Exemplo concreto: a categoria nativa “discreto”, vastamente empregada nos aplicativos, assinala um homem que possui desejo homoerótico, mas cuja performatividade de gênero é normativa ou cisgênero; sói acontecer de esta pessoa sujeitar-se às normas binárias de sexo/gênero e evitar mesmo frequentar locais que o público LGBT costuma visitar (digamos, uma balada LGBT); este sujeito “discreto” é homossexual? Heterossexual? Bissexual? Gay? Gosta de outrem cujo gênero lhe é semelhante, mas não se reconhece no termo genérico “gay”, como classificá-lo? A resposta é que não há uma tal identidade que tenda à fixidez eterna; as pessoas entram em devires, entram em contato com aqueles que se reconheçam e possam ser identificados como gays ou evitam este contato, interrompendo assim um devir, nem que seja para não serem taxadas como gays. Estes devires são agenciamentos coletivos que desterritorializam as

25 Procuramos explicar os conceitos, sua operacionalização nesta pesquisa e mediações necessárias na seção anterior.

26 Termos êmicos em voga naqueles tempo e lugar. Refere-se como *bárbie* o homem que tem físico torneado e tende a forçar uma masculinidade que lhe falta, segundo os parâmetros do senso comum; e *bill no armário* é aquele gay que “não se assume”, não se declara, oculta sua sexualidade.

27 O limite é quase sempre utilizado por Deleuze no sentido de limite matemático ou limite de uma função – para infortúnio deste pesquisador. Dada uma função $f(x)$ e um limite L , definido pela diferença entre dois pontos (x_1-x_0) , dentro do conjunto domínio da função, o limite é o número x que tende a aproximar-se do intervalo de diferença, sempre infinitamente menor e que está dentro do intervalo dos pontos; em termos técnicos, quando um número x tende a x_0 e está dentro do intervalo de L , temos um limite da $f(x)$; este limite é abstrato, suposto e inalcançável porque, quanto menor o número procurado, menor o intervalo da função, ou seja, a função faz com que o número “sempre” caia dentro do seu limite, ainda que “aparentemente” afaste ou aumente seu limite infinitamente. Para Deleuze, o limite matemático serve para abstrair e compreender de que modo as funções da máquina social sempre tentam abarcar as diferenças dentro dos limites, prendendo todos os pontos sempre dentro de seu domínio. O limite é da ordem das variáveis moleculares, da segmentaridade e da micropolítica; a função é da ordem dos grandes conjuntos invariáveis, chamados molares, das unidades ou polos e da macropolítica.

normas de sexo/gênero e arrastam as variáveis de seus lugares, fazendo surgir a possibilidade de subverter identidades heteroatribuídas, *i.e.*, imputadas por outrem. O devir constitui assim e mesmo instaura uma linha de fuga. A categoria “discreto” e similares tendem ao limite da função sexo/gênero²⁸, ficando sempre de soslaio, atadas a um conjunto molar de regras que garantam uma identidade fixa (homem), alheia (hétero) ou dominante (macho), sendo indiscernível até que ponto pode-se realmente falar em uma cisão entre heterossexualidade e homossexualidade, masculinidade e feminilidade.

De tudo isso, resultou a pesquisa que agora se apresenta. Algum tempo depois da pesquisa do bacharelado, em 2016, retomamos questões que ficaram em aberto na monografia e, a partir do levantamento bibliográfico que realizamos, percebemos que nenhuns/mas autores/as conceituavam esses problemas de gênero e visibilidade como preconceito. Aparecem conceitos de marcadores de diferença social, regimes de visibilidade, armário, ambivalência, dentre outros. O preconceito interpares foi um momento importante a ser atravessado. Porém fica como registro, pois que o interesse são os pontos de fissura da norma, *.e.*, não interessa tanto como a norma tenta de novo e de novo incorporar as linhas de fuga, sempre há pontos em que a norma é quebrada e por onde os desejos não cessam de fugir.

Entende-se preconceito como a disposição psicológica, da ordem de um entendimento limitado, e comportamental que o/a agente interiorizou no decorrer de seu processo de socialização. O preconceito é social, podendo ser individualizado na medida em que a pessoa adira-lhe e manifeste-o – neste último caso, cabe-lhe o conceito de discriminação, o preconceito em ato. As pessoas nascem e crescem em meios tais em que preconceitos diversos, inerentes ao senso comum, grassam. A convivência com a multiplicidade pode minar o preconceito – e este é o sonho, a idealização, a aspiração desde o início de movimento LGBT no Brasil e mesmo nos EUA (FACCHINI, 2002; MACRAE,

28 Nesta pesquisa, sexo/gênero faz sempre referência à teorização de Gayle Rubin (1973; 1984), como um sistema macro e micropolítico que regula as relações entre homens, mulheres, desejos, gêneros e sexualidades. Por função, novamente um conceito matemático empregado por Deleuze, que não é o mesmo que sistema, implicamos que este mesmo sistema sexo/gênero é operacionalizado pela máquina social como uma função, ou seja, conjunto de axiomas, regras e códigos que regulam o comportamento de variáveis, buscam mantê-las dentro de seu domínio e fazê-las comportar-se segundo suas regras ou eliminar os elementos que lhe fujam. Não se trata propriamente de uma inovação, mas uma mediação conceitual entre a reflexão de Rubin e a de Deleuze e Guattari. Cabe ainda explicitar que uma função não é, como na sociologia funcionalista à moda de Durkheim ou na antropologia funcional-estruturalista à Radcliffe-Brown, o papel que uma instituição cumpre na organização do todo social, como a função de um órgão ou parte em um corpo ou organismo no paradigma da biologia; a função aqui é um conjunto de regras abstratas que conectam ou cortam fora as partes no processo de produção social, produção que abarca inclusive a antiprodução, os dejetos, resíduos e rejeitos que a máquina social produz com o fito de excluir e eliminar; estas regras são aplicadas por toda parte, repetidas por diversos agentes, ressonando de vários centros de poder, compondo antes uma rede ou rizoma e palavras de ordem de um regime de signos (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.2; 2010).

1982; 2005 [1983]) e que persiste algures, inclusive nesta pesquisa.

O fato de alguém ser preconceituoso/a não significa que essa pessoa exteriorize verbalmente seu prejulgamento – o que se chama discriminação. É muito comum, nas interações quotidianas em contexto brasileiro, que as pessoas tenham “preconceito de ter preconceito”. Lilia K. M. Schwarcz (1998) problematiza essa questão no tocante à população negra do Brasil e ao racismo. São aquelas falas de que “não tenho preconceito, até tenho amigos/as” ou mesmo reprimendas, em situações de público, contra preconceituosos/as e atos discriminatórios, mas que, em situações privadas, caem por terra. Esse aspecto de esconder o preconceito também acomete os gays (e outrem LGBT), inclusive no preconceito dirigido contra outros gays²⁹. No caso brasileiro, dir-se-ia que faz parte da cordialidade, nos termos de Sérgio B. de Holanda (1995 [1936]). Preconceito é diferente de discriminação, esta sendo a exteriorização daquele, mas de modo a restringir, impedir, limitar acesso de determinadas pessoas a bens e relações sociais, diferenciando-as, *i.e.*, discriminando-as. Cabe lembrar que acontecem, desde que há notícias, situações vexatórias e aviltantes em público, a despeito da cordialidade. A tese de James N. Green (2000, p. 301) sinaliza que classes sociais médias-altas foram as primeiras a adotar o modelo igualitário gay-gay sob a égide do termo então recém-importado e subversivo “gay”, relegando às classes médias-baixas o modelo hierárquico bicha-bofe e as suas performatividades de gênero tidas como efeminadas. A monografia histórica de José Fábio Barbosa da Silva (2005 [1958]) registra essa mesma cisão de classe social entre modelos de relacionamento, performatividades de gênero e reconhecimento ou abjeção entre gays. Mais recentemente, França (2010) explorou diversos padrões de consumo e estilo de vida e a maneira como eles informam os cortes de classe social e entrelaçamento de marcadores de diferença social.

Foram alteradas de tal maneira as relações sociais, especialmente as mediadas por redes sociais virtuais, que um/a usuário/a da rede poderia publicar sua opinião sem preocupar-se, teoricamente, com outrem, em qualquer sentido. Ocorre que a rede virtual dá a impressão de segurança para regurgitar preconceitos com uma suposição de anonimato e opção de bloqueio. Esse caráter deletério, líquido para usar a expressão de Zygmunt Bauman (2001), é acompanhado da fragilidade da discussão, quer dizer, os comentários restritos a, digamos, quarenta caracteres são insuficientes para desenvolver qualquer discussão ou raciocínio – quando acontece de possuir mais de quarenta caracteres, o programa “corta” a publicação e as

²⁹ Claro está que não ignoramos a existência de tensões entre lésbicas e gays, lésbicas e lésbicas, gays e heterossexuais etc. Também sabemos que há relativa carência de produção acadêmica sobre outros/as agentes e problemáticas. Entretanto, o foco e escopo desta pesquisa dirigem-se aos gays, exclusivamente. Oxalá este esforço resulte em ferramentas para desenvolver outras pesquisas.

pessoas não abrem a aba “leia mais” para concluir a leitura.³⁰ O sociólogo estadunidense Charles Wright-Mills propõe uma separação entre a sociedade de públicos e a de massas (WRIGHT-MILLS, 1962, pp. 354 ss.); essa distinção conceitual implica que a sociedade que cria grupos de discussão e forma opiniões é a de públicos, mas aí a ordem democrática participativa direta, se não datada, é requerida; conquanto que na sociedade de massas não se formam opiniões, apenas controla-se a informação e, falência da democracia, representam-se as decisões sem interlocução com a massa, sendo esta assim denominada porque é entendida como grupo homogêneo e indistinto de pessoas, em um sentido que vilipendia as pessoas. Ainda, para sermos mais deleuze-guattarianos, essa esquizoanálise de problemas individuais e coletivos via rede reduz-se a *slogans*, palavras que funcionam como platôs (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.1, pp. 31, 33, 35). De acordo com os autores, o *slogan* poderia sim funcionar como gatilho que deslindaria as palavras de ordem da normatividade. Aqui lidamos com ele quando abordamos, nos capítulos que seguem, o uso de *hashtags* (#) e outros marcadores que produzem mecanismos de busca, rastreamento e criam uma verdadeira rede virtual.³¹

Uma mediação importante, que anotamos a título de remarque, é que existe um argumento corrente de que “nunca foi fácil ser LGBT” e que não haveria propriamente uma perda ou retrocesso de direitos sociais, humanos e sexuais no Brasil contemporâneo. Estes argumentos possuem seus respaldos, a nosso ver. Mas não refutam a leitura dos problemas sociais como preconceito e retrocesso porque, como os argumentos pressupõem, o contexto de avanço dos microfascismos no Brasil apenas trouxe à tona, à consciência mais superficial e às interações quotidianas, as ansiedades e ódios latentes, recalcadas, para empregar o termo de Freud, das camadas mais profundas, inconscientes e coletivas. O microfascismo funciona, de acordo com Deleuze e Guattari (1997, v.2, v.3) como uma linha de fuga que declinou em desejo de morte a partir do momento em que as pessoas, em um dado agenciamento coletivo, perderam de seu horizonte sócio-histórico as possibilidades de saídas para os problemas. Se as insatisfações gerais pululavam nas manifestações de Junho de 2013 como uma possibilidade

30 Pode parecer taxativo. Queremos somente salientar efemérides de atrito e intolerância legíveis online. Sabemos que existem grupos e listas de discussão responsáveis, coerentes e qualificadas para apoiar qualquer pessoa que se lhes dirija procurando ajuda.

31 Quando um usuário prefixa uma palavra com # ou @, o programa da rede liga páginas, informações, perfis, usuários etc. e permite busca, pesquisa, análise, quantificação dessas informações prefixadas. Via de regra, todas as redes virtuais utilizam o # para palavras-chave que os usuários queiram marcar e que podem ser rastreadas por outrem; já o arroba (@) geralmente marca e liga apelidos de usuários e seus perfis, inclusive algumas redes notificam o usuário quando mencionado com @ por outrem. Daí o funcionamento, entrecruzamento e pesquisa em rede virtual. No caso desta pesquisa, utilizamos um aplicativo que, até onde conhecemos, é o único que disponibiliza pesquisa com esses prefixos e inclusive orgulha-se de alegar em suas propagandas ser a única ou a primeira rede social gay – que funciona com notícias, notificações, perfis, mensagens entre usuários, álbuns e prefixos.

de fuga e resolução dos problemas sociais criados pelo capitalismo, esta linha de fuga fora capturada pelos aparelhos ideológicos de Estado (propaganda, religião etc.) e sabotadas, atiradas dentro de um buraco negro de onde não conseguem escapar e de onde perdem de vista o horizonte outrora vislumbrado, sendo pervertida a linha de fuga em redemoinho cujos motes são anticorrupção, antipetismo e anticomunismo. Ou seja, se os/as preconceituosos/as agora sentem-se representados/as e mais confiantes em aviltar as pessoas, o preconceito já estava lá, suposto e latente, e somente escancarou-se. Dar nome de preconceito a essa disposição ideológica é importante nessa conjuntura de inflexão. Cabe ainda lembrar que o conceito de preconceito aqui está intimamente ligado às fontes coletivas que levam os indivíduos às práticas discriminatórias, sendo um dos objetivos da pesquisa compreender esses agenciamentos coletivos, muito mais do que registrar diuturnamente os atos vexatórios, já conhecidos e, poder-se-ia dizer, óbvios ou objetivos.

A propósito da ideologia, e arrematando a questão do racismo, sabe-se que este possui uma dimensão ideológica³² no Brasil (ver por exemplo FERNANDES, 2013 [1964], 2 vols.; SEYFERTH, 1995; SCHWARCZ, 1998). Em suma, o racismo funciona como uma ideia-valor que organiza relações sociais. É da discussão sobre racismo e antirracismo, bem como das teorias pós-coloniais que precisamos aprender a ver como alguns preconceitos e discriminações, no caso desta pesquisa, que atingem gays, funcionam como ideologia; isso, claro, sem prejuízo da teoria *queer* e as teorias de gênero que abordam propriamente a questão. Não é nossa intenção suturar um campo teórico-conceitual para unir todas essas vertentes, mas essas distinções conceituais, bem como a menção a suas origens teóricas e epistemológicas era mister. Voltamos agora ao tema desta pesquisa.

Faz-se mister compreender que o preconceito interpares sob análise aqui guarda esta mesma dimensão ideológica, organizando relações sociais, levando os agentes a pretender ser menos “bichas” pela masculinização de si ou discrição das suas performatividades de gênero, declarando-se como “machos” ou “discretos”, escarnecendo as “afeminadas” e pessoas trans, adotando padrões de beleza considerados mais heterossexuais, renegando políticas públicas para LGBT, não apoiando bandeiras e pautas, não reconhecendo outrem etc., etc.. Organização esta que constitui territórios e códigos, informados pelos diversos marcadores de

32 Veiculamos o conceito de ideologia segundo a leitura de Louis Dumont (2008, p. 51, n. 1a), para quem importa: “[...] o lugar das ideias, das crenças e dos valores, em uma palavra, da ideologia na vida social [...] A palavra ‘ideologia’ designa comumente um conjunto mais ou menos social de ideias e valores [...]”. Há aí uma crítica ao marxismo e uma sombra evidente da influência de Karl Mannheim. Por outro lado, também empregamos o conceito no sentido dado por Deleuze e Guattari (1997, v.2), o qual, por sua vez, advém da leitura de Louis Althusser (s/d). Não pretendemos uma síntese de correntes conflitantes aqui. Sinalizaremos no texto o sentido do conceito utilizado. Uma discussão teórica sobre ideologia no meio LGBT virá adiante.

diferença social – quem pode ser gay no enclave fortificado, quem o pode ser na favela? Ideologia pode ser entendida e funcionar mesmo em diversos sentidos. Pode ser como fonte coletiva dos preconceitos internalizados pelos indivíduos na socialização, cuja progênie são as discriminações. Também como um mecanismo que falseia as consciências, na medida em que esconde o processo produtivo social, que produz os agentes mesmos e suas concepções, apresentando-os como já prontos e acabados. Ressalte-se que esse falseamento também duplica a consciência, isto é, aliena o agente de sua autonomia na medida em que não reconhece outrem e nem a si mesmo em causas, tecnicamente, comutadas. Os códigos estão todavia supostos e regem as possibilidades de trocas sociais, produzindo mercadorias e moedas específicas. Estes códigos são copiados pela máquina social e reinseridos no processo de produzir sujeitos ideologicamente enquadrados. Cabe outrossim salientar a produção ideológica de sujeitos (THERBORN, 1996), pessoas assujeitadas às palavras de ordem que irradiam dos diversos centros de poder da sociedade e ressoam em seus vários agentes de repressão. Trata-se aí da ação do *socius inscriptor* (DELEUZE; GUATTARI, 2010), do corpo social inscrevendo os agentes em determinados grupos, limitando-os aos agenciamentos coletivos específicos do grupo e causando produzir as relações sociais nos moldes que estão aí.

O preconceito interpares aqui tratado é aquele que acontece entre um e outro homossexuais. É preconceito porque aciona uma série de valores e prejulgamentos contra um par (um gay contra outro, por exemplo). A pesquisa atravessou essa discussão, posto que o campo e os agentes demandaram-na, o fenômeno não pode ser ignorado pela pesquisa social. Contudo, embora o preconceito participe da formação ideológica dos sujeitos, este processo não se resume a isto. Com efeito, existem diversos tensores libidinais no campo e numerosas maneiras de transgredir a normatividade e o preconceito. Destarte, ao longo do texto, dialogando entre o virtual e o atual, poderemos ver como os agentes rompem as normas e mesmo aproveitam-se dos pontos de fissura. Butler (2004) explica que a regulação do gênero age como institucionalização social do processo que torna as pessoas normativas; nesse sentido, o problema da normativa seria que as normas de regulação de gênero excedem os casos concretos sobre que se incorporam e também abstraem dos casos concretos ao enunciar em abstrato qual seria a norma. É nesse sentido que os agentes prescindem do preconceito e podem flertar com a normalidade e buscar seus pontos de escape. É também Butler (1993) que explica que as normas de gênero são sempre paródias de um ideal inatingível. Ou seja, os agentes possuem, em maior ou menor grau, consciência dessa falha da norma. Evidentemente servem-se da norma ocasionalmente, mas também – e mais importante – constroem

agenciamentos coletivos que desterritorializam a norma. Este aspecto esquizoide da norma, *i.e.* sujeitar-se à norma, romper com ela, utilizá-la a seu favor foi objeto de estudo nos casos empíricos aqui apresentados. Cada agente cria suas linhas de fuga para lidar com a norma e na atualidade há grande mescla de “desvio” e “norma” bem como dos ambientes online e offline, de modo que os agentes municiam-se e não sendo meros reféns da norma. É importante conhecer a normatividade e suas retaliações (preconceito), porém interessa sobretudo compreender como os agentes usam da norma a seu favor ou simplesmente prescindem dela.

Nesta dissertação, o tema será abordado por meio de informações publicizadas por usuários de aplicativos para relacionamentos afetivos-sexuais. No fundo, as mídias digitais quedaram aqui mais como uma técnica de pesquisa do que como campo ou método, sendo este a etnografia e aquele, os grupos de pessoas (ver seção 4 abaixo sobre metodologia). O problema também estava delineado (como segue adiante) em termos de compreender como as relações das pessoas em diversos contextos reintroduzem e mesmo reforçam hierarquias. Foram mantidos em parte os objetivos, sendo o objetivo geral produzir conhecimento que desse conta do problema, em especial com o aparato teórico deleuze-guattariano, com o fito de escapar aos binarismos, o que requeria inicialmente descrever como esse preconceito interpares é operacionalizado, no caso através das intersecções de diversos marcadores de diferença social. Tínhamos partido de um campo empírico quando rascunhamos o projeto, mas essa ferramenta de coleta de dados constituiu um campo novo para nós. No meio do percurso, nas incursões no campo virtual, deparamo-nos etnografando, via aplicativo com geoposicionamento, fluxos de pessoas em eventos, entre cidades e dentro delas – no caso, especificamente Bauru e Marília e secundariamente outras cidades-polo do Estado de São Paulo.

Obviamente esses novos flancos abertos pelas nossas incursões ao campo modificaram a pesquisa. Incluíram nele o tema dos fluxos desejantes e problemas de território, mercado sexual (não necessariamente prostituição) e zonas de saturação sexual, além de uma quantidade considerável de dados, a princípio estatísticos, mas que permitem análises de entrecruzamento de marcadores de diferença social. Esses territórios possuem numerosos tensores libidinais que deixam a nu o quanto a pretensa normatividade é falha. Nele vislumbraremos agentes desterritorializando-se de seu pedestal de aceitabilidade para adentrar em intercursos furtivos a fim de viabilizar linhas de fuga a desejos reprimidos. Nas mídias digitais, veremos aqueles que não cabem no padrão hegemônico escarnecendo dos higienizados e dos oxímoros (ver seção 4.2 abaixo) produzidos.

O conceito de classe social é pouco abordado nas pesquisas sobre gêneros e

sexualidades, mas suscita um conjunto de questões tais como: desemprego estrutural, exclusão sistemática da participação e acesso de pessoas a bens culturais e sócio-políticos, local de moradia, escolaridade, “raça”, pertencimento geracional dentre outros. Lecionar na rede pública de ensino fez com que vislumbrássemos outros etos e outros modos de lidar com sexualidade, pobreza, gênero, exclusão, preconceito, hierarquias. O fato de uma pessoa utilizar-se de aplicativos de relacionamento em um celular inteligente já indica uma classe de consumo e modos de constituir-se como sujeito pelo consumo. De um ponto de vista mais estrutural (OFFE, 1984), o capitalismo nunca absorveu todo o estoque de reserva de força de trabalho. Em outro momento histórico, as pessoas poderiam vivenciar um contexto em que, apesar de recessão econômica, havia emprego, período em que a indústria ainda absorvia parcela significativa da mão de obra e quanto maior o grau de escolarização de um indivíduo, melhor ou mais fácil de ele ser bem empregado. Nos países do centro do capitalismo ocidental, isso foi à bancarrota na década de 1970. No Brasil, o processo ainda está em curso; embora, logo após a redemocratização, os efeitos desse processo já fossem alarmantes (KOWARICK; CAMPANARIO, 1993). Assim vislumbra-se hoje vertiginosa concentração de renda e estratificação social, adrede uma grande massa de desempregados/as que sequer pensa em ingressar no mercado de trabalho formal. Alguns/mas dos/as filhos/as dessas pessoas pululam nas escolas e mesmo assistiram a algumas aulas que ministramos nos ensinos médio e fundamental. Estes problemas nós os aprendemos de nossos/as estudantes.

Uma problemática estrutural é genérica demais e os universais não explicam nada, antes eles precisam ser explicados. É assim que, com todas as mediações requeridas, o conceito de classe social foi empregado por nós. Aconteceu também de atravessarmos uma certa crise de consciência ao perceber que, na pesquisa anterior (DE CICCIO, 2014), havíamos focado nos meios sociais em que circulávamos: classe média, via de regra universitária, de cútis branca em sua maioria, entre homens que pouco ou nada sofreram de discriminação.

Não se trata de uma confissão de culpa. O ponto é que, durante participação observante de fluxos desejantes em zonas de saturação sexual e em encontros da diversidade (versão como a parada do orgulho LGBT ocorre localmente, em escala proporcional às dimensões culturais, sociais, políticas e econômicas do interior do Estado de São Paulo), a classe social mostrou-se atrelada de modo inexorável a todas as especificidades de gênero, sexualidade, “raça” e outros marcadores. Quer dizer, é como se houvesse um corte de classe social em todos os marcadores, ela estivesse suposta ou pelo menos informando os demais. Este ponto e esses acontecimentos serão explanados no capítulo 2, que discorre sobre eventos e fluxos. No caso dos aplicativos, a classe social às vezes se mostra operacionalizando um

tipo de separação sutil, perceptível na convergência de marcadores.

De maneira entusiasmada, então, o problema inicial do preconceito interpares voltou à tona em todos os setores do campo de pesquisa, online ou offline. E a classe social passou de estorvo a coadjuvante, ajudando a compreender os fenômenos e sendo explicada pelos contextos. Coloquemos assim as coisas: há um montante de dados e fenômenos que possuem partes atuais e virtuais, os conceitos e temas trazidos ao texto recortam os dados e a interpretação dos fenômenos e dão mesmo um condão à pesquisa. Haveria diversas formas de realizar esta mesma pesquisa, dividindo-a, mudando os conceitos e teorias, em uma palavra, alterando o recorte.

Justifica-se, outrossim, a pesquisa, para além da teoria, os problemas sociais de que se evolva o problema desta pesquisa são urgentes dada a conjuntura de retrocessos que atravessamos, rapidamente documentados no início. Recordamos que diversos dos exemplos citados pelos/as autores/as estadunidenses da teoria *queer* de desrespeitos institucionais, interpessoais ou simbólicos que atingiram LGBT estão afinados com acontecimentos recentes do Brasil. Na sequência, dissertamos o tema e o problema com a bibliografia especializada.

2. Problemas com aplicativos, problemas com pessoas e problemas com preconceito

Assim pois a questão: como funciona o preconceito interpares? Como a homofobia e seus variados matizes são internalizados pelos agentes? Mais importante, como as pessoas fazem frente às hostilidades, online e offline? São problemas fundamentais desta pesquisa que a delimitam e conduzem.

Um pouco acima, dissemos que Braga (2013) cunhou um conceito de machonormatividade. Esse conceito é importante para esta pesquisa porque distingue um certo preconceito interiorizado pelos agentes de homofobia internalizada e complementa os problemas do conceito de heteronormatividade. Nas palavras do autor:

Em seguida, volta-se para a dinâmica encontrada no campo, a um só tempo de complementaridade e oposição entre duas normatividades: a heteronormatividade, que alia ativo a masculino e passivo a feminino, e o que chamo de “machonormatividade”, que enaltece as características associadas à masculinidade tradicional e muitas vezes é mobilizado na busca por estender tal masculinidade, a partir de indicadores de comportamento, postura, “jeito e atitude”, ao passivo, circunscrevendo o estigma ao afeminado, atualizando assim o par macho/afeminado, agora relativamente destacado da posição sexual. (BRAGA, 2013, p. 13)

Tudo quanto o autor assinala aí, nós mesmos encontramos em pesquisa anterior (DE CICCO, 2014) e nesta atual. Já citamos anteriormente que os interlocutores possuíam pelo

menos dois pontos de vista paradoxais. Propusemos ainda chamar este fenômeno de preconceito interpares. Mas é preconceito ou homofobia?

Há uma transição entre os conceitos. No fundo, autores como Braga (2013) e outros criticam o modelo proposto outrora por Fry (1982) de duas socialidades entre gays, opostas mas não complementares, entre pares gay-gay e bicha-bofe. A mediação de Braga consiste em tensionar a igualdade suposta no primeiro termo, afirmando que se trata antes de igualitarismo unilateral (*i.e.*, entre um e outro “machos”, excluídos os corpos e performatividades de gênero abjetos). Pode-se ir mais longe e circunscrever o ensaio de Fry ao contexto histórico em que foi escrito: a tônica de igualdade na micropolítica atualiza, no fundo, os anseios pela redemocratização, em andamento na época, e também respingam os móveis e motes do movimento social LGBT nascente, que tendia a propor-se subversivo ou revolucionário, tanto na macropolítica, como em termos de micropolítica, *i.e.*, construindo afectos igualitários. É preciso avançar, neste ponto, sobre a questão da hierarquia e da igualdade. Voltaremos a esta discussão neste capítulo mais abaixo, depois que tivermos exposto e analisado dados desta pesquisa.

Entendemos que o conceito de homofobia é problemático porque os sociólogos que o operacionalizam tendem a ligá-lo quase inextricavelmente a um dualismo de gêneros. Os gêneros normativos são binários e representam uma fração diminuta e escorregadia de um ínfimo aspecto da realidade que se apresenta em uma estabilização momentânea aparentemente binária (DELEUZE, 2011 [1969]; DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.1). Como diria Foucault (2007), trata-se antes de um discurso sobre a natureza do que uma representação fidedigna dela. Os gêneros e as sexualidades constituem uma multiplicidade que se estabiliza momentaneamente em uma temporalidade histórica que depois torna a mudar (*e.g.*: sexualidade entre os gregos era uma, entre os vitorianos, outra). É verdade que o senso comum funciona por binarismos e que um tal preconceito dessa ordem estaria operando dentro de uma lógica social dada. Não se trata aqui também de ignorar os crimes cometidos contra LGBT e seus números (vide CARRARA; RAMOS, 2006; CARRARA; RAMOS; CAETANO, 2003; CARRARA; SAGGESE, 2011; CARRARA; VIANNA, 2006; MOTT; CERQUEIRA, 2000) – casos incontestáveis de homofobia, em sua melhor acepção jurídica. Importa recordar que o termo homofobia serve como bandeira e amálgama em diversas arenas políticas, assim como seu gêmeo transfobia e variantes. Mas as coisas ficam mais complicadas quando um oprimido oprime outro oprimido, caso de entrecruzamento de marcadores de diferença social e subalternização de subalternos.

O conceito de homofobia vem sendo problematizado por diferentes pesquisadores.

Entre eles, Ken Plummer (1998)³³ recorda que o conceito fora utilizado pelo movimento LGBT como arma tática (p. 89), mas aponta quatro problemas: 1) ratifica e reforça a noção de doença mental, no caso a retirada de homossexualismo do código de doenças psiquiátricas acarretou, ato contínuo, a inserção da homofobia no seu mesmíssimo lugar; 2) o termo engasta misoginia, posto que quase sempre se refere a “medo de homossexuais masculinos”; 3) o termo ainda dirige a atenção aos ataques a homossexuais em detrimento de outras minorias – e assim perde de vista os entrecruzamentos de marcadores de diferença social; 4) o conceito individualiza o problema inteiro da hostilidade para com o homossexual, tornando-a um problema da personalidade autoritária antes de que um problema social (PLUMMER, 1998, pp. 89-90). Além das críticas aduzidas por Plummer (1998), que continuam pertinentes, outra crítica é que o conceito de homofobia tende já há algum tempo à judicialização (BORILLO, 2010), *i.e.*, à definição de um crime específico, acepção conceitual que fugiria do escopo deste trabalho. Avançando em uma aproximação com a realidade brasileira, temos um substrato de masculinidade chamada “mediterrânea”, herança da colonização portuguesa e migrações espanholas e italianas (ver ARIÈS; BÉJIN, 1986). Outrossim, há toda uma variedade de gêneros e dos pontos em que uma violência ocorre. Quer dizer, problemas brasileiros como estratificação das classes sociais por causa da concentração de renda e dos recentes enxugamentos do Estado, assim como de problemas estruturais de pobreza, racismo, desemprego e escolarização, produzem vários regimes de (in)visibilidade e diversos significados do que é ser gay ou hétero e das ocasiões e agentes envolvidos em violências homofóbicas.

Por outro lado, como explica Gregory Herek (2004), o conceito de homofobia nasceu psicanalista e com finalidade de criticar a perspectiva das ciências psi (psicologia, psicanálise e psiquiatria) de utilizar a homossexualidade como categoria diagnóstica de uma patologia. Herek comenta o impacto positivo que o conceito teve contra as políticas antigays dos EUA. E também expõe os limites do conceito, notadamente quanto à etimologia e etiologia dos termos, o problema do androcentrismo e individualização da questão, muito embora o conceito tenha engendrado toda uma tribo de filiação intensiva (*e.g.* lesbofobia, transfobia, bifobia, afeminofobia etc. etc.), detalhe que acarreta uma aplicação muito difusa de um conceito assertivo, além de, segundo Herek (p. 11), o conceito estar datado no movimento liberacionista gay dos EUA (idos de 1969) muito mais do que na política de identidades minoritárias, “quase-étnicas”, que predominaram nas arenas políticas a partir do final dos

33 Uma tradução deste texto foi realizada por nós, recebeu aceite e há de ser publicada pela revista *Plural*: revista de ciências sociais da Universidade de São Paulo.

anos 1970. Esta última observação é importante: nota-se nos textos de autores/as *queer* dos EUA relatos de graves crises políticas e sociais concernentes a LGBT e que costumavam envolver o aparato estatal; o mesmo sucede em paralelo no Brasil hodierno. Inclusive acontece de as arenas e os termos da disputa ser os mesmos (e.g. “ideologia de gênero”, “direita cristã” dentre outros tantos). Esse paralelismo não é casual, trata-se da estrutura mundial do capitalismo, seus processos de reestruturação, conjunturas tensas e adaptações locais. Assim, convencemo-nos de que talvez seja melhor deixar de lado, ainda que de maneira provisória, o conceito de homofobia.

É totalmente outro o problema que propomos: preconceito entre um e outro gays, por alguém executar uma performatividade de gênero normativa ou não. O que está em questão é tentar parecer mais normal que outrem, às custas de outrem inclusive (WARNER, 1999). Para veicular um argumento pós-estruturalista, a polaridade normativo-não normativo constitui uma seriação com graus infinitos de variação que citam o que é ou deixa de ser normativo (heterossexualidade, masculinidade, virilidade etc.). Trata-se das paródias binárias (BUTLER, 1990), do um imitando a si mesmo em detrimento da multiplicidade, o simulacro (DELEUZE, 2011 [1969]; DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.1; DERRIDA, 2004).

Interessante anotar que esses autores que operacionalizam um conceito de homofobia estão produzindo em um registro do interacionismo simbólico, especialmente à Goffman e seu conceito de estigma. Percebe-se isso pela associação entre os dois conceitos e mesmo um afastamento do de homofobia daquele contexto psiquiátrico para um mais sociológico. Uma exceção à adesão ao paradigma identitário foi Néstor Perlongher (1987), que comentaremos adiante em outro lugar. Carmen D. Guimarães (2004 [1977]) foi uma das antropólogas que etnografou um grupo de gays no período e alinhava-se com o interacionismo simbólico. O sociólogo Michel Misse (2007 [1979]) apresenta uma análise justamente do estigma do passivo sexual. Este autor explora a definição, as implicações e o que falta no conceito goffmaniano. No fundo, uma questão de manipulação de informações sobre outrem vai conduzir o jeito pelo qual os agentes interagem e representam-se a si mesmos no dia a dia. A principal crítica do sociólogo brasileiro ao estadunidense é que este postula que essa manipulação de identidades deve ser cônica, enquanto aquele abraça a sutileza de valores de ordem ideológica que são, se não inconscientes, pelo menos não pensados, tampouco historicizados, contextualizados ou problematizados. A derivação dos termos binários normal:estigmatizado para ativo:passivo que chega à questão homossexual (MISSE, 2007 [1979], pp. 45-47) como uma estrutura ideológica que dá os valores às relações sociais é de certo modo antecipada pelo autor em relação à discussão do conceito de homofobia. Um

exercício desta ordem é empreendido por Roberto DaMatta (2010) ao analisar ritos de passagem e testes de masculinidade brasileiros que demonstram essa relação estrutural; ali também não aparece o conceito de homofobia, mas aparece a questão de uma traição do clã do gênero masculino e o problema da inferioridade e ambiguidade gerada pela homossexualidade.³⁴ Cabe anotar, de passagem para não fugir do escopo, que essa mesma estrutura é responsável pela crença do senso comum de que o fato de ser gay equivale diretamente a querer ser mulher, logo passivo/penetrado – as travestis seriam apenas o avatar já evoluído do gay nessa cosmovisão dualista – parcialmente importado pelos gays e existente no mundo online.

Sim, um agente pode apoderar-se da palavra homofobia, reconhecer e denunciar as hierarquias e dominações que o oprimem. Mas, no dizer de Plummer (1998, p. 90), o problema é individualizado e perde seu aspecto coletivo, ignorando as opressões gerais à sexualidade, excluindo as mulheres, recaindo na doença mental ou na personalidade. A ironia disso tudo, consoante Plummer (*op. cit.*), é que homofobia mobiliza contra heterossexuais as mesmas armas que outrora eram utilizadas contra homossexuais (*e.g.*: a questão da doença, que deixou de ser inerente aos gays (“homossexualismo”) para figurar inerente aos heterossexuais (“homofobia”). E no caso brasileiro, há quem, sem dar-se conta da ironia, afirme que exista heterofobia (neste caso a opressão dos dominantes, pobres vítimas da masculinidade não hegemônica).

Um agente também pode afirmar que sofreu preconceito. Há percepção do ato de discriminar e, de modo não pensado, que este ato foi informado por preconceitos. Enquanto conceito, seguindo as orientações de Deleuze e Guattari (2013), “preconceito interpares” é um composto de elementos e de outros conceitos, de contornos irregulares, que constitui um plano de consistência provisório que desterritorializa devires e hecceidades para reterritorializá-los em outro platô. Os elementos no caso são os acontecimentos percebidos pelos agentes como ofensa ou juízo de valor, distintos conceitualmente como discriminação e preconceito, respectivamente. Também os fenômenos sociais que engendram preconceito contra pessoas específicas entram aí. Homofobia pode figurar como um conceito auxiliar para entender o processo de gênese do preconceito e da discriminação, assim como o de masculinidades ajuda a compreender o processo de interiorizar do preconceito e exteriorizar a discriminação. O armário cabe àqueles que tentam fugir da discriminação.

34 A ambiguidade da homossexualidade, conforme explicado acima, acaba colocando em xeque a construção da masculinidade heterossexual, denunciando sua fragilidade. Essa mesma ambiguidade causaria no heterossexual uma ansiedade quanto à construção à qual se apegara através da socialização. Não entraremos no mérito, porém afastamos o termo ansiedade por causa de sua tinta e origem psicanalistas.

Heteronormatividade, machonormatividade (BRAGA, 2013) e heterossexualidade compulsória (RICH, 1980) aos que operacionalizam discriminações ou adotam preconceitos como valores, sendo gays ou não. O fato de tratar nesta pesquisa de gays e do preconceito/discriminação entre um e outro gays recorta o objeto e o problema e reterritorializa o conceito de “preconceito interpares” em outro planômeno.

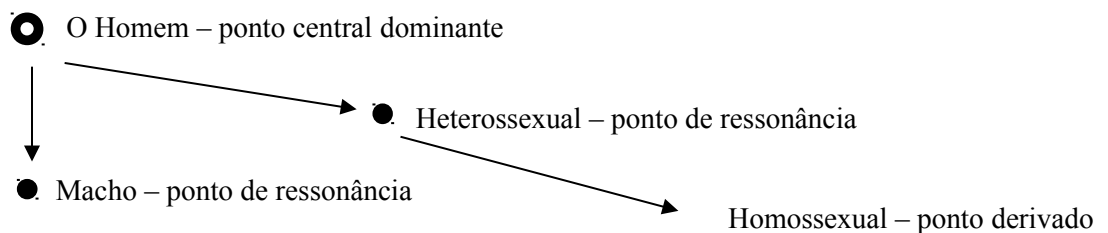
Quando salientamos “preconceito” na definição deste objeto é porque, além das disposições psicológicas que um agente traz consigo, pretendemos analisar esse fenômeno como uma ideologia, como ideias-valores que organizam relações sociais entre gays, por vezes reintroduzindo hierarquias e mesmo cruzando marcadores de diferença social. Por outro lado, estudar casos de discriminação requereria um levantamento de casos, denúncias, depoimentos, procedimento mais difícil e delicado do ponto de vista ético, além de que ele foge dos objetivos desta pesquisa. Se são ideias-valores, devem estar impregnadas em toda parte, nos aplicativos, nos perfis, nas fotos, nos textos, nas pessoas, em canais e páginas da rede. A partir dessa pujança, as pessoas organizar-se-iam e os eventos aconteceriam.

Isso não significa que a noção de preconceito não possa ficar borrada com a de discriminação, embora tenhamos feito um esforço no sentido de separá-las. Parece mesmo que isso ocorre porque existe ambiguidade nas concepções do senso comum (e mesmo científicas) quanto ao que está em questão. O preconceito e a discriminação contra os/as negros/as recebem um nome particular que também nomeia a ideologia que os sustenta (racismo), facilitando sobremaneira as análises. No que diz respeito a LGBT não temos um tal conceito mais geral. Há uma matilha de conceitos como homofobia, heterossexismo, machismo, masculinidade, heteronormatividade, armário, heterocentrismo, machonormatividade, heterossexualidade compulsória etc. etc. que ora recortam a realidade de modo restrito, ora trabalham em conjunto. Seguindo nas pistas de Deleuze e Guattari, essa multiplicidade forma um plano de consistência (sexualidade). Até aqui parece que podemos avançar sem problemas. Mas o rizoma, que esses conceitos formam, liga-os de um ponto a outro quaisquer (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.1). Falta um metaconceito na sua plenitude de multiplicidade. O nome geral “sexualidade” não é melhor porque basta um mero deslize e cairemos novamente em um esquema univocizante que institui um termo hegemônico dominante, ao passo que nosso esforço deve ser no sentido de um conceito n-1 (*idem, ibidem*), quer dizer, sem nenhuma dominação. Um autor que empreende um renomável esforço para ultrapassar essas armadilhas conceituais e emprega a teoria deleuze-guattariana como pano de fundo é Paul B. Preciado (2002). O nome que ele dá ao metaconceito é contrassexualidade. A premissa que está aqui suposta é que pensar pessoas a partir de qualquer tipo de sexualidade

produz uma organização que tolhe as potencialidades das pessoas; a alternativa então seria pensar fora da sexualidade, desorganizando as categorias e relações e chegando ao nível microscópico em que um corpo apenas difere de outro por uma questão de velocidades diferenciais relativas (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.3, v.4; PRECIADO, 2002; ESPINOSA, 2006).

Uma ressalva: não perder de vista o funcionamento das máquinas sociais nesse platô. Tal função é da ordem dos signos, dos regimes de (in)visibilidade e trabalha com palavras de ordem (no sentido de repetição maquínica de ordens que ressoam por toda parte, DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.2). Tomamos de empréstimo a expressão deleuze-guattariana que propõe uma definição do racismo europeu: “Do ponto de vista do racismo, não existe exterior, não existem pessoas de fora. Só existem pessoas que deveriam ser como nós, e cujo crime é não o serem.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.3, p. 33). O que está em questão não é mais, nessa definição, quem está dentro ou fora, porque se trata de uma série infinita de variações e simulacros do mesmo. O metaconceito, que alegamos ser necessário, teria uma definição coisa parecida com essa, implicando que o problema não é detectar as diferenças do outro, mas propagar as ondas do mesmo até extinguir aquilo que não se deixa identificar, por nenhum modo, ao mesmo ou que só é identificável a partir de um desvio (*id.*, *ibid.*). O preconceito interpares atinge aqueles que não repetem as palavras de ordem da heteronormatividade. Isto é, a máquina social funciona fazendo ressoar suas palavras de ordem, não são informações (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.2), o fato de alguém saber que é ou não gay não é estar informado, mas repetir as palavras de ordem da máquina³⁵. No caso, a palavra de ordem é o discurso da heteronormatividade subjacente na cultura. Operacionalizar esse mesmo discurso, embora tenhamos intenções subversivas, costuma ser, no mínimo, arriscado, pois sempre se pode voltar a deslizar e cair nos binarismos, autoritarismos, microfascismos e tantos outros problemas. Esta é a explicação antropológica e a premissa que adotamos para o preconceito interpares.

Imagem 1. Representação gráfica da noção de preconceito interpares.



³⁵ Inclusive, há gays que não admitem serem tratados assim, preferindo o vocábulo “homossexual”, desconhecendo que este é, por sua origem histórica e social, uma categoria etiológica que descreve uma doença ou desvio, e não uma identidade mais branda do que o termo gay poderia sugerir – o que não exclui, evidentemente, o fato de esse raciocínio existir, funcionar e fazer interações acontecerem ou deixar de acontecer no mundo real.



○ Fêmea – ponto derivado

○

Fonte: elaborada pelo autor, com base em Deleuze e Guattari (1997, v.4, p. 71).

Esta representação segue a decalcada por Deleuze e Guattari (1997, v.4, p. 71). Vê-se ali um ponto central dominante em que está assentada a figura do homem como o universal. Dele derivam pontos dominantes – pontos fechados – (macho, heterossexual, branco, rico, colonizador, hegemônico etc.), que por derivação são centros de ressonância do mesmo (homem universal). Os pontos capturados – pontos abertos – são como pontos fora do domínio da função, que não repetem o mesmo e são subalternizados pelos pontos dominantes, devindo em um sujeito minoritário (mulher, homossexual, negro/a, pobre, colonizado/a, subalterno/a etc.). Note-se que devir-sujeito aqui é sempre ruim porque aprisiona o agenciamento coletivo e limita as pessoas. É por isso que “homossexual”, categoria médica, burguesa, branca e colonizadora serve para definir a contraparte de “heterossexual”, polo que detém todos os atributos do universal dominante. O preconceito interpares entra em um devir-macho que conduz à colonização. Devir-gay, neste caso, seria fugir aos binarismos e relações predeterminadas pelo conjunto. As setas indicam relações possíveis, sendo as inteiras as relações de conjuntos molares (duros), as linhas segmentadas, conjuntos moleculares (flexíveis). Cabe anotar ainda que esse raciocínio de crítica ao homem universal filia-se ao de Simone de Beauvoir (1970 [1949]).³⁶

Não estamos diante uma questão leviana aqui. Michael Warner (1999) abre seu texto defendendo que as sociedades, principalmente a dos EUA, funcionam com base em uma ética da vergonha sexual. Ele argumenta mesmo que o sexo é causa de vergonha para qualquer tipo de pessoa. Os exemplos alocados pelo autor são o do ex-presidente dos EUA, W.J.B. Clinton, que sofreu afastamento por escândalo (hetero)sexual – no caso, adultério, abuso de poder etc.

³⁶ Logo no início de *O segundo sexo*, a autora discute de que maneira um termo subsumiu o outro, no caso, como o termo homem englobou o termo mulher, tanto assim que, exemplo da filósofa, o vocábulo *vir* (raiz latina de homem) tomou o lugar do *homo* (raiz latina para humano), quer dizer, o gênero humano é designado pelos homens, não exatamente pelos/as humanos/as, o que acarreta a supressão lógica das mulheres. O homem seria então o universal explicativo, o ponto ou centro dominante, operacionalizando a subjugação das mulheres. A partir disso, Deleuze e Guattari desenvolvem o conceito de devir-mulher, todo devir passa pelo devir-mulher justamente porque ela é a primeira que devém, isto é, torna-se mulher, no melhor estilo beauvoiriano, em função da dominação do universal masculino, mesmo que devir-mulher seja uma máquina de guerra subversiva instalada no campo social, ela só é assim efetivada pela dominação arquitetada nestes termos. O mesmo se passa com os outros devires. Todos são minoritários. Todos atravessam o devir-mulher. No caso de um devir-gay, alguém devém gay através de ter rebaixado de seu *status* de homem (MISSE, 2007 [1979]; WALZER-LANG, 2001; DAMATTA, 2010; FRY, 1982), sendo inferiorizado pela equiparação com a mulher, já tida como subalterna. Essa emasculação abre a possibilidade de um devir-gay que subverta o universal, mas também pode ocasionar uma ruptura com uma proposta libertária (MISKOLCI, 2017; MACRAE, 1982; FRANÇA, 2006a; BRAGA, 2013; DE CICCO, 2014).

– Warner conceitua esse moralismo hipócrita (torna-se hipócrita frente ao consumo de sexo e pornografia pelos/as estadunidenses) como “MacCarthyismo sexual” e argue que ele funcionaria junto de uma política de pânico moral. Ao longo do texto, ele evoca como outro exemplo o caso *Bowers versus Hardwick*, em que o sr. M. Hardwick foi acusado (e condenado pela justiça) pelo oficial de polícia voyeurista de cometer felonias, embora consensualmente com outro adulto em sua própria casa. Então o autor propõe que, no fundo, uma ética da vida das bichas (*queers*) seria aquela da vergonha compartilhada, com um regime duplo de sociabilidade que mantém a vergonha como pedra de toque, em que as pessoas *queer*³⁷ podem insultar umas às outras e ser generosas entre si. O autor afirma que não é uma questão de orgulho, posto que não há nada de que se orgulhar:

A regra é: Se controle [*Get over yourself*]. Ponha uma peruca antes de julgar. E o corolário é que você acaba por aprender mais das pessoas que você acha que estão abaixo de você. No seu melhor, esta ética poda toda forma de hierarquia que você poderia colocar no espaço [em que você está inserido]. (WARNER, 1999, p. 35. Tradução livre)

É um objetivo almejado, o de a vergonha unir as pessoas. No caso brasileiro, Edward MacRae (1982) já questionava nos primórdios do movimento LGBT³⁸ no país essa hierarquização contra a proposta de igualdade. No nosso caso, continua questionável até que ponto a vergonha pode unir as pessoas ou criar solidariedade ou mesmo levá-las a construir uma relação de paridade. Larissa Pelúcio (2017) aponta a alta seletividade e a lógica do descarte que balizam as relações afetivo-sexuais mediadas por aplicativos e excluem os corpos com índices de abjeção. No caso em pauta das mídias digitais, a interação entre gays exige das pessoas masculinidade (cisnormatividade de gênero), expressa em elementos fotografáveis como músculos salientes, barba, pelos, e outros atributos de virilidade (implicando de preferência, mas não exclusivamente, o papel sexual ativo/penetrante) como o órgão gênito-sexual. Outros atributos não imagéticos são a voz e os trejeitos.

Podemos traçar um esboço histórico dessa dualidade entre normal e anormal, desejável e abjeto etc. dentro da vida social dos gays no Brasil. O texto de Green (2000) mostra que, desde a I República, no fim da década de 1880, até o contexto da

37 Originalmente em inglês *queer*, i.e., bicha, referia-se à designação feita por outrem com o fito de ofender gays, especialmente os “emasculados”. A teoria *queer* adotou a gíria como estandarte e busca subverter seu valor negativo. No Brasil, o termo vem sendo popularizado em inglês mesmo e já com uma roupagem mais branda, o que não implica que os equivalentes em português, embora desterritorializados no âmbito LGBT e utilizados como termos êmicos, estejam livres da negatividade, do menosprezo e do aviltamento em quaisquer meandros.

38 Já comentamos antes, as “letrinhas” mudaram bastante, começando como MHB (movimento homossexual brasileiro), como era chamado à época do texto citado, e passando por variações como GLT, GLBT e mais recentemente passando o L para o início da sigla. Ver FACCHINI, 2002.

redemocratização em meados da década de 1980, havia homens³⁹ com interesse amoroso e sexual para com outros e, dentre eles, aqueles efeminados e os “normais”. Sugere o autor inclusive origens etimológicas para a gíria gay brasileira em empréstimos diversos de outros idiomas (yorubá e outras línguas nativas da África, cujos elementos podem ser encontrados no português brasileiro, e termos emprestados do francês, espanhol, italiano, inglês dentre outros). No estudo histórico de Barbosa da Silva (2005 [1958]) sobre a sociabilidade urbana de gays no centro de São Paulo capital, essa interação conflituosa entre efeminados e não efeminados também transparece, inclusive com uma prévia de intersecção entre os marcadores de sexualidade e classe social no que tange as maneiras das classes ricas e pobres lidarem com a sexualidade não normativa. Perlongher (1987), também no centro da capital de São Paulo, propõe que as interações entre cliente e michê podem ser entendidas como uma descodificação da sexualidade e da classe social através da mercadoria universal dinheiro; o negócio do desejo é desterritorializado e arrasta consigo as classes sociais por intermédio monetário. Na mesma época, na capital do Rio de Janeiro, Guimarães (2004 [1977]) etnografou um grupo de gays de classe média que migrara de Minas Gerais, fugindo da repressão social à sexualidade não normativa, para a capital carioca, e retratou como eles realizaram uma construção de si em um meio hostil e o apoio dos pares próximos que estabilizou identidades dissidentes, não mais encaradas pelos agentes como anormalidade, uma vez que encontram respaldo entre pares. O paradoxo entre normal e anormal convive com a aspiração da solidariedade entre os oprimidos. Isso foi retratado na obra de MacRae (1990). A pesquisa sobre a história do movimento LGBT de Facchini (2002) também mostra essa busca pelo apoio dos pares. Por outro lado, França (2010) explica que mesmo quando o consumo é a moeda de troca que “igual”, na verdade equipara, os agentes, acontece de haver exclusões de ordem de classe social e de situação de classe (distinção). Ambiguidade, dualidade e paradoxos perpassam as relações sociais em vários contextos.

Camilo A. Braz (2007b; 2010, pp. 203 ss.) explica que, em contextos de casas noturnas para encontros sexuais entre homens, esses atributos de virilidade e masculinidade também são mobilizados. Sem embargo, o pesquisador anotou a constatação de um interlocutor que é quase emblemática do caráter performático dessas interações: ele está em uma casa noturna, vê alguém em uma cena de sexo executando um papel de “macho” e depois, no bar, vê o mesmo agente com trejeitos divergentes dos realizados antes. Interrogado

39 Termos em voga na época, em geral tipologias criminais e etiologias psiquiátricas, eram pederasta, proxeneta, invertido entre outros. O termo gay só foi ser introduzido no Brasil na passagem dos anos 1960 para os 1970, e popularizado mais tarde. Outros termos vexatórios como bicha, viado, maricas, baitola, boiola etc. também circulavam já antes da introdução do termo inglês. “Entendido” era uma categoria êmica pretérita para dizer que alguém era gay, atualmente em desuso.

sobre essa ambiguidade, o interlocutor afirma, *ceteris paribus*, “é assim mesmo, as pessoas estão sempre se fazendo passar por ‘macho’”. Se fosse um sociólogo interacionista, teria parafraseado Goffman. De fato, os gêneros são agenciamentos plenos de performatividade que os/as expectadores avaliam na apresentação do/a ator/atriz para decidir sobre a possibilidade ou não de interação.

O problema de gênero que é desvalorizar uns/umas em favor de outrem se coloca nas falas de nossos próprios interlocutores, que citamos acima. Neste caso, a questão não foca no sexo e no privado, mas na política e no coletivo (que aqui separamos apenas analiticamente). Nas atualizações dos gays em seus avatares nas mídias digitais, tudo que foi descodificado ou sobrecodificado no mundo atual é dele desterritorializado para ser reterritorializado no mundo virtual, dando continuidade nas multiplicidades sociais e criando novos planos de estabilidade momentânea. Lembrando que para Deleuze (1998 [1968], p. 185) o virtual opõe-se apenas ao atual e não real; sendo ambas partes constituintes do real, o virtual não se opõe ao real. Como diria Marx, “o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade” (2011, p. 54). Acontece que, entre o offline e o online, a máquina social extrai mais-valia de código, ou seja, os mesmos preconceitos sociais das relações face a face são transportados para o mundo digital.

Daí surge a arte de tentar ser mais normal que os outros. Miskolci (2013; 2017, pp. 167 ss.) explora esse esforço no processo de busca de parceiros, negociação de visibilidade e encontro. Estar enquadrado na categoria êmica “macho” aí é fundamental. Braz (2007b) também explora essa negociação em ambiente não midiático. E de novo voltamos ao problema apontado por Warner (1999): um contingente subalternizado pela vergonha e que flerta com a normalidade (PELÚCIO, 2017), tornando-se mais normal às custas de aberrar os outros. Este procedimento é apontado por Braga (2013) em suas análises de perfis de usuários de sítios para relacionamentos afetivo-sexuais, procedimento respaldado na machonormatividade e que ele chama de igualitarismo unilateral.

Em certa altura do texto, Warner (1999) recupera um conceito de ambivalência que seria conexo ao de identidade deteriorada e estigma de Goffman. Primeiro, o autor estabelece identidade sexual como paradoxal:

Identidade, como estigma, mede-nos todos com a mesma régua [*tars us all with the same brush*; literalmente: abrilhanta-nos todos com a mesma escova], mas ela também permite distanciar-nos de qualquer manifestação real de viadagem [*queerness*]. Nós só compartilhamos a identidade e seu estigma, de fato, *porque* a identidade foi distinta de atos sexuais e sua vergonha. Orgulho ou estigma pertencem a nós como uma classe, um tipo

reconhecível de pessoa, sem relação com nossos atos como indivíduos. Assim parece sempre haver alguns gays que estão estarecidos, *estarecidos* por achar que outros estão tendo sexo desviante. Eles farão com que você saiba que sua dignidade está fundada em ser gay, que a seu ver não tem nada a ver com sexo. Se outros estão tendo sexo – ou muito sexo ou sexo que é muito desviante – então essas pessoas têm toda razão de estarem envergonhadas. (WARNER, 1999, p. 31. Tradução livre, grifos do original.)

Ou seja, desafia-se o estigma sobre a identidade em reforçando a vergonha no sexo, quer dizer, desfocando do “ser” gay para o “agir” de modo promíscuo. Parece que essa escolha tem sido feita pelos indivíduos e pelo movimento LGBT. Sendo o núcleo do dilema um problema ético e político, entra o conceito de ambivalência de Goffman:

Estritamente aliado com seu próprio tipo ou não, o indivíduo estigmatizado pode exibir ambivalência de identidade quando ele obtém uma visão próxima de seu próprio tipo [...] agindo fora dos atributos negativos imputados a eles. [...] Em resumo, ele não pode abraçar seu grupo nem o abandonar. (GOFFMAN⁴⁰ *apud* WARNER, 1999, pp. 31-2. Tradução livre.)

Como se depreende das últimas referências citadas, em especial Miskolci (2017) e Pelúcio (2017), a questão da vergonha sexual estigmatizante não está restrita ao mundo offline ou atual, ela penetra e sobretudo dita as regras das interações online ou virtuais. No caso da produção de Miskolci (2017), temos vários aspectos dessa lógica social digital em seu funcionamento no meandro gay. Então há modos de utilizar ambientes virtuais de interação e sua pernicioso ampliação do armário (MISKOLCI, 2009). O autor explica, com base no conceito de armário de Eve K. Sedgwick (1990), que as mídias digitais, que prometeriam facilitar as relações sociais, inclusive aquelas em que os agentes buscam um parceiro, acabam reintroduzindo hierarquias e mesmo aumentando o regime de armário.

O armário é conceituado por Sedgwick (1990)⁴¹ como o regime de signos que afeta propriamente a homossexualidade masculina no século XX. A autora está respaldada na pesquisa foucaultiana de saber-poder no que tange à (homo)sexualidade e desenvolve uma minuciosa exegese de romances, textos e conceitos de autores da literatura (a autora parte da área das letras) e da filosofia, em especial aqueles situados na passagem do século XIX para o XX (notadamente Friedrich Nietzsche, Oscar Wilde e Marcel Proust). Sua ideia central é a de que o armário, ou o regime de regulação da visibilidade dos/as homossexuais, é a linha mestra do que seria devir gay ou lésbica no século XX. Há oposições binárias permeando o texto que

40 Referência completa: GOFFMAN, Erving. *Stigma: notes on the management of spoiled identity*. New Jersey: Prentice Hall, 1963. p. 108.

41 Houve um capítulo traduzido e publicado no Brasil em *Cadernos Pagu*, (SEDGWICK, Eve K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, pp. 19-54, Jan.-Jun., 2007.); além disso, pudemos ler alhures que haveria uma tradução do livro completo em preparação. As referências nesta dissertação remetem sempre ao texto original inglês (SEDGWICK, 1990).

parecem concernir mais estritamente à oposição público x privado (SEDGWICK, 1990: pp. 69-70). Pode-se deduzir a oposição heterossexual-homossexual da análise das contradições no direito, elencadas pela autora. (*Id.*, p. 71). Aí o conceito de armário aparece como estrutura da opressão no século XX. O conceito pode representar um limite da função ambígua de mostrar-esconder no público x privado. A autora salienta que a cultura ocidental moderna é impregnada ao extremo de oposições entre heterossexualidade e homossexualidade inclusive em todas as demais oposições. (*Id.*, pp. 72-3). No ponto em que ela começa uma digressão, explicita-se a associação entre armário (repressão) e ressonância (*sic*) (*Id.*, p. 75). No mesmo parágrafo, a menção ao segredo das minorias parece afastar-se da discussão deleuze-guattariana desde que, nesta, o segredo é evocado como um devir que dissolve as formas, conquanto Sedgwick sinaliza os graus em que um indivíduo poderia passar despercebido enquanto gay em determinados contextos. O enredo de Esther (*Id.*, pp. 76 ss.) arvora-se para prestar enumeração de riscos e restrições do armário e da saída dele. Em Deleuze e Guattari (1997, v.2), os judeus são aqueles que se colocam deliberadamente em marcha para fora do sistema de significação despótica, mas em um regime nômade. Neste ponto específico, poderíamos dizer que a máquina de guerra do devir-gay é desefetivada pelo ambiente homofóbico; e as repetições do significante despótico, a expiação, a expulsão constituem uma epistemologia do armário que funciona como aparelho de captura. Tomar para si a identidade de gay, no contexto da epistemologia do armário, é problemático por causa da estrutura homofóbica. Sente-se também uma interlocução da autora com as políticas de reconhecimento de minorias, típicas no contexto estadunidense e anglo-saxão. A problematização da autora sobre a estória implica um contexto de identidade ocultada e um cancelamento virtual da agência. O preconceito interpares poderia ser visto como a atualização desse armário, uma vez que se atualiza o rechaço a partir de dentro do próprio grupo minoritário. Quer dizer, quando uma identidade é ocultada e não está efetivada no meio social (armário), observa-se uma negação de algo que, todavia, não está posto (mas existe virtualmente, por negação), no caso, a própria identidade, a agência individual, que é prejudicada, junto do reconhecimento do outro. Ao atualizar o armário, o preconceito passa a ser emulado de dentro do próprio grupo minoritário, em uma atualização perversa da identidade, levando as pessoas a negarem o outro.

Miskolci sugere que este regime de armário adentrou também as mídias digitais, ou seja, os aplicativos e sítios de relacionamento, antes de abolirem as peias ao “amor que não ousava dizer seu nome”, reforçam a questão do segredo. Esta análise é proposta inclusive em estudo sobre algumas categorias nativas, no caso as de “macho” e “*brother*” (MISKOLCI,

2013). Braga (2013) e Braz (2007b) também debruçaram-se sobre as mesmas categorias nativas e sobre o contexto digital.

De um ponto de vista mais estrutural, e por isso mesmo extrapolando os contextos destas análises, acrescentaríamos que a conjuntura do capitalismo pós-industrial serve-se das mídias digitais não só para descodificar ainda mais as relações sociais, neste caso penetrando o campo afetivo-sexual, mas também que, ao ampliar seus limites, o capital desterritorializa as afecções para o campo virtual. O fato de os regimes de controle da visibilidade funcionarem também no ambiente digital é apenas a continuação da descodificação e desterritorialização levadas a cabo pelo capitalismo. É que, ao descodificar (parcialmente) a moral sexual nos idos do pós-guerra (décadas de 1950 e seguintes), o capital amplia seus limites (DELEUZE; GUATTARI, 2010); exemplos cabais: mulheres no mercado de trabalho e métodos contraceptivos, movimentos liberacionistas e de contracultura. Nota-se que a descodificação do moral causa desterritorialização dos agentes e acontecimentos, arrastando-os todos para outro plano de estabilização (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.3) (hoje chamado de mundialização, pós-modernismo, sociedade pós-industrial, neoliberalismo entre outros nomes). Contudo, este movimento de desterritorialização é acompanhado por um de reterritorialização, que aprisiona as linhas de fuga (*e.g.*: falência de Maio de 1968 e do Estado de bem-estar social) e fixa os movimentos em um platô não menos regulado que o anterior. Junto desta reterritorialização, a mais-valia de código, extraída da descodificação anterior, é investida no novo plano de consistência criado (DELEUZE; GUATTARI, 2010; 1997, v.3). É assim que o armário é pragmaticamente inserido nas mídias digitais. Especificamente, trata-se de tentar ser mais normal do que os outros e às custas da deterioração das identidades minoritárias (WARNER, 1999), alta seletividade (PELÚCIO, 2017), e até mesmo a silente ligação entre capitalismo pós-industrial, flexível, intensificado e precarizado, com as sexualidades mediadas pelos aplicativos (MISKOLCI, 2014).

No caso de Braga (2013), essa mesma observação, embora em outro enquadramento teórico-conceitual, foi analisada a partir de sítios e não de aplicativos. Braz (2007b) realizou observações em campo offline, isto é, nas casas noturnas de sexo para homens. Miskolci (2014) fornece neste ponto da análise ligações entre estruturas e acontecimentos, inclusive procedendo à comparação entre San Francisco, na Califórnia, EUA, e São Paulo capital no Brasil. Particularmente nas mídias digitais e restrito a aplicativos para encontros afetivo-sexuais entre homens, podemos encontrar em Felipe A. Padilha (2015) estudo das relações homeróticas midiáticas e regidas pelo segredo em uma região do interior paulista (região de São Carlos e Araraquara). Quanto aos marcadores de “raça” na mesma região e online, Keith

D. Kurashige (2014) produziu um trabalho. Todas estas pesquisas indicam, assim, que o regime de armário e segredo, com todos os seus desdobramentos de vergonha e estigma, adentra quase que francamente no ambiente digital.

Certo que este campo de pesquisa via etnografia digital mostra-se promissor. Pode parecer que trabalhamos com uma distinção conceitual de oposição entre virtual e atual. Bem, no horizonte teórico deleuze-guattariano em que inscrevemos esta pesquisa, o virtual (online) não se opõe ao real, mas somente ao atual (offline), sendo aquele integrante mesmo do real (offline + online), como se o real tivesse uma de suas partes no virtual (DELEUZE, 1998 [1968]). É útil recuperar esta perspectiva para reiterar que, se as mídias digitais não rompem com as normatividades, é porque elas estão funcionando no mesmíssimo regime de acumulação de mercadorias. Recorde-se que a mercadoria, segundo Marx (2009), possui valor de uso e valor de troca, e no capitalismo as pessoas, bem como as relações sociais e os afetos podem ser operacionalizados neste regime de mercadoria. No caso dos aplicativos, os usuários precisam demonstrar valores determinados que estão em alta no mercado neste momento (os atributos de masculinidade, discrição e afins). Essas observações teóricas não podem ser perdidas de vista a fim de que seja possível inserir esta pesquisa na conjuntura brasileira atual, no que diz respeito aos avanços neoliberais e retrocessos dos direitos sociais. Ademais, a questão da classe social impôs-se à pesquisa pelo campo de modo incontornável e deverá ser tratada em conjunção de outros marcadores de diferença social.

Vale adiantar neste momento, mas somente de passagem, análise que será desenvolvida adiante, no sentido de que os regimes de visibilidade operacionalizados pelos agentes no âmbito digital com frequência ressoam e redundam o regime de segredo que organiza as coisas nas interações offline. O que se verifica nos aplicativos quanto a segredo, (in)visibilidade, normatividades, hierarquias etc. é *pari passu* aferível no mundo offline. É assim que fluxos de pessoas em territórios concretos refletem-se e podem mesmo ser mensurados pelos aplicativos. Sem prejuízo da complexidade de cada um destes setores e suas intrincadas mediações, essa moralidade do ser mais normal que os outros invade até as zonas de saturação sexual (FOUCAULT, 2012) que propõem alguma exclusividade para homens como público-alvo. Apontamos isso em uma leitura transversal da bibliografia levantada, mas constatamos o fenômeno no campo, tanto em eventos como encontros da diversidade e em territórios de mercados sexuais (LAUMANN *et al.*, 2004). Um exemplo concreto: a categoria “hétero[sexual]”, em território como um cinema pornográfico para homens, é deslocada, indicando antes um homem que, muito embora exiba virilidade e outros atributos de masculinidade como possuir esposa e filhos, pratica atos sexuais com outros homens, sem ter

sua identidade estigmatizada, deteriorada, subalternizada, diminuída ou derrocada para a de bicha ou gay. Essa desterritorialização categorial sinaliza para um devir-gay que se prende a grandes conjuntos molares de classe social (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.3; v.4) e sistema sexo/gênero (RUBIN, 1984) binário hegemônico. Os marcadores de diferença social vão como que se entrelaçando nesse movimento. Quando da atualização do movimento de desterritorialização das sexualidades do mundo atual para o virtual, os regimes de signos e armários são para lá reterritorializados e a mais-valia de código extraída do atual para a operar também no virtual. Esses entrecruzamentos de marcadores de diferença social são como que coadjuvantes no deslocamento de categorias e foram etnografados por autores como Laud Humphreys (1970) e Lauren Berlant e Michael Warner (2002), bem como Braz (2007b; 2010) e Miskolci (2013; 2015). Um movimento similar, mas em outro contexto, foi desenvolvido na etnografia de Perlongher (1987) sobre como intercurso sexual entre homens pode ser prostituição e viril concomitantemente, quer dizer, a máquina social desarranja e faz unirem-se partes e afecções contraditórias, no sentido de ter um intercurso homossexual e “não ser gay”, mas um michê, um prostituto que faz sexo com homens supostamente pelo dinheiro e sem desejo.

Aqui voltamos a insistir na questão conceitual desta pesquisa. O conceito de homofobia, embora ajude a compreender estruturas simbólicas de metáfora e metonímia que operam inconscientemente, no sentido lévi-straussiano, não ajuda a compreender nem interpretar esse tipo de fenômeno. Vê-se que os agentes estão informados por um preconceito mais geral e abstrato e que as exclusões que podem suceder em quaisquer contatos são discriminações que põem o preconceito em prática. Entretanto, há toda uma complexidade de marcadores de diferença social que colocam outras coisas em jogo. Deixar de problematizar essa complexidade seria tomar como certo uma homofobia universal e andrógina informada por uma masculinidade universal, ao passo que precisamente esses dois pontos não explicam nada, antes requerem ser explicados. Preconceito interpares, portanto, entre um e outro gays mais ou menos heteronormativos, no dia a dia ou na rede, e inclusive abrangendo os tipos heterocentrados que são heterossexuais e homossexuais ao mesmo tempo, *i.e.*, agentes que estão nas fissuras e zonas de vizinhança e indiscernibilidade entre um e outro polos.

Mencionamos a questão de um mercado sexual porque, a certa altura da pesquisa e isso reaparece neste texto, os fluxos desejantes foram analisados em função dos eventos sociais. Além de havermos procedido a um rastreamento de fluxos de pessoas através dos aplicativos, debruçamo-nos sobre eventos, também pelos aplicativos e *in situ*, nos territórios de saturação sexual. Quer dizer, o problema do preconceito interpares, a princípio perquirido

via rede, foi perscrutado no campo offline. Alguns eventos foram gratuitos, outros não. Em ambos os casos pôde-se observar, além de diferentes regimes de visibilidade e gênero coexistindo, intersecções de marcadores de diferença social. É toda uma desterritorialização da norma pelos agentes que buscam pontos de fissura dos grandes grupos molares para constituir linhas de fuga e dar vazão ao desejo a outras maneiras de devir-gay.

Embora a classe social seja menos trabalhada, talvez mesmo porque os agentes e o campo não requeiram foco nela, a questão do consumo (e logo das classes de consumo) aparece em trabalhos relevantes. É marcante, sem dúvida, nos textos de Isadora L. França (2006b; 2010). Na sua dissertação (FRANÇA, 2006b), a autora desbrava convergências e divergências entre movimento então chamado GLBT, e o que se convencionou chamar mercado GLS. O tópico que nos interessa, agora, é que ela registrou o atrito entre interesses sociais do movimento e comerciais de empresários/as, inclusive a disputa sobre a nomenclatura. Trocando em miúdos, as relações entre mercado e movimento não estão sempre coadunadas e pode haver, como houve, desconexões. O contexto comercial do centro paulistano guarda, sabemos, particularidades que imprimem sua marca na situação estudada (tais como especulação e valorização imobiliária, gentrificação, zoneamento e planejamento urbanos etc.). O campo que pesquisamos não está isento dessas imiscuições do capital no movimento e tecido sociais, embora apresente-se em outros termos que serão explorados em outra parte.

Não significa, o encontro entre capital e corpo social, que a descodificação generalizada das normas de gênero e sexualidade abolirão essas mesmas normas. Um artigo de França (2006a) explora justamente o caso de uma sauna para homens na capital paulista que proibiu a frequência de travestis – o que esquentou os ânimos do movimento que reagiu, posteriormente, com o que ficou conhecido como “blitz trans”, espécie de fiscalização de estabelecimentos comerciais quanto à recepção de pessoas trans, com base na Lei paulista 10.948/2001⁴². Quem sabe não precisemos ir tão longe no tempo e no espaço; basta recordar o escândalo em torno do casal de gays na lanchonete em Marília, citado nas vinhetas iniciais do texto.

Butler afirma que a citação da norma dominante, realizada pela figura da travesti, não necessariamente “[...] desloca essa norma, antes, torna-se o

42 O diploma legal citado dispõe penalidades a ser aplicadas a práticas de discriminação contra LGBT. Adrede à lei específica, teríamos o artigo 5º da Constituição Federal de 1988, que estabelece a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, sem quaisquer distinções, bem como o código de defesa do consumidor, Lei 8.078/1990, em que o mencionado art. 5º da Carta Magna está implícito. Inclusive é digno de registro que em 13-06-2019 o Supremo Tribunal Federal criminalizou a homofobia e a transfobia, equiparando-as ao racismo.

meio pelo qual a norma dominante é mais dolorosamente reiterada, como o desejo mesmo e a *performance* daqueles sujeitos. [...]” (BUTLER⁴³ *apud* FRANÇA, 2006a, p. 108. Itálico da autora).

Bom, se as travestis desestabilizam as identidades de gays, é porque o que estabiliza a identidade deles é exatamente aquilo que a identidade travesti põe em questão. Ou seja, o sistema heteronormativo sexo/gênero. São as mesmas máquinas identitárias de desejo nos heterossexuais, gays e travestis; porém entre um polo e outro, o funcionamento é diferente. Abstratamente, estaria atestada a “essencialização” das identidades e sua derivação da matriz heteronormativa. É quase paradigmático esse exemplo, para nós, pois explicita a reiteração de hierarquias e normas de gênero e sexualidade, apesar da aludida liberalização propiciada pelo mercado GLS.

A questão do consumo permeia as intersecções de marcadores de diferença social. Mas ela precisa ser explicada. É o que faz França em sua tese (2010), expandindo as análises de sua dissertação (2006b). Naquele texto, os cortes de classe social ficam mais aparentes porque ela entrecruza etos de pessoas de diversos estratos sociais com sua performatividade em locais de consumo. Um movimento parecido, no sentido de explorar os diversos entrelaçamentos dos marcadores de diferença social, mas restrito ao grupo das mulheres, foi realizado por Facchini (2010).

Se quisermos estender e exasperar essa análise, no sentido de explicitar relações de classe social na produção bibliográfica brasileira, podemos voltar a Braz (2010) e indicar que o ambiente pesquisado por ele cobra taxas de ingresso, o que já impõe certa limitação no consumo, além da interdição social sobre a homossexualidade e as práticas BDSM, que dispunha de uma rede social restrita de troca de informações e contatos sobre o clube. Os textos referidos lidam com o ambiente online (BRAGA, 2013; MISKOLCI, 2017; PADILHA, 2015; KURASHIGE, 2014), mas, ainda que indiretamente, também trabalham com corte de classe social e de consumo, especialmente no que concerne ao acesso à rede, escolarização e bens de consumo, uma vez que tudo isso é requerido dos usuários para terem condições de acessar a rede; as classes sociais são visíveis nos aplicativos pelo que as fotos mostram, pelo quê e como os usuários escrevem, local de moradia etc.. O mesmo vale para outras cenas LGBT, não necessariamente vinculadas ao consumo, embora não totalmente separadas dele, que mobilizam os vários marcadores de diferença social (SIMÕES; FRANÇA, 2005; SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010). Perlongher (1987), outrossim, identificou relações entre classes sociais mediadas pelo dinheiro e, ainda mais, asseverou que o dinheiro –

43 Referência completa: BUTLER, 1993, p. 133.

mercadoria universal – detinha potencial para desterritorializar todos os demais marcadores de diferença, unindo em intercurso sexual brancos e negros, ricos e pobres, nativos e migrantes, jovens e longevos, michês “heterossexuais” e gays, “bofes”⁴⁴ e “mariconas”⁴⁵. Também a etnografia de Guimarães (2004 [1977]) mostra que o grupo de gays que ela acompanhou era de profissionais liberais, de nível superior, provenientes de uma classe social mais abastada e mais instruída a ponto de acessar informações sobre um etos propriamente gay, então nascente do movimento liberacionista dos EUA, importado dos jornais e revistas originais em inglês. Este mesmo dado, demonstrado a partir de outro grupo, outras pessoas, outro lugar e outra temporalidade, pode ser extraído da dissertação de Facchini (2002). Diferença de etos com raiz nas classes sociais e que se imbrica no grupo de gays no Brasil desde longe no tempo (GREEN, 2000; SILVA, 2005 [1958]; PARKER, 1991).

Sendo assim, não parece descabido propor pesquisar essas intersecções nas mídias digitais e nos eventos sociais com o fito de compreender melhor e intentar descrever os mecanismos desse preconceito entre um e outro gays e os modos pelos quais os agentes constroem alianças e linhas de fuga ao preconceito, através de fluxos de informações, pessoas e desejos que funcionam como uma máquina de guerra que se vale das fraturas da norma para mais desterritorializar os fluxos e códigos. A seguir, apresentamos de maneira esquemática o campo de pesquisa.

3. Campo concreto e real, atual e virtual

No presente trabalho, o campo delimitou-se a Bauru, muito embora dialogue francamente com Marília e outras circunvizinhanças. Esta pesquisa parte do preconceito interpares, embora não se lhe restrinja, abordando algumas demandas do campo, tais como a resistência e formas de encarar o preconceito, pontos em que a normativa de gênero quebra-se e exhibe sua fragilidade e também vastamente os fluxos de pessoas e desejos, fundamentais para compreender linhas de fuga à norma e as territorialidades dos desejos. Tais fluxos desejantes, dentro de Bauru e entre esta e proximidades foram perseguidos por nós pelos aplicativos e ao vivo, em campo, nos eventos que acompanhamos.

O segmento social pesquisado limita-se ao dos gays, especialmente àqueles que se

44 Termo êmico que designa e valoriza um homem mais jovem, viril, forte e ativo, não necessariamente “gay” mas também não necessariamente “heterossexual”. Parece que esta categoria já gozou de maior circulação, no contexto desta pesquisa ela surge como resíduo fóssil.

45 Termo êmico, de cor pejorativa, que identifica um homem de mais idade, passivo ou efeminado, que, teoricamente, precisaria pagar por sexo, uma vez que sua idade e aparência já não lhe favoreceriam a obter intercursos gratuitos. Uma maricona pode, não obstante, ser um homem casado com mulher e que se serve de encontros fortuitos e sigilosos.

servem de programas de celulares inteligentes para relacionamentos afetivo-sexuais. Se há gays brancos e negros, pobres e ricos, de nível superior completo ou não, são intersecções de marcadores de diferença social que valorizamos e buscamos estudar. O fato de não nos restringirmos a uma classe social ou a um grupo de “raça” é imperativo nesta pesquisa a fim de que os entrecruzamentos de marcadores de diferença social apareçam em movimento. Quais são os elementos que engendram uma circunstância para que uma barreira imponha-se? O que está em jogo nessas circunstâncias? Segredo? (In)visibilidade? Hombridade? Machismo? Homofobia internalizada? Desejo? Sabemos que as relações de poder existem e são peremptórias nos encontros e desencontros sociais, online e offline. Entender como esse grupo de pessoas operacionaliza essas relações de poder é o que se pretende. Como cada agente coloca-se em uma tal relação? Quais suas estratégias de sobrevivência, fuga, burla ou exclusão? Quais os mapas disponíveis? Quais são os/as aliados/as? Por quais territórios navega-se? Um recorte que foi posto por nós ao grupo foi das coortes etárias; o agente deveria ter no mínimo dezoito anos completos para participar da pesquisa de qualquer jeito.

Grande quantidade de dados foi exarada por nós dos aplicativos. Como pode-se ver adiante (capítulo 1), o aplicativo em questão exhibe perfis e posicionamentos geodésicos rastreáveis. Essa condição permite que os dados dos usuários sejam com alguma facilidade pesquisados e quantificados. Tal é a parte virtual do campo social que pesquisamos. O fato de os dados incidirem mormente sobre as coortes etárias entre dezoito e trinta anos deve-se ao fato, suposto, de que são os jovens nessas faixas etárias que mais utilizam o aplicativo. As razões aventadas para isto são da ordem da familiaridade desde tenra idade com mídias digitais, relações homossociais menos veladas do que no caso dos mais velhos, situação de segredo atrelada ou não a um casamento (caso dos “héteros” que frequentam cinemas para intercursos furtivos com outros homens ou gays). Quer dizer, há etos distintos segundo os pertencimentos etários e maneiras singulares de lidar com a (homo)sexualidade de si e de outrem, o que conduz o agente a adotar as medidas que lhe são convenientes. O fenômeno reflete-se na parte virtual do real (aplicativo).

Outro foco de pesquisa foi a participação observante no campo atual. Comparecemos a alguns eventos (notadamente os encontros da diversidade). Os partícipes dos eventos também foram contabilizados via aplicativos, o que não significa que os dados coletados diretamente nos aplicativos sejam única e exclusivamente provenientes de situações de eventos. Os eventos são importantes para descobrir os territórios dentro da cidade e os diversos fluxos. A observação *in locu* permite abstrações mais fidedignas e sólidas, ulteriores às inferências estatísticas dos aplicativos. Ao que parece, a pesquisa nos aplicativos calhou ser

mais como uma técnica de pesquisa e coleta de dados, complementar à etnografia, metodologia propriamente utilizada.

4. Metodologia: de como o pesquisador *stalkiou*⁴⁶ os interlocutores

Como deve ter transparecido da seção anterior, esta pesquisa teve diversos momentos que conduziram o pesquisador a campos distintos. Houve fases de *stalkiar* pessoas e utilizar meios de comunicação e redes sociais online como termômetro dos acontecimentos. Necessidade de dados provenientes de participação observante impuseram-se e lançaram o pesquisador no campo, em eventos e lugares. Dúvidas que o campo suscitou levaram a entrevistar agentes do campo. Elaboraões teóricas, tentativas de sistematização, esforços de síntese, análises e vontade de compreender, explicar e interpretar os dados geraram textos mais densos e áridos. Em cada momento, métodos e técnicas adequados tornaram-se misteres. Há, contudo, elementos supostos ou implícitos que subjazem e respaldam todo o processo de pesquisa. No que se segue, detalhamos um pouco essas técnicas, métodos e pressupostos.

Sabe-se que há uma discussão copiosa sobre metodologias de pesquisa social em aplicativos móveis. Sem embargo, cabe salientar que a coleta de dados realizada para esta pesquisa tendeu a utilizar-se dos aplicativos como uma técnica de coleta de dados, sendo a etnografia, com peso na observação participante e auxílio de técnicas de entrevistas, a metodologia empregada. Esse remarque impõe-se porque, dados os objetivos desta pesquisa, a coleta de dados através de mídias digitais fica como uma técnica. Muito embora tenhamos em consideração as pesquisas que tratam pormenorizadamente do assunto e as implicações sociológicas (no sentido teórico e prático) da rede virtual que permite interação de usuários/as, não convém aqui discorrer sobre uma metodologia de pesquisa virtual. Este apontamento não é para descartar as pesquisas cuja metodologia está embasada nas mídias digitais, mas para indicar a diferença entre a abordagem escolhida por nós e para que pressupostos porventura implícitos não soem como confusão ou distorção.

Reside na engenhosidade de nossa parte em registrar as distâncias geodésicas⁴⁷ dos

46 Gíria brasileira criada por barbarismo com o verbo inglês *to stalk*. Uma tradução possível seria “vigiar” ou “espionar”, algo como “perseguir alguém online”; em um dicionário da língua inglesa encontramos: “1 mover-se devagar e em silêncio em direção a um animal ou pessoa, a fim de matar, captura ou feri-lo [=emboscar]; 2 seguir e observar ilegalmente alguém durante um longo período de tempo, de um jeito que é irritante ou intimidador [=vigiar, espionar, flagrar]”. Tradução livre de <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/stalk_2> acesso em 26-04-18.

47 Conceito de geodésica: menor distância linear entre dois pontos, notadamente medida por satélite e desconsiderando fatores como a curvatura da terra e seu relevo. É o sistema de medida geográfico utilizado pelo GPS (*global positioning system* – sistema de posicionamento global) embutido nos celulares inteligentes. No caso do aplicativo, o usuário conhece da distância, mas não tem como conhecer da direção (Norte, Sul, Leste ou Oeste) dos demais usuários. Consideramos a geodésica útil a curtas distâncias, em média 10km, raio que cobre razoavelmente a área do perímetro urbano das cidades aqui pesquisadas, mas

perfis fornecidas pelo aplicativo para depurar deslocamentos, números estatísticos e informações dos usuários, apresentados no capítulo seguinte. Por aplicativo, nesta dissertação, referimo-nos ao programa, também chamado de aplicação ou “app” (lê-se “apepê”, abreviação e vulgarização aportuguesada do inglês *application*), para celulares inteligentes (*smartphones*) – aqueles que possuem funções diversificadas das de um celular comum, em especial o acesso à rede e emulação de programas, como um minicomputador que coubesse na palma da mão. No caso do interior paulista, são três os aplicativos mais populares para contatos afetivo-sexuais exclusivamente entre homens e outros dois não exclusivos. Estes últimos foram de antemão eliminados da apreciação por esta pesquisa, não por purismo, mas por carência de geolocalização. Dos aplicativos para gays mais vulgarizados, decidimos utilizar um só, aquele que fornecia mais informações sobre usuários e cujo acesso fosse franco. Os três têm praticamente a mesma apresentação: uma tela inicial que exhibe perfis dos usuários segundo as distâncias geodésicas crescentes entre o usuário que está acessando o aplicativo e os demais. Esta disposição forma uma grade de perfis ordenados pela distância. O problema é que todos os aplicativos limitam o número de perfis visualizáveis, a menos que o usuário pague à empresa desenvolvedora do programa para obter pleno acesso. Aquele aplicativo selecionado para a pesquisa, não limitava a grade de perfis quando iniciamos a pesquisa, depois passou a fazê-lo, sem prejuízo para a pesquisa. Além disso, os outros dois reduzem muito o número de perfis visíveis e o fato de as versões gratuitas ser limitadas nesse ponto deve causar nos usuários o ensejo de preferir utilizar aquele mesmo que escolhemos. Um dos programas excluídos da pesquisa possui, de fato, tão poucos perfis das cidades de Bauru e Marília que em questão de cerca de dez perfis a distância salta de, digamos, 10km do pesquisador para 150km, ou seja, perfis de cidades distantes. Ainda mais: ambos os programas deixados de lado não permitem pesquisas sistemáticas, asseguradas por controle estatístico de amostragem, nem fornecem informações pesquisáveis, ou recortes relevantes para a pesquisa. Com efeito, o aplicativo selecionado permite que o pesquisador realize amostragens por coortes etárias e “etnia” (termo utilizado pelo programa), resultando em uma pesquisa muito arrojada e possuindo números representativos estatisticamente. Para além da grade e das informações, possui maior número de perfis; há também galerias de fotos (que os

sua utilidade é prejudicada por lonjuras maiores, veja-se: São Paulo capital está a 525km pela rodovia a partir de Marília e 425km a partir de Bauru, mas no aplicativo a geodésica é de 280km e 250km respectivamente. Além disso, como saber se um perfil que dista 250km desde Bauru está em São Paulo ou em, digamos, Campo Grande (MS)? Aparelhos mais sofisticados de geoposicionamento e georreferenciamento corrigem a geodésica com o azimute, isto é, a medida do arco, em sentido horário, contado em graus que parte da direção Norte 0°; quando o azimute aproxima-se de 90° a direção é Leste; 180°, Oeste; 270° Sul; e 360° ou 0°, Norte – é o sistema que numera, por exemplo, as rodovias.

demais não disponibilizam), uma seção que divulga notícias variadas e de interesse direto para a comunidade LGBT (notícias nacionais e internacionais, sobre saúde, política, movimentos sociais etc.). Fornece ainda um sistema de pesquisa por entrecruzamento de informações marcadas pelos usuários com # ou @ (detalhado no capítulo seguinte). E mesmo esbanja um sadio orgulho de ser a “primeira” rede social gay – realmente, seu funcionamento aproxima-se de redes sociais outras –, ulterior a um “aplicativo para encontros”, propondo-se viabilizar informações e socialização – inclusive, pode ser acessada com o perfil, mas sem a grade geodésica, por uma máquina ligada à rede, como um *notebook*, computador de mesa ou *tablet* (este último com GPS). Todos os aplicativos vendem espaços no meio da grade em que são exibidas propagandas publicitárias. Seguindo essas razões, recortamos o campo virtual.

Quando foi possível, contatamos os *stalkiados* a fim de obter entrevistas. Notadamente, realizamos este procedimento nos casos dos eventos em que não comparecemos pessoalmente (fomos pelo aplicativo). Sem embargo, procuramos obter outros pontos de vista sobre preconceito e discriminação no meio LGBT e visões nativas de acontecimentos que nós mesmos não vivenciamos, seja uma situação vexatória, seja uma opinião de que não compartilhamos, seja uma sauna, cinema ou festa nos quais não fomos. Por outras palavras, procuramos apreender as percepções nativas sobre o objeto. É assim que por exemplo tem quem aceite nossa ideia de que há preconceito, conquanto outrem discordem e afirmem, entre outras coisas, que o fato de alguém não querer “ficar” com outra pessoa não é preconceito (na verdade, discriminação), mas apenas gosto individual – como se discriminação e preconceito reduzissem-se a desquitar uma lisonja e fossem adscritos à esfera do individual.

Esses depoimentos foram colhidos por meio de entrevistas, espontâneas ou a convite, digitadas no computador, gravadas quando o interlocutor permitiu, ou reduzidas a mementos de caderno de campo quando o entrevistado não autorizou registros diretos, que não os mnemônicos. Todos os depoimentos foram registrados de modo anônimo e sigiloso, resguardando a privacidade dos interlocutores, esclarecendo-os quanto aos detalhes técnicos e da ética de pesquisa e sobretudo acatando suas volições. Às vezes o contato deu-se no campo, quando o interlocutor ofereceu-se, outras em ambientes controlados, como a casa do entrevistado ou a do pesquisador ou o *campus* universitário.

No caso dos depoimentos colhidos a convite, o pesquisador elaborou um roteiro que visava situar culturalmente o interlocutor, perguntando seus dados pessoais, familiares e um pouco de sua trajetória de vida afetiva. Adicionou questões abertas para o entrevistado dissertar à vontade. Nenhuma questão foi imposta sem o consentimento do interlocutor. Essas

questões iam ao encontro dos objetivos da pesquisa, tocando o tema e a abordagem que lhe foi dada.

Claramente o pesquisador manteve caderno de campo em que registrou suas incursões ao campo, suas observações, ideias, sentimentos, inquietações, informações e dados considerados relevantes (ou nem tanto). Não tanto a título de diário de campo em sentido estrito, porém mais como notas e memorandos. Tratam-se, no fundo, de registros das participações observantes nos eventos e aqueles lampejos de inspiração que nos vêm de repente.

Genericamente, essas foram as técnicas e as questões etnográficas da pesquisa. Como foi possível observar logo na abertura do texto, rascunhamos como Deleuze e Guattari auxiliaram-nos a pensar o objeto e o problema da pesquisa, buscando mostrar a importância de sua teoria para nós e, quiçá, oferecendo algumas definições conceituais.

Em meio a um maremoto – ondas de reação, ondas de intolerância, ondas de violência, ondas quebradas, ondas inesperadas, ondas conservadoras, ondas microfascistas etc. etc. – um modelo marítimo. Deleuze e Guattari propõe um modelo marítimo em *Mil platôs* (1997, v.5) para pensar outros espaços que não o estriado, controlado pelo Estado, e suas misturas com outros tipos de espaço e maneiras de ocupá-lo. Exemplo concreto de estriamento do espaço e controle pelo Estado são as próprias ruas, os planos urbanísticos; um caso mais abstrato são os códigos sociais normativos introjetados pelos agentes, as palavras de ordem, os regimes de signos dominantes. O modelo marítimo é afim com a cartografia: o mar, apesar de ser adscrito às orlas, não é um território estriável, está em constante movimento, sobe e desce, muda, acalma-se, agita-se, é possível às vezes cruzar sua superfície, raramente é possível auscultar suas profundezas; o único instrumento de que se dispõe é a carta que apresenta rotas possíveis, isto é, já testadas por outrem. É diferente da geografia das massas terrestres que comportam inclusive limites políticos. Um “hétero” pode encontrar uma rota de fuga na rua que passa pelo cinema; um “sigiloso”, *i.e.*, casado, no banheiro do mercado. Essas linhas de fuga são traçadas e comunicadas por outrem. O aplicativo tem algumas características do mar: perfis surgindo e desaparecendo, como as ondas, e um limite de visualização no horizonte do observador, também a profundidade do que se pode ver é restrita. O campo pesquisado também guarda essas características: até onde se “descobriu”, até onde alguém está disposto a “aventurar-se”, quais as rotas? Quais os portos? Quais as cartas? Tudo muda, apesar das estrias físicas do capital, tais como ruas e fluxos de pessoas, mercadorias e desejos. Esta etnografia procurou conhecer das rotas, dos navegantes e desse território sempre movediço.

Donna Haraway em seu *A cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century* (1991, pp. 149-182) comenta que no mundo contemporâneo outras figuras de linguagem perfilam no lugar, ou ao lado, das clássicas metáforas e metonímias. A autora escolhe a ironia e a blasfêmia (esta, claro, não uma figura de linguagem, mas uma ousadia em emitir imprecações contra os regimes de signo normativos). Haraway também elenca uma série de mudanças sócio-históricas do mundo ocidental e busca refletir sobre como as identidades fraturadas deste contexto integram-se ao mesmo contexto. Nas páginas 161 e 162 há uma lista de mudanças epistemológicas nos paradigmas de dominação, das quais destacamos representação → simulacro; profundidade, integridade → superfície, fronteira; fisiologia → engenharia da comunicação; decadência → obsolescência; reprodução → replicação; natureza/cultura → campos de diferença. Essas e as demais mudanças epistemológicas que a autora suscita compõem o cenário hodierno das relações sociais e seus regimes. A ironia e a blasfêmia são as estratégias selecionadas por Haraway para fazer frente aos novos paradigmas. Nós escolhemos o oxímoro.

E por que oxímoros? Estes são figuras retóricas que se expressam pela aproximação de termos contraditórios ou incongruentes. Apesar de terem efeito estilístico em determinados usos, no contexto social explicitam contradições e no âmbito dos aplicativos tornam clara a incongruência dos gêneros com as normativas sociais, bem como entre práticas (subversivas ou não) e discursos. São os casos amplamente vulgarizados dos gays discretos, dos machos fora do meio, dos caras que querem sair com outros que não sejam efeminados etc. Os oxímoros que aparecem textualmente nos perfis enunciam em primeiro lugar a incongruência das próprias normas; segundo, delineiam o regime de signos a que os agentes estão sujeitos. Muito mais do que salientar contradições sociais, a atenção aos oxímoros empregados aqui e ali ajuda a compreender como os agentes jogam com a norma, fendem-na.

5. Organização dos capítulos

O capítulo 1 *Navegando no campo*, que dá continuidade ao texto, apresenta detalhadamente o campo virtual desta pesquisa, ali a intenção do autor é mostrar como os agentes comportam-se no que pode ser “vigiado” a partir das mídias digitais. Apesar de lidar exaustivamente com o campo virtual, os fluxos e eventos aparecerem nele também, com seus acontecimentos, territórios e agentes. Chegando no capítulo 2 *Eventos e fluxos, intersecções de marcadores de diferença social*, o autor procura estudar o preconceito interpares à luz das intersecções de marcadores de diferença social nos contextos de fluxos desejantes de pessoas e mercadores, seus territórios, bem como nos eventos. Nele são retomadas e aprofundadas as

análises dos fluxos nos eventos, situações e acontecimentos, em um movimento mais etnográfico (*in locu*) e virtualmente de maneira subsidiária. Analisa os fluxos desejantes em pontos de saturação sexual e mercados sexuais. Há nele também a tentativa de rastrear os movimentos dos agentes pelo aplicativo. Este capítulo abrilhanta a etnografia com polifonia. Por fim, à guisa de conclusão, *Perlongher no app: cartografia de fluxos – considerações finais* debate questões etnográficas, trazendo a contribuição de Deleuze e Guattari para o debate sobre gêneros e sexualidade não normativos na área da antropologia social. Obviamente este movimento não pretende encerrar a discussão, porém almeja somente indicar sua relevância. Esse capítulo final também retoma as questões colocadas pela pesquisa junto do aparato teórico de Deleuze e Guattari.

1. Navegando no campo

Ao trabalhar com dados coletados na rede, mormente via aplicativos, a pesquisa sofreu certa redução qualitativa. É por vezes mais fácil, outras tantas mais difícil, abordar e mesmo construir dados retirados da rede, especialmente dos aplicativos que se atualizam constantemente por causa da movimentação das pessoas. Sem embargo, ainda que a seguir venham muitos elementos de ordem primariamente quantitativa, a análise precisa ser qualitativa. Não abordamos todos os perfis de cada usuário existente, o que seria impraticável. Contudo, utilizando as mídias digitais portáteis como uma ferramenta de coleta de dados, servimo-nos de técnicas de amostragem estatística, com erro controlado, e procuramos traçar perfis e ligar diversos elementos qualitativos (em geral as categorias presentes nos filtros dos aplicativos que condiziam com aquelas pesquisadas por nós, bem como a linguagem êmica (categorias nativas) empregada pelos usuários). Neste capítulo, estabelecemos e introduzimos nas seções seguintes o campo de pesquisa, principalmente na sua parcela virtual; desenvolvemos e apresentamos dados quantitativos: tabelas de frequência e gráficos; e sua análise qualitativa. Esses dados são referentes aos usuários, os fluxos por que desembocam e eventos observados online e offline, tendo o objetivo geral de mapear e metrificar fluxos de pessoas e de desejo dentro da cidade, entre ela e suas vizinhanças, em locais específicos e em eventos. A análise propriamente dita destes e de zonas de saturação e mercados sexuais será postergada (capítulos 2 e 3 respectivamente).

Este capítulo possui a vantagem de apresentar o aplicativo sob escrutínio e as informações disponíveis ali. Essas informações são de duas ordens: 1) opções do próprio aplicativo e que o usuário preenche ou não (distância, etnia, idade, medidas de altura e peso, pilosidade, preferências sexuais, saúde) e 2) informações aduzidas pelos usuários em espaços livres do perfil, tais como os cabeçalhos, descrições pessoais e sustentidos (#). Todas essas informações serão apresentadas a seguir segundo essa mesma classificação. As primeiras são quantitativas, discretas e contínuas, e permitem quantificação mais direta e robusta; as

segundas são qualitativas, nominais e ordinais, funcionam de modo mais parecido com categorias e acabam por explicitar elementos qualitativos. Assim, as primeiras refletem dados mais sedimentados para os próprios agentes, enquanto que as segundas refletem opiniões mais sutis e mutáveis. Esta segunda ordem de dados concede ao pesquisador acesso a elementos antropológicos, objetos da pesquisa e que não estão postos na apresentação do aplicativo, tais como os marcadores de diferença social, noções nativas e o preconceito interpares. De sorte que o fluxo do texto reitera essa classificação e pretende demonstrar o trânsito entre parcelas virtuais (dados nos aplicativos, de qualquer ordem) e atuais (dados offline). É claro que os dois ambientes interpenetram-se e poder-se-ia dizer mesmo que o online reflete o offline ou pelo menos incorpora suas categorias.

1.1. Aplicativos e população

Programas de aplicações portáteis para telefones inteligentes, ou mídias digitais móveis, ou simplesmente aplicativos, ou ainda “*app*” na vulgarização da abreviatura da palavra inglesa pela gíria popular. Trata-se de programas para celulares inteligentes (*smartphones*) e *tablets*, alguns funcionando em *notebooks* e computadores por meio de sítios ou emuladores. No fundo, qualquer uma dessas aplicações pode receber essa denominação, desde uma calculadora, um emulador de sistema operacional ou, no caso aqui sob escrutínio, aplicativos em que os usuários criam perfis muitas vezes com nome, foto e outras informações pessoais, que viabilizam encontros afetivo-sexuais e são geolocalizados. O fato de acessarem a rede e utilizarem GPS fornece dados aos outros usuários referentes à distância geodésica entre um e outro perfil. O GPS goza de acuidade para localizar pontos na superfície terrestre por cálculos fornecidos por satélites. No caso dos celulares – como de qualquer outro aparelho que meça distâncias por GPS – a distância dada não reflete a curvatura nem a topografia da terra, sendo uma linha reta que, na verdade, é a menor distância entre dois pontos que desconsidera a topografia real.

Assim, aplicativos direcionados e utilizados por público LGBT para finalidades de relacionamento de qualquer tipo, como amizade, namoro, intercursos impessoais etc., juntam informações de perfil preenchidas pelos próprios usuários e localização por GPS, nos termos comentados acima. Essas informações disponíveis a qualquer outro usuário costumam ser úteis em análises e pesquisas. Seguindo esse mote, que parece em voga hoje nas pesquisas sociais sobre afetividade, sexualidade e sociabilidade, debruçamo-nos sobre aplicativos que foram apelidados pela linguagem êmica de “aplicativos de pegação”. Entre nossos amigos e conhecidos, há três aplicativos mais comuns. Todos eles oferecem versões limitadas gratuitas

e versões ilimitadas pagas. O limite aí refere-se por exemplo à quantidade de perfis visualizáveis na grade ou à habilitação de filtros de categorias para selecionar e buscar parceiros dentro do que apetece ao usuário. Navegamos pelos três, mas um deles limita menos o acesso gratuito e deste provêm os dados – salvo explícito remarque no texto. Esses mesmos aplicativos e outros mais, inclusive sítios, foram objeto de análise de diversos pesquisadores como por exemplo Richard Miskolci (2017), Felipe A. Padilha (2015), Luiz F. Zago (2013), Keith D. Kurashige (2014), Fernando Seffner (2003), Gibran T. Braga (2013) entre outros. Tais aplicativos têm em comum, além dos perfis, funções de seleção e geoposicionamento, a disposição dos perfis em grade pela qual o usuário navega. O primeiro perfil exibido é o do próprio usuário, seguido de seus vizinhos desde o mais próximo até o mais distante, pelo que, à medida em que “desce” na grade, afasta-se do seu ponto de localização e aumenta a distância entre os perfis.

Foi precisamente esta característica que, para nós, foi importante e instigante. Ela permitiu contar quantos usuários estariam próximos, e daí vêm as metrificações e frequências que se seguem. Possibilitou-nos também medir distâncias, não só entre outrem e nós, mas entre perfis que apareciam, digamos, em um Sábado à noite em Bauru e, na Quarta-feira subsequente à tarde a 100km de nós. De fato, o GPS tornou-se uma técnica de mapeamento de deslocamentos e trajetórias, além da quantificação, o que revelou fluxos de pessoas e desejos.

O localizador, por outro lado, talvez seja o ponto mais débil do aplicativo. Pessoas estão na linha em um minuto e saem dela no seguinte, mas o perfil permanece “ligado”. Via de regra, o aplicativo estudado apõe aos perfis um círculo minúsculo verde para sinalizar que o usuário está em linha ou vermelho, se estiver offline. Pode acontecer de haver um laranja ou amarelado, em outros programas, para sinalizar que o usuário fechou a aplicação recentemente. Também é comum, no lugar dos círculos, os vocábulos “online” e “offline”. Todas as mídias anotam e dizem há quanto tempo o usuário está offline, a data ou hora do último acesso. Este ponto parece dar causa a desentendimentos, visto que alguns usuários escrevem “não é porque a bolinha tá [sic] verde que eu tô [sic] online” ou ainda “não fico online o dia todo”, “a bolinha verde engana”, “demoro para responder”. É como uma ansiedade entre um chamado e a expectativa de uma resposta imediata, frente à possibilidade de a pessoa não estar no lugar certo na hora certa e perder uma oportunidade evanescente de contato. É mesmo verdade que alguns usuários bloqueiam o perfil que não responde ou demora mais do que alguns segundos para responder, desconsiderando quaisquer questões práticas de conectividade e ocupação. As pessoas andam, a pé ou de automóvel, e o GPS não cessa de atualizar-se, ou, bem ao contrário, não atualiza imediatamente, o que provoca

incertezas quanto à posição das pessoas. Há aí uma dificuldade de correspondência fidedigna entre o virtual e o atual. Vale a pena recordar aqui os dizeres de Gilles Deleuze, em seu *Diferença e repetição* (1998 [1968]), quando ele conceitua o par atual e virtual de modo não binário:

O virtual não se opõe ao real, mas apenas ao atual. O virtual possui uma realidade plena enquanto virtual. [...] O virtual deve inclusive ser definido como uma estrita parte do objeto real – como se o objeto tivesse uma de suas partes no virtual, e aí mergulhasse como em uma dimensão objetiva. (DELEUZE, 1998 [1968], p. 185, ênfase nossa)

Não obstante, essa falha de conectividade explicita relações sociais que mobilizam agentes concretos, agenciamentos coletivos, marcadores de diferença social e eventos. Abordaremos estes pontos depois de modo mais detido.

O quadro 1 abaixo apresenta a distribuição de perfis no aplicativo selecionado, em Bauru, por faixa etária, seguindo estratificação do IBGE.

Quadro 1. Distribuição da amostra por faixa etária. Bauru, 23-07-2017.

| Faixa etária ⁴⁸ | Quantidade | % em relação à amostragem | % em relação à população |
|----------------------------|------------|---------------------------|--------------------------|
| - 20 | 26 | 6,25 | 1,00 |
| 20-24 | 136 | 34,09 | 0,89 |
| 25-29 | 138 | 34,59 | 0,88 |
| 30-34 | 47 | 11,78 | 0,33 |
| 35-39 | 26 | 6,52 | 0,21 |
| 40-44 | 13 | 3,26 | 0,11 |
| 44 - | 13 | 3,26 | 0,12 |
| Total | 399 | 100,00 | 3,53 |

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Segundo o IBGE, Bauru contava 343.937 habitantes no censo de 2010, dos quais 166.649 eram homens. Uma amostra representativa com erro amostral controlado de 0,05 (5% para mais e para menos) nestas condições seria aproximadamente de 400 indivíduos. Portanto, a amostragem pelo aplicativo pode ser validada do ponto de vista estatístico.

Tem-se então o total de 399 perfis no aplicativo, a coluna “faixa etária” representa o estrato etário e a coluna “quantidade”, a frequência de perfis em cada faixa. 26 perfis têm entre 18 (idade mínima requerida pelo programa) e 19 anos de idade (combinando aquele com a estratificação do IBGE); 136 entre 20 e 24 (daqui por diante, apenas utilizando os estratos do instituto); 138 entre 25 e 29; 47 entre 30 e 34; 26 entre 35 e 39; 26 com 40 anos ou mais.

⁴⁸ Convenção: “-|” indica até, mas exclusive a marcada; “-” intervalo entre idades, inclusive extremos; “|-” a partir da idade, exclusive a marcada.

Detalhes maiores, isto é, mais faixas etárias, não são representativas porque seu número de frequência é algo como 1 (um perfil) ou 3 (três perfis), ou mesmo não há perfis, de modo que as fundimos na última coorte. A coluna “% em relação à população” aponta a representação da frequência da coluna “quantidade” dentro da população total de Bauru.⁴⁹ Já a coluna “% em relação à amostra” apresenta a distribuição que cada faixa etária representa dentro da amostra. Como se vê, e vale a pena remarcar, as faixas etárias entre 18 e 34 anos de idade possuem maior parcela de representatividade (86,98%). Esta mesma distribuição está de acordo com a pirâmide etária de Bauru, com índice de correlação estatística alta (92%). Esta coleta foi realizada da casa do pesquisador, em região adjacente à central de Bauru. O raio geodésico limite de distância entre perfis para definir se a pessoa estava ou não em Bauru foi estipulado entre 10km e 14km, com base na área do perímetro urbano e a partir do “salto” da distância dos perfis de, por exemplo, 12km para 26km, o que denota localização em outro município.

Isto pôde ser verificado no aplicativo privilegiado. O fato de esta metrificação ter sido feita em Julho e no meio da semana possibilitou mensurar a quantidade de habitantes ou moradores, digamos, fixos da cidade. Dizemo-lo porque a mesma contagem realizada em outros meses pode variar grandemente devido a pessoas que vêm e vão, atravessam a cidade muito rapidamente devido a: 1) fluxo de estudantes – a cidade possui muitas universidades, o que atrai muita gente para a cidade nos períodos letivos e provoca seu esvaziamento nos recessos –; 2) fluxo de trabalhadores – Bauru é uma cidade-polo da microrregião e concentra indústrias e serviços que atraem pessoas, também há bauruenses que moram, suponhamos, em São Paulo capital, por causa de emprego e para cá retornam de férias e, notadamente, nas festividades de fim de ano –; 3) fluxo de pessoas por motivo de lazer – desde que três ferrovias cruzaram-se em Bauru, por ocasião da expansão cafeeira para o Noroeste do Estado de São Paulo, na virada do século XIX para o XX, a região conheceu uma vida noturna vivaz, que lhe rendeu o lema de “cidade sem limites” – sem limites morais, ou seja, para a esbórnica, fato que se mantém até o presente, não por causa das ferrovias, mas pela vida noturna e menor pressão moral da sociedade.

Neste ponto uma análise mais detalhada, detida e profunda dos perfis dos usuários de aplicativos impõe-se. Embora seja inexequível abordar cada perfil, é importante analisar as informações disponíveis para contextualizar melhor essa amostragem. Isso pode prover sólidas fundamentações para as análises que seguem justamente por explicitar como os

⁴⁹ O que não significa que 3,53% da população bauruense sejam gays; inversamente, 3,53% da população de Bauru é gay e utiliza o aplicativo em questão. Pode ser que outros montantes usem outros aplicativos ou não se sirvam de nenhum deles por razões diferentes.

marcadores de diferença social aparecem, se aparecerem, nos perfis de aplicativo e pode ainda indicar como operam os distintos regimes de armário.

A versão utilizada pelo pesquisador valia-se de perfil que comporta fotos públicas e restritas (essas a ser liberadas pelo autor de perfil a outro usuário segundo seu discernimento). Detalhe: nosso perfil não tinha foto nem nenhuma informação, inclusive jamais respondemos nenhuma mensagem de usuário. Nome e idade podem ser inseridos, bem como um apelido que, no caso particular do aplicativo utilizado, pode ser marcado no perfil e servir como um localizador de perfis pela sua junção com um arroba (@). Para criar um perfil, o usuário deve informar um endereço de correio eletrônico válido e criar uma senha. A distância geodésica é sempre calculada pelo programa a partir do GPS do celular para que aquele possa montar a grade de perfis por lonjuras, mas pode ser ocultada dos demais usuários pelo autor, assim como a maioria das informações. Quando se toca em um perfil, ele amplia a foto de capa, com nome, idade, disco verde/vermelho e online/offline, @ do perfil gerado automaticamente ou personalizado e distância (se disponíveis). Há nessa apresentação inicial um botão de mensagem e outro com a mesma foto em avatar, que abre o perfil, tem-se então no cabeçalho o apelido (@), uma opção de enviar uma mensagem animada de coração, ligação para compartilhar o perfil (*hiperlink*), configurações que abrangem apenas 1) abrir galeria privada (*i.e.*, solicitar acesso às fotos restritas dos usuários), 2) bloquear este membro, 3) denunciar este membro. Abaixo, segue um avatar da foto de perfil, com o nome que o usuário inserir, sua idade, *status online* ou *offline* e distância, se visíveis. Descendo, um cabeçalho redigido pelo usuário e seu marcadores com sustenido (#) se houver, galeria de fotos públicas com quantidade e avatares. Mais abaixo, quantidade de seguidores do perfil e alguns avatares. Segue-se então uma lista de categorias que o usuário pode optar por preencher quando cria um perfil, quais sejam: etnia⁵⁰, altura, peso, posição [sexual]⁵¹, [*status* de] relacionamento⁵², procurando [relações afetivo-sexuais]⁵³, *KYS*⁵⁴ e o idioma do usuário. Finalmente, um botão de seguir (que marca o perfil com um estrela e torna-o em um “favorito”, cujo endereço fica

50 Abrangendo: asiático, negro, latino, árabe, pardo, indígena, asiático do sul, branco e outra.

51 Quais sejam: ativo, passivo, versátil [=passivo e ativo], versátil-ativo e versátil-passivo.

52 Sendo: solteiro, enrolado, relacionamento aberto e namorando.

53 Tais como: conversar, encontros, amigos, *networking* e namoro.

54 Sigla inglesa de *know your status*, *i.e.*, saiba sua situação [de contágio por vírus da imunodeficiência humana – VIH]; essa categoria apresenta um histórico do VIH e da síndrome da imunodeficiência adquirida – Sida, sua instilação pelas autoridades higienistas da década de 1980 como peste gay e inclusive indica locais de testagem e tratamento. As opções dadas são: não sei, negativo, positivo, negativo em *PrEP* (do inglês *pre-exposure prophylaxis*, profilaxia pré-exposição, que é a distribuição de antirretrovirais e inibidores de protease a fim de permitir que as pessoas usufruam de sexo sem preservativo inibindo ou reduzindo o risco de infecção por VIH; o PrEP estava em pesquisa e teste nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro, pela USP, Fiocruz e CRT) e em 2018 passou a ser disponibilizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) como uma nova forma de prevenção à infecção por VIH; e positivo indetectável, adrede as datas de testes e exames.

armazenado no perfil de quem favoritou, e envia uma mensagem automática para o outro favoritado), seguido de uma imensa coluna cronológica que cria uma linha do tempo das atividades do usuário (por exemplo: adicionou uma foto, curtiu uma foto, curtiu uma notícia (da agência de publicidade e comunicação do aplicativo), compartilhou um *link* [=ligação] etc.).

Como já deve estar evidente a esta altura, o pesquisador aproveitou as informações grátis dos perfis, notadamente as pesquisáveis pelo aplicativo, quais sejam: as idades, as distâncias, etnias e os sustentidos. As três primeiras são importantes pois podem ser marcadas pelo usuário-pesquisador e o programa retorna os perfis assim caracterizados, o que possibilita a contagem e serve como maneira de visualizar mais perfis dentro dos requisitos pesquisados. Sempre limitamos as distâncias a fim de assegurar que acessávamos perfis das cidades em pesquisa, além de proceder por estratos etários para sistematizar mais as amostragens. As etnias também são objeto de análise, junto de outros marcadores de diferença social, online inclusive. Os sustentidos também foram estudados, mas mediante seleção dos que pareciam relevantes para os objetivos da pesquisa. A posição sexual foi deixada de lado, exceto quando se configurou como um sinal diacrítico de distinção ou exclusão, caso em que costuma ser veiculada no cabeçalho e não nas opções de perfil. Quanto ao cabimento ou sua falta das categorias, ele é problematizado no texto, quando elas vêm à baila.

Tentamos diuturnamente atualizar o texto em face às atualizações da apresentação do aplicativo. Da última vez, na tela inicial da grade de perfis, havia no alto as abas “caras”, que exhibe a grade, e “notícias” que oferece as novas da comunidade. Logo abaixo, entre este cabeçalho e a grade, o filtro, como foi descrito. Abaixo da grade, o ícone de casa em que se pode ver atividades de outros usuários, em geral fotos, e notificação do programa sobre quem começou a seguir o seu próprio perfil. A seguir o ícone de seta que alude ao GPS e abre a grade. Um ícone, ao lado, de adição (+) em que o usuário pode inserir e postar as atividades, ou momentos, como o programa chama. Depois um ícone de balões de conversa que exhibe, como se pode intuir, as conversas. Finalmente o avatar do usuário, em que se pode editar o perfil, ver galerias de fotos pessoais, seguidores e adquirir a versão paga do aplicativo.

1.2 Cor/etnia/“raça” e outros marcadores sociais de diferença nos perfis de aplicativos em Bauru

Iniciamos as análises pelas categorias de cor/etnia/“raça” (no aplicativo chama-se apenas “etnia”, nós resumiremos a “raça” quando se tratar do conceito de marcador de diferença social). Veremos que as categorias étnicas/raciais do aplicativo conflitam com as da

cultura brasileira em diversos pontos; mais do que desatenção do desenvolvedor e tradutores locais, a tradução simples e direta indica mais a tendência a invisibilizar diferenças do que a disposição em lidar seriamente com elas. Seria possível asseverar que o marcador de “raça” é o mais fortemente destacado pelos usuários brasileiros do interior de São Paulo. Além disso, por razões que as ciências sociais brasileiras primam em demonstrar, através dessa categoria poderemos aceder a outros marcadores como classe social, escolaridade, gênero e por conseguinte depreender a trama dos preconceitos interpares. Pelos motivos que expusemos na introdução, a classe social tornou-se uma questão incontornável. O perfil de aplicativo não contém essa categoria de classe social. Também ela queda mesclada com a de classe econômica, classe de consumo e *status* ou posição de classe. É requerida uma mediação complexa e delicada. Aconteceu de encontrarmos um caminho para tanto nos dados de etnia do aplicativo e nas análises sociais brasileiras.

Muito embora nossas análises não se pretendam exaustivas, acreditamos que há grande potencial heurístico no estudo dos entrecruzamentos de marcadores de diferença social e com alguma ênfase no de “raça”. Esta pesquisa não se restringe a compreender unicamente as imbricações entre racismo e sexualidades, apesar de não esgotar, por outro lado, todas as intersecções de todos os marcadores de diferença social. Convém sublinhar ainda as indicações de Avtar Brah (2006) de que os gêneros são racializados e que essa intersecção desestabiliza concepções essencialistas de diferença. Sabe-se que a autora operacionaliza um conceito de racismo que funciona quase como que fato social total, *i.e.*, pode abranger um conjunto de fenômenos sociais quase que como uma totalidade englobante. Nosso interesse nas orientações de Brah recaem, entretanto, na noção de diferença como relação social, o qual “sublinha a articulação historicamente variável de micro e macro regimes de poder, dentro dos quais modos de diferenciação tais como gênero, classe ou racismo são instituídos em termos de formações estruturadas.” (BRAH, 2006, p. 363). Esse conceito implica articulações discursivas em diversos níveis, bem como sistematicidade através de contingências e produção de condições para construção de identidades coletivas. Ou seja, experiências diversas não se excluem. Se quisermos ser mais pós-estruturalistas ou ancorar a perspectiva no referencial deleuze-guattariano, esse conceito de diferença, no fundo, não poderia ser veiculado sem os outros aspectos elencados por Brah, a saber, diferença como experiência (referencial do feminismo); diferença como subjetividade (referencial das releituras feministas do escopo psicanalítico); diferença como identidade (teoria pós-colonial). Em todo caso, como não se trata aqui de redigir um tratado sobre o conceito, limitamo-nos em complexificar a noção e deixar explicitado que, em Deleuze e Guattari, diferença é uma relação social

(aspecto mais abstrato do conceito) – rizoma – que produz e é produzida pelas experiências, pode formar identidades individuais e coletivas (platôs e devires) e, no tocante à subjetividade, possui um caráter perverso de assujeitar o agente – este último ponto já foi ventilado anteriormente, cabe apenas anotar que a alternativa política proposta pelos autores é o devir.

Sobre Bauru, na amostragem de 23-07-17, obteve-se 399 perfis, dos quais 239 (59,90%) perfis com foto em que o rosto estava à mostra e 160 (40,10%) em que ele não o estava. Dir-se-ia, a princípio, mais da metade dos usuários sente-se à vontade em expor o rosto (com ou sem óculos de sol).

O aplicativo consultado oferece nove etnias. Não entraremos no mérito das categorias étnicas, embora suponhamos que o ponto de vista do programador seja anglo-americano, o que pode dar pistas sobre sua concepção. A população de gays de Bauru que utiliza este aplicativo e marca uma etnia no perfil apresenta a seguinte distribuição:

Quadro 2. Distribuição de perfis segundo etnias e faixas etárias. Bauru, 23-07-17.

| etnias | - 20 (%) | 20-24 (%) | 25-29 (%) | 30-34 (%) | 35-39 (%) | 40-44 (%) | 44 - (%) | Totais por etnia (%) |
|------------------------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|----------------|----------------|----------------------|
| asiático | - ⁵⁵ | 3 (5,26) | 2 (3,18) | - | - | - | - | 5 (2,5) |
| negro | 1 (4,35) | 9 (15,79) | 3 (4,76) | 2 (7,41) | - | - | - | 15 (7,5) |
| latino | - | 2 (3,51) | 6 (9,52) | 3 (11,11) | 1 (5,56) | - | - | 12 (6) |
| árabe | - | - | 2 (3,18) | - | - | - | 1 (11,11) | 3 (1,5) |
| pardo | 3 (13,04) | 17 (29,83) | 13 (20,64) | 4 (14,82) | 2 (11,11) | 1 (33,33) | 1 (11,11) | 41 (20,5) |
| nat. am. | 1 (4,35) | - | - | - | - | - | - | 1 (0,5) |
| branco | 17 (73,91) | 25 (43,86) | 36 (57,14) | 17 (62,96) | 15 (83,33) | 2 (66,66) | 7 (77,78) | 119 (59,5) |
| outro | 1 (4,35) | 1 (1,75) | 1 (1,59) | 1 (3,71) | - | - | - | 4 (2) |
| Totais por coorte (%) | 23 (100) | 57 (100) | 63 (100) | 27 (100) | 18 (100) | 3 (100) | 9 (100) | 200 (100) |

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Este quadro apresenta os duzentos perfis que assinalam uma das categorias étnicas disponíveis no programa, distribuídos pelas faixas etárias do IBGE, em números absolutos acompanhados das respectivas frequências. Nas colunas lê-se as unidades de perfis em cada coorte etária, acompanhadas de suas frequências dentro das etnias. Já nas linhas é possível visualizar as categorias étnicas e sua ocorrência por faixa etária.

Além da visão de mundo do desenvolver do aplicativo sobre categorias étnicas, elas

⁵⁵ Convenção: “-” indica zero resultado.

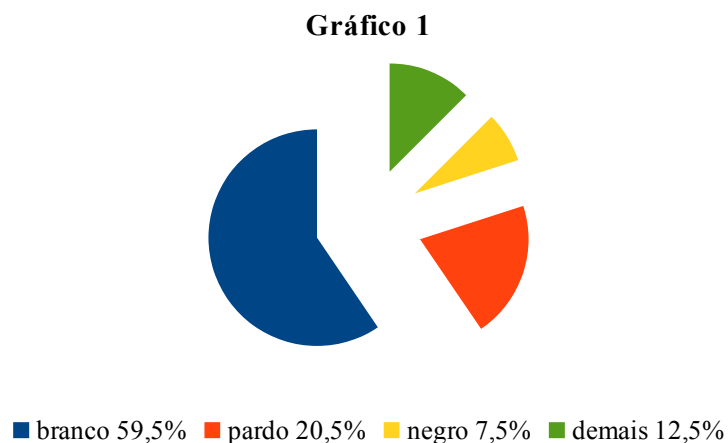
passam por tradução no programa (do inglês para o português) e por ressignificação por parte da cultura brasileira que, ao que tudo indica, ignora algumas categorias, como “asiático do sul” e “nativo americano” (esta última abreviamos como “nat. am.”, a primeira excluímos porque apresentou zero evento), e traduz culturalmente o conteúdo das demais. Por “asiático” pode-se com alguma segurança assumir, dada a parcela da população japonesa local, quiçá referência étnica mais abundante oriunda da Ásia na região, que são descendentes de imigrantes japoneses que vieram para a região do Noroeste paulista por ocasião da expansão cafeeira e importação de mão de obra estrangeira para substituir a escrava desde meados do século XIX até o primeiro quartel do XX, especificamente, os/as nipônicos/as imigraram em massa a partir de 1908. Cabe ainda questionar quem seria “latino” – na tradução cultural brasileira seria alguém nos graus de nuances intermediárias entre negro e branco, no esquema de branqueamento, pardo fora do pardo? ou um enaltecimento de uma latinidade, orgulho e reconhecimento de uma pertença regional e cultural? alguém que fala uma língua neolatina? alguém que mora na América Latina? um imigrante latino na América do Norte? – e o que seria “outro”? mais um grau dos matizes intermediários entre branco e negro? A categoria “árabe” não é menos heterogênea. Ou seja, o fato de a atribuição ser opcional e subjetiva, realizada segundo o reconhecimento e vontade do próprio usuário, leva a crer que as questões raciais brasileiras são operacionalizadas ali, obviamente mediadas pelo entendimento de cada um e assim desterritorializadas e atualizadas no perfil, como se pode inferir da disposição entre brancos, negros e pardos que certamente guarda algum grau de correlação estatística com a distribuição que pode ser verificada nos dados do censo do IBGE – veja-se a discussão do gráfico 2 abaixo. É interessante observar também que a maior variedade de categorias étnicas encontra-se nas faixas etárias mais jovens, notadamente entre 20-29 anos de idade. Claro que este é um debate amplo e não seremos nós a esgotá-lo. Entretanto é importante apontar como esses elementos pervadem o objeto.

Vários elementos saltam aos olhos na intersecção entre “raça”, escolaridade, classes sociais e de consumo e pertencimento geracional. Pessoas de mais idade tendem a não marcar categorias étnicas; mesmo nas faixas etárias mais dilatadas (20|-|35) e nas categorias étnicas mais abrangentes (branco e pardo), a tendência é decrescente (ainda que branco cresça para a coorte acima de 44 anos de idade). Pode-se afirmar que esse decréscimo vem da própria diminuição da coorte, mas isso não se verifica estatisticamente, isto é, todas as categorias decrescem conforme avança a idade, em função da pirâmide etária contemporânea. O que leva a crer que o motivo é sociológico, qual seja, vivências de temporalidades e agenciamentos coletivos em que, digamos, “ser negro” não era valorizado como tem acontecimento

recentemente, após as políticas de ações afirmativas, e assim permanece como um valor menor para pessoas de mais idade que não tiveram a vivência de uma valorização das numerosas formas e significados de “ser negro”. Também deve-se considerar que pessoas de mais idade integradas no “mundo digital” podem gozar de melhores condições econômicas, que lhes garantiam e garantem acesso a bens e educação a ponto de inseri-las neste contexto. Importa salientar também que a coorte entre 20-24 anos de idade detém o maior contingente de pessoas que se autodeclararam negros, sendo ainda, presumivelmente, a faixa etária dos universitários, o que indica que maior escolarização realmente influencia e contribui para as pessoas reconhecerem-se pertencentes a uma determinadas categoria de cor/etnia/“raça”. Assim, infere-se intersecção desta última com escolaridade e classe de consumo.

O gráfico 1 abaixo toma os dados do quadro 2:

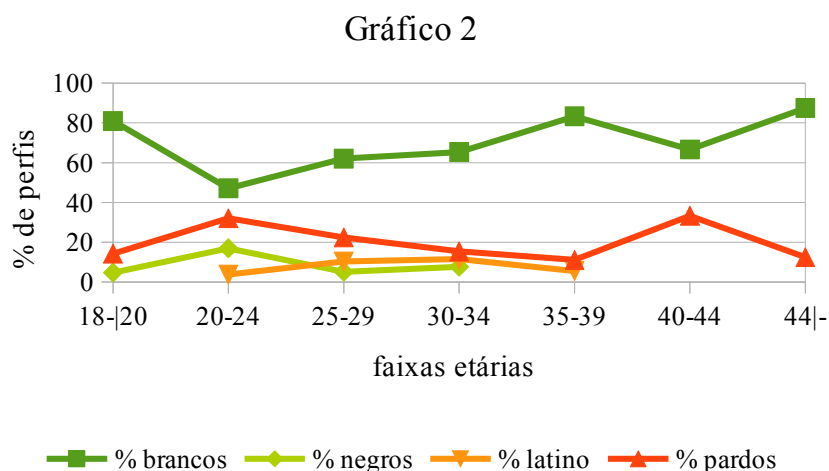
Gráfico 1. Distribuição de perfis segundo etnias e faixas etárias. Bauru, 23-07-17.



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Neste gráfico 1 podemos perceber que, além de a esmagadora maioria, quase 2/3 dos usuários, declararem-se brancos, apenas 7,5% declaram-se como negros, ao passo que cerca do triplo desta prefere a categoria pardo.

Gráfico 2. Distribuição de usuários que marcam categorias de cor de pele nos perfis segundo faixas etárias. Bauru, 23-07-17.



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

O gráfico 2 contém os mesmos dados do gráfico 1, mas visa explorar o comportamento dos usuários ao marcarem uma categoria de cor de pele segundo cada faixa etária. Como pode observar-se, o comportamento varia bastante. A categoria negro sofre descontinuidade a partir dos 35 anos de idade e a de latino surge e desaparece aos 20 e 40 anos de idade respectivamente.

Iniciemos pelos que se declaram pardos. A categoria pardo possui valores diferentes segundo classes sociais (sem prejuízo dos demais marcadores de diferença social, pertencimento etário em especial), o que implicaria que, novamente, pessoas mais escolarizadas, mais jovens, de classe social com acesso ao nível superior e por conseguinte a discussões mais sistematizadas sobre racismo, podem mudar de posição quanto à autoatribuição ou sentimento de pertença. Isso do ponto de vista da intersecção entre classe social, idade e escolaridade. Do ponto de vista do desejo e seus regimes de visibilidade e abjeção, costuma acontecer de pessoas com mais idade (note-se que nossa amostragem para na faixa dos 44 anos de idade) serem solenemente rejeitadas pelos mais jovens, o que as levaria a buscar outros mecanismos de sedução para atrair parceiros afetivo-sexuais, passando por todos os marcadores de diferença social.

Com relação à categoria negro, uma observação de passagem: as curvas dos estratos etários, embora não representem distribuição estatisticamente normal, mas sim picos modais em que as pessoas aglomeram-se, seguem, entre pardos e negros o mesmo padrão. Reforçamos isso para salientar que as pessoas em idade de tradicionalmente cursar o ensino superior (cerca de 18-24 anos de idade) são os exatos pontos modais em que o hábito de classificação por cor/etnia/“raça” altera-se. Isso ficará mais claro infra, fazendo contraste com a categoria branco.

Já a categoria branco, por sua vez, apesar de apresentar as mesmas disparidades de negro e pardo na distribuição, continua sendo majoritária sempre, isto é, em todas as faixas etárias nas duas fontes. Ademais, a autoatribuição “branco” declina no aplicativo no mesmo momento em que “negro” e “pardo” aumentam. Outra vez ainda na faixa etária dos estudantes de ensino superior. Parece que, seguindo os mesmos argumentos precedentes, a escolarização permite à pessoa tomar consciência e autonomia de seus sentimentos de pertença, sem nunca perder de vista questões de classe social e demais marcadores de diferença social.

Finalmente, não menos importante, a ocorrência da categoria “latino”, que surge apenas no aplicativo. Inserimo-la ali por causa de seu comportamento intrigante que apresenta distribuição normal (em forma senoide). Com a diferença de a moda estar na faixa etária dos

trinta anos de idade (24|-|35), supostamente pessoas em curso de consolidação da carreira profissional e já egressas da universidade.

De que maneira parecer mais branco e/ou menos negro funciona nos aplicativos? Não podemos perder de vista que o aplicativo mobiliza afecções relacionadas ao desejo e que, do encontro do desejo com as mídias digitais, temos, em termos deleuze-guattarianos (DELEUZE; GUATTARI, 2010; 1997, v.2; v.3), movimentos de desterritorialização dos preconceitos sócio-históricos da trama das relações sociais atuais ou offline para ser na sequência reterritorializados no ambiente virtual ou online. Assim, regimes de visibilidades e códigos de racialização sobrecodificados, por vezes descodificados, nas relações sociais cara a cara, são transpostos para a relação mediada pela tecnologia. Extrai-se assim mais-valia de código das relações sociais atuais para as virtuais, do offline para o online, de modo que o mundo digital não existe em abstrato e apartado das vicissitudes da sociedade concreta. Não só os preconceitos são levados para o meio digital como podem mesmo ser reforçados e escancarados, sem nenhum pudor nem receio de coerção, seja pelo anonimato, seja pela liquidez à moda de Zygmunt Bauman (2001) das relações sociais.

Sabemos que os/as negros/as são hipersexualizados pelos/as brancos/as (FANON, 2008), o que pode ensejar uma demanda por negros no aplicativo. Não qualquer negro, mas aqueles que se encaixem na categoria “macho” (sobre esta categoria ver MISKOLCI, 2013; BRAZ, 2007b; BRAGA, 2013; sobre a imbricação entre hipersexualização e racialização em contexto de caça virtual, KURASHIGE, 2014) – neste caso, notadamente a masculinidade, virilidade, posição de ativo/penetrante no intercursos sexual e pênis grande. Cumpre adicionar que, em termo êmicos, meninos de cútis negra que não se enquadrem nas diversas exigências sócio-sexuais seriam cabalmente taxados de “bicha preta de bairro/favela” numa conjunção excludente de desejo, abjeção, corporalidade, gênero, sexualidade, classe social e raça que implica na presunção de efeminação e passividade sexual (MISSE, 2007 [1979]); e aqui vemos a regulação pelo armário, pelo segredo e pela discrição, elidindo elementos execrados na competição sexual-afetiva, inclusive online.

Então em nível de desejabilidade e abjeção, apresentar-se como um ou outro tipo de negro no aplicativo vai influenciar diretamente na relação entre oferta e demanda. Arriscaríamos que pobreza (classe social) subsiste, do ponto de vista do nativo digital, como denominador comum, sendo presumida nos dois casos, enquanto a abjeção e o desejo são mediados por elementos de masculinidade, virilidade (PERLONGHER, 1987) e performatividade de gênero (BUTLER, 1993), atribuídos pelo usuário a partir do senso comum, e por extensão definindo a sexualidade do outro como um perverso sistema

sexo/gênero (RUBIN, 1973) funcionando atrelado ao racismo (BRAH, 2006).

Por outro lado, embora menos aparente na inferência estatística, o fato de um usuário marcar a categoria étnica negro no seu perfil pode implicar, além das questões de desejo e abjeção, rapidamente ventiladas, alguma politização da categoria e mesmo maior grau de escolarização, o que subverte em alguma medida a lógica racista. Esta posição pode ser aferida em relatos de militantes de movimentos negros, em sítios, canais e *blogs* sobre questão racial e movimento social (*e.g.*: Geledés, <www.geledes.org.br>), e mesmo em pesquisas científicas que trabalham com desejos digitais (KURASHIGE, 2014). Com efeito, autodeclarar-se negro em um ambiente virtual de acesso franco não é pouca coisa. A variedade de categorias étnicas analisadas anteriormente sói ser interpretada, na ótica cultural brasileira, como modos de embranquecer-se (o mesmo vale para as fotos e demais atributos desejáveis). Lília K. M. Schwarcz (1998) inscreve a verbosa lista de quase duzentas cores (SCHWARCZ, 1998, p. 227) no registro cultural do racismo brasileiro, que é privado e não público, tendo “preconceito de ter preconceito”⁵⁶, e assim cabe atentar, ainda que de passagem, que as cores são políticas e sua atribuição (por si ou por outrem) funciona como fronteira identitária, entre um nós e um eles, entre qualificações imputadas por outrem ou tomadas para si, o que reflete graus de desterritorialização do racismo e subversão no devir-negro.

Um elemento que ficou de fora anteriormente, na análise do gráfico 2, é a questão de a população, que assumimos neste estudo frequentar a universidade (18-24 anos de idade), muitas vezes desloca-se de outras cidades, por vezes outros Estados, e instala-se na cidade em estudo aqui para cursar o ensino superior. Isso não é irrelevante considerando que há um *campus* da Universidade Estadual Paulista – Unesp e um da USP em Bauru, além de várias outras universidades privadas. Realmente, há fluxos de estudantes entre as diversas cidades. Toda noite é possível ver, por exemplo, nas rodovias e nas redondezas de universidades, grande afluxo de veículos e ônibus (de dia o trânsito pode ser reduzido àqueles/as estudantes que não estão empregados/as ou que fixaram residência na cidade do *campus*, ou mesmo pode ficar camuflado no tráfego de trabalhadores/as, ficando o fluxo noturno a cargo dos/as estudantes de outras cidades).

Esse parêntese sobre a concentração de polos universitários em Bauru é útil para anotar que a sociabilidade das pessoas também pode ser modificada pela mudança de

56 A expressão é de autoria de Florestan Fernandes e, no original, apresenta-se *ceteris paribus*: “temos preconceito de não ter preconceito” (BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Unesco, 1955. p. 148). Como se vê, a citação sofre alterações. Agradecemos ao professor Andreas Hofbauer pela observação.

residência, além da instrução. As cidades-polo ofertam outros bens culturais que alguém dos dormitórios circunvizinhos não teria acesso, e por isso as pessoas vêm buscar esses bens e as que se instalam nas cidades-polo por ocasião do curso superior tendem a modificar-se pelo consumo dos tais bens. Entre esses bens, pode estar a fuga de uma vigilância cerrada à sexualidade (não normativa) nas cidades menores. Para sermos breves, os regimes de visibilidade são diferentes em cada cidade, o que pode encorajar pessoas a utilizar um aplicativo de “caça” por exemplo, ou alterar seus posicionamentos sobre sua sexualidade quando se fixam nas cidades maiores. Este ponto sobre diferentes regimes de armário de cada cidade e sua parte virtual, isto é, aferível nos aplicativos móveis, será aprofundado adiante no capítulo 2.

Sem prejuízo dos demais marcadores de diferença social, inclusive e especialmente o de “raça” e suas intersecções, o trânsito de universitários contribui para desterritorializar nas pessoas os limites de gênero e sexualidade normativos. Isso se daria nos termos de acesso a discussões qualificadas sobre o assunto e pela ampliação do horizonte de possibilidades que cidades maiores oferecem. No caso específico de Marília, arriscamos dizer que é entre os universitários que se concentra a maior parte das ocorrências que fogem da tendência geral por causa do fluxo e do acesso a bens culturais. Em Bauru isso também acontece, mas estamos assumindo que nesta cidade a sexualidade é mais descodificada do que em Marília, apesar dos fluxos universitários que ali também abundam.

1.3 Marcadores diacríticos nos perfis de Bauru

Chamamos aqui, por convenção, de diacrítico as marcações que os usuários inserem voluntariamente nos espaços livres do programa. Funcionam, em nível antropológico, como etiquetas ou rótulos, sinais êmicos, diacríticos e distinções que permitem identificar traços particulares e coletivos dos usuários. A perfilização em aplicativos possui inúmeros detalhes pessoais que podem ser adicionados, como altura, peso e etnia, explorada acima, dentre outros. Idades podem ser limitadas entre um máximo e um mínimo, fato de que o pesquisador serve-se vastamente. As versões pagas do programa habilitam o usuário a acessar outras categorias mais, tais como pilosidade corporal, preferências sexuais (desde o papel mais basilar como ativo e passivo até os diversos “fetiches”, assim chamados, grosso modo, pelo senso comum e pela linguagem êmica), além de ocultar seu perfil em pesquisas e na visualização na grade e ainda fazer aparecerem na grade apenas perfis com foto ou online. Há também a possibilidade, gratuita, de buscar perfis por marcações diacríticas pessoais que o usuário pode inserir ou não. Essas são diferenciadas das demais por estarem acompanhadas

pelo sustenido (#), indicando um variegado conjunto de coisas, e arroba (@), indicando o nome ou apelido do perfil.

Precisamente o diacrítico do sustenido que será explorado agora, não só por ter franco acesso, mas por permitir estudo de códigos e moedas de troca dos usuários. Além dos sustenidos e arrobas, é possível inserir um brevíssimo cabeçalho no perfil. As arrobas ficaram de lado porque não contêm nada revelador de uma sócio-lógica virtual, costumam resumir-se, quando personalizadas, pura e simplesmente a nomes e apelidos. Os cabeçalhos outrossim não serão apreciados porque, quando os há, não trazem muita informação além daquela já destacada nos sustenidos e demais categorias disponíveis – os sustenidos compõem mesmo o cabeçalho. Via de regra, os cabeçalhos adicionam um ou outro resmungo eventual, sobejamente sobre elementos de desejo e abjeção, notadamente aqueles relativos à performatividade de gênero (rejeição dos efeminados, inclusive de forma negativa, preferindo “machos” ou “discretos”), corporalidade (corpo gordo x musculoso), idade (para mais e para menos) e polidez no trato interpessoal (educação), elementos buscados ou rejeitados e que respingam no marcador do sustenido. Seria inexequível neste texto analisar e procurar construir considerações absolutas individualizadas para cerca de 550 perfis e seus cabeçalhos. Em alguns raríssimos casos, os usuários inserem textos, versos de música, poesia, literatura, mencionam gostos pessoais quanto a diversas áreas de interesse, acompanhados ou não de pictogramas⁵⁷. Outros casos não tão raros, mas não comuns, inserem prescrições, pedidos, opções, regras, palavras de ordem, sobretudo solicitando educação (no sentido de polidez e respeito), praticidade para declinar um convite ou efetuar um encontro, e declaração sobre suas preferências de desejo e sexuais. A maioria não escreve nada e houve mesmo um único caso, de Marília, em que encontramos os dizeres “ninguém lê essa merda [*sic*] mesmo”. É no mínimo curioso notar que há uma certa insistência por parte dos usuários em que os demais leiam seus perfis. Vale comentar que essas bula e extratos de contrato não são peremptórios e é comum destoarem das posturas dos usuários quando da interação por mensagens, sendo possível ventilar a hipótese de que as pessoas inserem essas informações ali de maneira imediatista ou em momentos de exaltação, depois esquecem ou mudam de posição. Lembrar vem ao caso, que pesquisas sobre mídias digitais e questões afetivo-sexuais já trilharam esta

57 Este termo técnico designa aqui o que se popularizou chamar *emoji* (japonês: *e* = imagem + *moji* = palavras, como um ideograma, p. ex.: ☺) ou *emoticon* (aglutinação do inglês: *emotion* = emoção + *icon* = ícone, sendo específico para expressar emoções e sendo datilografado pelo/a usuário, e.g.: :-)) como um sorriso), os *emoji* são sempre imagens, os *emoticon*, caracteres; trata-se de dígitos minúsculos que expressam ideias, conceitos, palavras, frases, sentimentos e emoções. Fontes: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/emoji?q=emoji>>, <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/emoticon?q=emoticon>> acesso em 25-11-2018.

análise, com objetivos mais ou menos parecidos com os desta dissertação, em contextos, suportes midiáticos e aportes teórico-metodológicos outros (refiro alguns: BRAGA, 2013; KURASHIGE, 2014; PADILHA, 2015).

Habitou-se a chamar o sustenido⁵⁸ de *hashtag*, seu nome inglês e que, de acordo com as acepções do verbete no dicionário de Oxford⁵⁹, sinaliza uma rede ou truncamento de informações similares dentro de uma miríade de pontos numa rede social (virtual), o que permite realizar buscas – e logo pode servir como mecanismo de pesquisa. Se algum usuário realmente serve-se dele ou se apenas apõe-no em seu perfil e não pondera seu uso e função de pesquisa, é questão que ignoramos. Fato é que eles estão lá. Também não é nossa intenção esgotar seu uso, função e significado neste estudo, objetivamos apenas explorar muito de passagem o que ele pode revelar, utilizando-o nos casos úteis ao escopo desta pesquisa.

Listamos abaixo alguns marcadores que buscamos no programa. Os marcadores foram informados pela linguagem êmica e por questões que o campo suscitou em nós. Como se verá, muitos deles são jargão típico de gays e frequentemente dispostos em aglomeração de letras, a título de abreviação (o que alguns chamam de “internetês”).

Quadro 3. Quantidade de marcadores nos perfis. Bauru, 23-07-2017.

| Marcadores | Quantidade |
|------------|------------|
| #hetero | 1 |
| #discreto | 64 |
| #sigilo | 34 |
| #macho | 2 |
| #top | 18 |
| #ativo | 11 |
| #atv | 12 |
| #bottom | 9 |
| #passivo | 5 |
| #pass | 2 |
| #versatil | 2 |
| #vers | 9 |
| #flex | 1 |
| #foratemer | 3 |

58 Sustenido é o nome do sinal # em notação musical, quer dizer, nas partituras, o # antes de uma nota qualquer indica que ela está elevada ou sustentada (*sostenuta*, em italiano) em ½ tom; no teclado de um piano, um dó sustenido deve ser tocado na primeira tecla negra acima, isto é, à direita, entre o dó e o ré. Outro nome, mais popular, é “jogo da velha”, em alusão à brincadeira homônima.

59 Disponíveis em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/hashtag?q=hashtag>>, <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/hash_1?q=hash> e <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/tag_1?q=tag>, acessos em 07-04-18.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Antes de mais nada, testamos diversas categorias, algumas das quais foram perdidas, ou seja, retornaram zero resultado. Essas categorias foram: #nudes, #homem, #btm, #vst, #afeminado⁶⁰. Estávamos tentando inferir as posições sexuais para depois cruzar os dados com outros marcadores para aferir se havia preconceito ou discriminação e quais os entrecruzamentos de marcadores de diferença social. As principais categorias, segundo nosso juízo, para verificar isso seriam #afeminado e #naocurtoafeminado. Isso porque, dada a efeminofobia amplamente disseminada no meio, seriam indicadores tenazes de preconceito interpares e suas tessituras com marcadores de diferença social. Por outro lado, o silêncio também fala; é assim que podemos arriscar a interpretação de que o zero #afeminado⁶¹ é representativo de efeminofobia, quiçá internalizada. Quer dizer, uma pessoa pode reconhecer-se ou não como efeminada, em detrimento de outrem acharem que ela é efeminada ou não. Ainda há mais; houve cinco ocorrências de alguma rejeição contra efeminados, não imediatamente marcadas pelo # e distribuídas entre as coortes etárias de 20 até 40 anos de idade, sendo duas na faixa entre 25-29. Este dado corrobora a interpretação de que há um estigma contra o efeminado e, por pressuposição, passivo (MISSE, 2007 [1979]). Contudo, em que pese um tal reconhecimento de quaisquer das partes, o fato de ninguém utilizar a categoria para descrever-se sinaliza que ela está bastante estigmatizada, sobretudo porque, caso alguém se reconheça e aceite-se como tal, ainda assim o receio do rechaço por parte de outrem prevalece e leva as pessoas a ocultarem esse aspecto – está tudo aí: mecanismo de armário (SEDGWICK, 1990) levando as pessoas a esconderem-se e constituírem-se no segredo; estigma do passivo sexual (MISSE, 2007 [1979]) inferiorizando condutas tidas estruturalmente como inferiores; um quadro de referência sexo/gênero (RUBIN, 1973) compulsoriamente heterossexual (RICH, 1980) e binário; performances de gênero (BUTLER, 1993) que colocam o binarismo estanque em questão, um devir-bicha que foge da máquina de subjetivação (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.3). Outra categoria que também chamou a atenção, tanto pela existência como pelo número reduzido, foi #foratemer. Essa etiqueta está carregada das convulsões políticas que atravessamos nestes dias. Curiosamente, essa categoria, tida por nós como mais politizada, é minoria. O que não significa que marcadores de tendência política de direita, conservadora, liberal, reacionária ou fascista não estivessem

60 Esta pesquisa baseou-se em categorias êmicas. Assim, por exemplo, “nudes” é uma palavra inglesa para nudez e indicaria que o usuário quer enviar, receber ou trocar fotos nu; as demais são abreviações e gírias para as preferências sexuais; “btm” = *bottom* = passivo (gíria inglesa); “vst” = versátil, quer dizer, ativo e/ou passivo.

61 Como se verá abaixo, é zero o número de perfis com o #afeminado, enquanto que, na leitura de perfis essa informação aparece sem o marcador, ou seja, não é facilmente rastreável, o que não contradiz o argumento.

presentes. Assim, tentamos buscar algo como #bolsonaro e obtivemos zero resultado. Pode ser que haja algum usuário de aplicativo que adira à militância política, mas também podemos entender que a política nos seus grandes nomes representativos foi varrida para fora do aplicativo ou apenas os usuários preferiram deixá-la de fora.⁶²

Os usuários pensam, ou pelo menos dizem assim, que ninguém lê esse tipo de coisa. Isso pode ser aferido diretamente nos perfis: há grande número deles sem quaisquer informações pessoais; um deles jocosamente escreveu, como comentamos, no cabeçalho “ninguém lê essa merda [*sic*] mesmo”, quer dizer, ninguém lê o que se escreve nos perfis. Realmente essa é uma queixa dos usuários. Outros preferem fazer algum tipo de apelo à leitura, como colocar “leia o perfil” ou “leia abaixo” como apelido ou cabeçalho que fique visível aos demais e assim tentam estimular a leitura. Há então uma preocupação efetiva em veicular informações pessoais, inclusive de ordem política e ideológica. Pode ser direta, visível e chamativa ou pode estar diluída no perfil.

Um interlocutor⁶³ que nos concedeu uma entrevista disse que achava ruim a falta de informações nos perfis porque essas informações pessoais (no caso medidas e características corporais, preferências sexuais etc.) ajudariam os outros a escolherem com quem conversar.

Verbis:

Você tem razão em que as pessoas ficaram mais exigentes, puderam escolher o tipo que gostam. Ao mesmo tempo tem dois poréns: você [es]tá procurando uma pessoa para sexo ou para relacionamento. Acho que dificultou muito achar relacionamento. Achei um nesse lugar, mas acho que, para quem é solteiro, os melhores lugares são bares, boates, o próprio trabalho, onde você pode conhecer uma pessoa. Porque começa pela

62 Isso era certo até Outubro de 2018, quando, às vésperas da eleição, foi possível encontrar perfis com apelido ou sustentados na descrição como #elenão (no caso, não votar no candidato que foi eleito) e indicações diretas de candidatos outros que não esse que mencionamos. Não realizamos pesquisa sistemática nessa ocasião, mas de passagem notamos que a maioria de quem declarou suas posições políticas no aplicativo era de jovens universitários. Também foi visto, nesse sobrevoo, um único usuário afirmando um “#elesim”; apesar disso, foi-se bombardeado por todas as redes sociais com essa assertiva, inclusive houve notícia de ameaças à vida de LGBT nos aplicativos, imagens de telas das ameaças circularam pelas redes sociais e os/as desenvolvedores/as dos aplicativos enviaram mensagens sobre apoio e segurança. Notícias e denúncias de diversos tipos de violência devidos ao clima eleitoral podem ser encontradas em <www.mapadaviolencia.org> acesso em 25-11-2018; notícia e dados específicos sobre violência via rede virtual, sem nomear os aplicativos, em <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/10/12/estudo-revela-aumento-de-relatos-de-agressoes-por-motivacao-politica.ghtml>> acesso em 25-11-2018; notícia com mapa interativo da violência em <<https://www.cartacapital.com.br/politica/episodios-de-violencia-por-motivacoes-politicas-crescem-pos-primeiro-turno>> acesso em 25-11-2018.

63 Entrevista presencial realizada em 19-09-2018, das 19h às 20h30. Após apresentação da pesquisa, o interlocutor consentiu em participar, autorizou usar as informações, mas não a gravar, apenas a digitar. Alcinhá-lo-emos de “JB”. Contava 54 anos de idade completos na data, casado com mulher, entende-se como masculino e bissexual, mora com esposa e filhos/as, é nativo de Bauru, possui nível superior completo, estava empregado, mora em bairro de classe média-alta, autodeclara-se branco, aprecia religiosidade espírita kardecista.

putaria⁶⁴, depois você vai criando afinidade. Já dentro de uma comunidade, um bar, você vai criando afinidade, depois vem o sexo.

Acho que ficou mais fácil [obter encontros], houve uma evolução no sentido de que as pessoas estão liberadas [do moralismo], antigamente era algo oculto. Acho que para as pessoas que buscam relacionamento, não vão por esses meios [digitais]. Buscam conhecer pessoas, conhecer, ter contato, e achar alguém com afinidade. Acho que isso não mudou, pode parecer mais fácil no aplicativo, mas acho ao contrário, acho mais difícil, porque a maioria dos contatos não quer – eu tenho essa necessidade de conhecer antes e ver se tenho afinidade, e essas pessoas, no aplicativo, não querem isso. [...] Quando você vê o cara com rosto, não vejo segredo. Quando o cara não põe rosto, acredito que sim. Não só armário, mas não querem se expor, questões do trabalho. Entende? Existem essas duas pessoas lá [no aplicativo, com e sem rosto]. Ainda vejo isso na sala de bate-papo. Acho muito mais comum achar pessoas se escondendo no bate-papo e no *app* as pessoas exigem foto. Eu perco muita coisa [=oportunidades de encontro] por não mandar [foto de rosto]. (JB)

Ele mesmo não preenchia seu perfil nem afixava foto por motivos de foro íntimo. Sintetizando, há diversos motivos que levam alguém a preencher ou não o perfil, sejam pessoais, de foro íntimo ou políticos e ideológicos. Também pode ser mero desinteresse ou a crença de que ninguém lerá o perfil. Em que pesem as considerações prós e contras à disponibilização de informações em perfis, sua presença ou ausência influencia nas interações.

Outras restrições “discretas” empregadas por usuários sem o sustenido faziam referência à idade, para mais ou para menos em relação à do próprio usuário (ver quadro 4 abaixo); também houve apenas duas inscrições textuais que rejeitavam explicitamente comportamentos heteronormativos (*sic*, com essas palavras); por outro lado, houve dezessete que reafirmaram valorizar atributos tidos como masculinos (hombridade, virilidade, discricção, pelos, barba, timbre de voz etc.). Seis usuários afirmavam que não se atraíam por padrões corporais (via de regra, corpos malhados tidos como desejáveis). Outros seis ainda marcaram seu perfil com “orgulho” ou “*pride*” [= orgulho, inglês no original].

Todas as demais etiquetas são rótulos de preferências de papéis sexuais, forjados com sincretismo de idiomas. #top, #ativo e #atv são a mesma posição penetrante; “top” é a gíria inglesa para ativo, *i.e.*, o que ficaria “por cima” em um intercurso, para fins de penetração e dominação; “atv” é uma abreviação de ativo. #bottom, #passivo e #pass remetem à posição de penetrado; “bottom” é a gíria inglesa para passivo (reduzível a “btm” em inglês e em português), aquele que fica “por baixo”, indicando por vezes, ainda que os usuários ignorem-no, fetiche de submissão, tanto quanto o termo “top”; “pass” é abreviatura de passivo; outra

64 Gíria. O interlocutor quer dizer que as interações no aplicativo iniciam-se, regra geral, pelo sexo impessoal recreativo.

aglutinação possível é “psv”, que no entanto retornou zero na busca. #versatil, #vers e #flex indicam que o homem pratica ambas as posições com alguma versatilidade; o programa não reconhece e decerto não permite inserção de diacríticos, então “versátil” aparece sem acento; “vers” é sua abreviação; “flex” pode ser entendido como encurtamento de “flexível”, mas algumas versões dizem que é paródia do “carro flex” – que anda com álcool e gasolina, trocando os termos, faz ativo e passivo.⁶⁵ Não conseguimos inferir nenhuma relação estatística entre esses números. Mas é possível notar que um número maior de perfis marcou-se como “ativo” etc., um quantitativo menor como “passivo” *et varia* e um ínfimo número como “versátil” e afins. Vejamos alguns detalhes dessas apresentações em perfis.

Dois perfis definiram-se como “passivo afeminado” e “passiva” (*sic*), este na faixa etária de 20-24 e etnia parda e aquele na de 25-29, etnia negra. Um terceiro alegou “[s]ou mais passivo, porém não sou afeminado e sou super discreto e procuro pessoas discret [sic]”, marcado como branco entre 35-39 anos de idade, e um quarto, branco entre 20-24 também declarou-se passivo. Do ponto de vista do universo, apenas 6,66% do total de usuários ousaram identificar-se com o papel sexual de passivo.

E outros dois afirmaram que “[n]ão curto homem afeminado, sou discreto e procuro homens discreto igual eu[.]” e ainda “[d]iscreto [...] MUITO SIGILO [sic] – [n]ão curto afeminado nem 100% assumidos revolucionário⁶⁶ [sic][.] [s]e está com foto de rosto no perfil, considero assumido[.]”, demonstrando efeminofobia; aquele perfil marcou-se como pardo e situava-se na coorte entre 20 e 24 anos de idade, este como branco entre 30-34. Um terceiro redigiu a assertiva “homem ou nem tenta”, tendo declarado-se latino, entre 25-29 anos de idade. 5% teve o despautério de declarar seu preconceito contra efeminados.

1.3.1 Problemas de gênero

Esta seção procura alinhar a apresentação imediatamente anterior com a discussão teórica. Destarte, intentamos realizar um breve debate sobre como os marcadores de gêneros aparecem nos aplicativos, quais são seus processos produtivos (sempre partindo da premissa que são construções sócio-históricas) e as articulações que são operacionalizadas pelos

65 Certa feita, em 2014, o pesquisador foi a uma balada em que uma *drag* brasileira assaz conhecida fora realizar uma apresentação. Em dado momento, ela chamou algumas pessoas para subirem no palco para uma dinâmica; antes apresentou as pessoas ao público, perguntando, entre outras coisas, a posição sexual. Um menino respondeu “flex”. A plateia riu; a *drag* voltou-se para o público e disse: “Calma! Flex quer dizer que dá com álcool e dá com gasolina também” (ou seja, ele seria apenas e tão-somente passivo). Obviamente, tratava-se de uma mostra de humor satírico e cáustico, do tipo *mother camp*, mas a anedota infame caracteriza bem o significado êmico do vocábulo e suas controvérsias e entrecruzamento com estigmas.

66 Teríamos aqui um respingo de conservadorismo e ranço antiunespiano, dado que a pecha de “revolucionário” é epíteto marliense para estudantes da Universidade Estadual Paulista – Unesp?

agentes. Pudemos notar, na exposição acima, que os marcadores de gênero têm tonalidade funcionalista e costumam atrelar sexo, gênero e desejo. Sendo assim, este movimento no texto faz-se mister, já que as questões de gênero estão indiretamente suscitadas nas entrelinhas dos usuários e o aplicativo, em sua apresentação, parece procurar ficar em uma posição neutra ou menos tendenciosa, não politizando nem problematizando a questão de maneira objetiva.

Isso sugere algumas coisas: 1) que a categoria “versátil” é tão ou mais polêmica e dúbia que “bissexual” (no âmbito de um certo segmento do movimento LGBT e no senso comum), sendo evitada pelas pessoas; 2) o número reduzido de “passivos” parece seguir a lógica do estigma do passivo sexual (MISSE, 2007 [1979]), quer dizer, nos termos do sistema sexo/gênero (RUBIN, 1973) vigente, aquilo que se distingue do padrão macho heterossexual tende à mulher; se o gay já tende, por presunção, à mulher, o gay passivo está ainda mais próximo dela (marcado duas vezes), distanciando-se mais dos atributos do gênero masculino e desencadeando, segundo as teorias de homofobia, reações de abjeção; daí, *pari passu* com a efeminofobia, evita-se utilizar a categoria; 3) por extensão do sistema sexo/gênero, ser gay ativo é uma distinção que alça a pessoa a um patamar mais próximo do padrão macho heterossexual e acima dos demais gays – como diria Braga (2013), machonormatividade. Trata-se da percepção que as pessoas têm de que os sexos coadunam-se aos gêneros, por extensão fazendo o desejo e os papéis sexuais corresponderem-lhes, de maneira binária e funcionalista. Suposto está que existe um todo natural e organizado em que cada parte cumpre uma função específica, sendo a heterossexualidade o todo e os papéis de sexo/gênero de macho e fêmea, suas partes com funções masculinas e femininas respectivamente. Autores como Hocquenghem (2009 [1972]) e Preciado (2002) envidam esforços, respaldados na teoria deleuze-guattariana, para demonstrar que o desejo é polívoco, evoca multiplicidade de fluxos, cortes e conexões, sendo produzido e eliminado pela máquina social, não parte de uma origem e não se destina a um fim, tampouco funciona como órgãos em um corpo, apenas possui estabilizações momentâneas que em seguida desestabilizam-se, arrastam consigo os objetos parciais do desejo e seus agentes, promovendo uma desterritorialização da suposta heterossexualidade natural para reterritorializar outras formas em outros conjuntos. Aquela percepção funcionalista foi instilada e naturalizada no pensamento coletivo durante séculos (veja-se Foucault, 2012), o que dificulta muito sua compreensão, (auto)crítica e desconstrução (veja-se por exemplo o esforço hercúleo de Butler, 1991). É esse processo sócio-histórico que cria nos agentes uma percepção de que o desejo possui uma fonte específica – a natureza – (e não multiplicidade de variáveis sociais arranjadas de um modo determinado) e que sua progênie é biunívoca, isto é, binária (macho e fêmea, e seus desdobramentos e concatenações

seriais binários de papéis, performatividades, desejos, sexos etc.) e que une pares em uma coisa só (a natureza). Rich (1980) chama isso de heterossexualidade compulsória.

Para nós, todas essas categorias que expressam posições sexuais estão diretamente relacionadas ao desejo do usuário, no sentido de declararem o que buscam no aplicativo. As categorias restantes #hetero, #discreto, #sigilo e #macho embora não representem diretamente papéis sexuais, direcionam as interações e seletividades pela performatividade de gênero (no sentido de Butler, 1993). Como as categorias advêm do contexto concreto em que os usuários vivem, elas estão imbuídas de significados e preconceitos disseminados no meio cultural. “#hetero” parece de longe a mais frágil, além de apenas um único indivíduo marcar seu perfil com ela; o que um “heterossexual” está fazendo em um aplicativo para relações afetivo-sexuais homossexuais? Espiando? Sente curiosidade? Está ameaçando ou chantageando as pessoas? Tomemos aqui a definição de “hétero” dada por um informante ocasional e espontâneo, por ocasião de observação de um cinema pornográfico de Bauru: “hétero: é casado com mulher, tem filhos/as e faz ativo”. Está tudo aí: um corte de sexo/gênero naturalista que concebe o gênero e o desejo como extensões do sexo, distinção frente aos subalternos pela dominação familiar (ser casado com uma mulher), um corte de classe social assinalado pela prole, que confere estatuto superior, além de que, no território do cinema, esses “héteros” são trabalhadores que estão voltando para suas casas, similar ao esquema de hierarquia sexual delineado por Rubin (1984). Ainda há mais: se for negro, tenderá a ser lido como hipersexualizado; se for descuidado e jovem também (categoria “macho”: viril, musculoso, peludo e barbudo); os atributos corporais também contam; sendo morador de um bairro mais humilde, pode ser lido como macho trabalhador. Várias intersecções, uma reforçando a outra. Quanto a #discreto e #sigilo, trata-se claramente de um regime de armário. A pessoa vive uma vida dupla, que nas relações “públicas” passa por heterossexual, frequentemente atravessando relacionamentos com mulheres (ver exemplo em MISKOLCI, 2013), e em segredo desenvolve relações homoeróticas.

Dessa dissecação de perfis, podemos notar que 19 (31,66%)⁶⁷ estavam marcados com uma das categorias êmicas “discreto/sigilo”, dos quais 12 (63,16% da amostra, 20% do universo) também marcaram seu perfil branco, como denotando um regime de armário e segredo. Podemos listar bordões como “[s]ou casado quero sigilo total” (branco, 44-49); “muito sigilo” (branco, 25-29); “tranquilo e discreto” (branco, 20-24); “a [sic] procura de

67 Os arquivos com dados coletados em Bauru quando da primeira incursão foram perdidos, o que levou o pesquisador a imergir novamente no aplicativo e reconstruí-los. Destarte, pode ser que os dados desta seção conflitem com os anteriores, uma vez que as pessoas usam, param de usar e voltam ao programa periodicamente, o que causa uma “lei da desatualização instantânea” no meio virtual e uma mudança ingrata nas disposições dos dados.

h[omem] discreto” (pardo, 20-24). Gostaríamos de poder afirmar que as pessoas que se consideram brancas em geral possuem classe social (no sentido marxiano) mais abastada e suas posições de classe (no sentido weberiano) levam-nas a entrarem em performances de “discrição”, contudo, fica difícil inferir isso tão indiretamente a partir de dados virtuais furtivos, especialmente considerando que a parcela de etnia branca da população é maioria (48 perfis ou 80% do universo). Sem embargo, os argumentos anteriores sobre condições de escolaridade, acesso à rede e outros bens, informações e comunicação, bem como a empregabilidade podem ser suscitados para Bauru.

“Discreto” também pode indicar uma performance de gênero que exhibe atributos de masculinidade, que muito embora a pessoa fosse vista ao lado de outro homem, passaria por amigo e por heterossexual – esta é a contraparte complementar do armário, segundo Sedgwick (1990), a homosocialidade –, não correndo risco nem expondo o outro ao risco da quebra do sigilo. Em outro lugar (DE CICCIO, 2014) propusemos que o discreto funciona como um conceito-limite entre heterossexualidade e homossexualidade com base em que os sexos/gêneros binários polarizam-se e constituem uma série que repete o mesmo modelo como simulacro, não existindo, na verdade, modelo original, apenas as cópias; o que acontece é que a série torna-se uma variação infinita do mesmo, diferindo apenas por graus e índices de velocidade (DELEUZE, 2011 [1969]; 1998 [1968]). Se há um contínuo entre homem e mulher, assim como entre heterossexual e homossexual (ORTNER, 1996 [1974]), o discreto ficaria bem no meio, no limiar entre um conjunto e outro, pela maneira como oculta o desejo abominado sob o disfarce de uma performance de gênero legitimada (neste ponto, uma leitura transversal de BUTLER, 1990). Sobre #macho, há referência explícita a uma performance de gênero. Caso o perfil assim marcado venha acompanhado do resmungo “não a efeminados” e coisas do tipo, podemos depreender que remete a um preconceito inter pares respaldado na machonormatividade (BRAGA, 2013).

Uma questão que não pode ser desprezada foi colocada pelo mesmo interlocutor que nos deu a definição de “hétero”. Ele indagou sobre o tema e problema da pesquisa. Fizemos uma exposição breve, ao que ele respondeu: “não acho que seja preconceito; a pessoa pode sentir ou não atração por outra e pode escolher com quem vai ficar; é uma questão de afinidade”. Evidentemente, cada um sabe de si e pode decidir o que vai fazer e com quem. Porém, colocar o problema do preconceito em termos de opções individuais não seria equivalente a individualizar o problema? Quer dizer, as relações de poder existem e acionam diversos marcadores de diferença social em diferentes contextos de modos singulares. Mas o ponto é que há hierarquias e relações de poder subjacentes às relações sociais em geral e que

inclusive pervadem o âmbito do “privado”, tornando-o politizado também. O que nos parece é que não basta a pessoa dizer que não tem preconceito ou que é apenas sua escolha individual porque isso não a exime do contexto social de hierarquia e individualismo – a estrutura da relação social é similar à do racismo brasileiro, daí também haveremos comparado, no início do texto, os aportes teóricos e epistemológicos em que essa pesquisa baseia-se com os do antirracismo e da teoria pós-colonial. Não entramos nesse mérito com o interlocutor; achamos que ele discordaria de nós. Quando lemos um perfil que diz que o parceiro apresente-se como macho, viril, não efeminado etc. etc., o que sustenta essas “escolhas” e orienta de fato estes desejos? Acreditamos que o agente está partindo de referenciais coletivos de sexo/gênero, inclusive essas exclusões todas não parecem, para nós, nem um pouco delicadas. Não que a pessoa seja obrigada a ser delicada (ainda mais no caso de um “macho” querendo mostrar que é “macho”), mas é uma imposição colorida de violência simbólica que veicula as estruturas e significados sociais e culturais do Brasil, do meio mesmo em que a pessoa foi socializada. Esbarramos novamente na oposição de modelos igualitário x hierárquico e seus desdobramentos de categorias gay/macho/ativo::igualitarismo unilateral x bicha/efeminada/passiva::corpo abjeto.

Para deixar de lado a questão do mérito, cumpre propor que, do ponto de vista da análise antropológica dos usos dos aplicativos, compreendemos que há multiplicidade de desejos, agenciando multiplicidade de regimes de (in)visibilidade (armário) e logo de usos de aplicativos. É assim que as pessoas podem, no caso do aplicativo, desquitar outras que não possuem os requisitos por elas desejados. Esse seria o uso pragmático do programa para viabilizar encontros sexuais mais fácil e rapidamente, no registro do descarte, da seletividade, competição e deleção. Poderíamos dizer que se trata de um uso heteronormativo, machonormativo, discriminatório (e portanto respaldado em preconceitos), hierarquizante. Outra possibilidade de uso, embora minoritária, é aquele que foge desses registros de poder e assujeitamento e faz fugir relações que entrariam nesses registros. É o caso daqueles que rejeitam imposições quanto ao gênero (heteronormatividade), ao corpo (padrão de beleza e masculinidade desejáveis) dentre outros. É claro que neste segundo caso também é possível haver busca sexual pragmática, mas isso funciona de um modo todo outro. Não podemos perder de vista que, além das abjeções desejanter, outros marcadores de diferença social são mobilizados e desterritorializados nos diferentes regimes, e de novo podemos resvalar em problemas coletivos como a pobreza e o racismo fazendo rizoma com as presumidas “opções individuais”. Neste ponto, como estamos nos debruçando sobre os dados de aplicativos, direcionamos essa análise ao contexto do aplicativo. Sem embargo, a multiplicidade de

regimes coexistindo, desterritorializando e reterritorializando as relações sociais pode ser encontrada nos eventos e fluxos offline, que serão abordados mais a frente. Se quisermos, podemos mesmo inferir que a mobilização de categorias descritivas de desejo e abjeção no aplicativo é apenas a atualização do que se passa fora do aplicativo (com efeito, os agentes não estão incólumes do meio social e desterritorializam seu desejo para o programa online, não raro reterritorializando as relações de poder).

Sobre essas manifestações de quarenta caracteres que esbravejam contra performances de gênero não normativas, sua coleta é mais complicada porque precisaríamos ler todos os perfis um a um. Realizamos uma leitura tão completa quanto possível e percebemos algumas dessas demonstrações. Podemos dizer que também vimos o inverso: gentes que abominavam esse posicionamento machonormativo.

A maneira como apresentamos estas categorias parece estanque, mas é por conta da ordem de exposição textual. Na verdade há frequente repetição das categorias, no sentido de um mesmo usuário apor no seu perfil várias delas sem uma separação “conceitual” entre elas. Destarte encontra-se um perfil marcado como #ativo, #passivo, #macho, #versatil. É só um exemplo, mas acontece. Essa promiscuidade categorial significa que as categorias não são completamente isoladas, podendo permear-se e borrar umas às outras. No fundo, o desejo não é unívoco, é polívoco, opera por ligações e rupturas inesperadas (DELEUZE; GUATTARI, 2010; HOCQUENGHEM, 2009 [1972]; PRECIADO, 2002).

O quadro abaixo cruza marcadores diversos com as coortes etárias. Os argumentos e análises já foram traçados em linhas gerais mais acima.

Quadro 4. Entrecruzamentos de marcadores com faixas etárias. Bauru, 23-07-2017

| Marcador/faixa etária | - 20 | 20-24 | 25-29 | 30-34 | 35-39 | 40-44 | 44 - |
|--|-------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|-------------|
| Exige foto | 15 | 28 | 8 | 4 | 6 | 2 | 2 |
| Faz curso universitário | 2 | 1 | - | - | - | - | - |
| Diz-se passivo | 1 | 9 | 1 | 5 | 5 | - | 4 |
| Afirma ser ativo | 1 | 8 | 6 | 4 | 8 | 1 | 1 |
| Apresenta-se como versátil | - | 33 | 5 | 6 | 11 | 2 | 2 |
| Sente orgulho de ser gay | 1 | 1 | - | 3 | - | 1 | - |
| Diz-se discreto, sigiloso etc. | 3 | 10 | 7 | 11 | 12 | 2 | 3 |
| Apresenta-se como efeminado | 1 | - | - | 1 | - | - | - |
| Enaltece um padrão de masculinidade | 1 | 4 | 1 | 8 | 1 | - | 2 |
| Rejeita o padrão corporal desejável | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | - | - |
| Declara-se “mente aberta” | - | 2 | - | - | - | - | - |
| Posiciona-se como “fora Temer” | - | 2 | - | 2 | - | - | - |

| | | | | | | | |
|------------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|
| Rejeita heteronormatividade | - | 2 | - | - | - | - | - |
| Afirma ser bissexual | - | 3 | - | 1 | 1 | - | - |
| O perfil é de um casal | - | 2 | 2 | 2 | 1 | - | - |
| Rejeita efeminados | - | 1 | 2 | 1 | 1 | - | - |
| Restringe a idade | - | - | 1 | - | 2 | 1 | - |
| Enaltece sua autonomia | - | - | - | 1 | 2 | - | - |

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Este quadro, antes de qualquer coisa, corrobora nossos argumentos quanto a classe, “raça”, gênero, sexualidade e pertencimento etário em suas diversas interpelações. Trata-se aqui de uma releitura e interpretação do autor sobre o que os usuários inseriram nos seus perfis, com base na linguagem êmica e na análise antropológica. Se comparado ao quadro 3 anterior, os dados estarão em flagrante contradição. Isso não quer dizer que as pessoas escrevam contrassensos ou que o pesquisador tenha deslizado no rigor da metodologia estatística. Deve-se à qualidade do dado: este quadro 4 apresenta categorias pinçadas de textos do perfil, os dados do quadro 3 acima são aquelas categorias etiquetadas com o sustenido. O uso de categorias êmicas pelo usuários com sustenido ou dispersas em cabeçalhos de perfis não converge, são antes independentes, ligados apenas à escolha do usuário quanto a qual recurso utilizar. O que não exclui conjunções de fatores pessoais e coletivos. Pouco importa, aqui, se é possível determinar quem veio primeiro, o aplicativo ou os preconceitos dos usuários (velho dilema entre indivíduo e sociedade); importa perceber a complexidade que concorre simultaneamente, não sendo sobredeterminada por nenhuma unidade e funcionando como multiplicidade.

Não é descabido citar de passagem que há queixas de que as pessoas conversam e leem pouco nos aplicativos, isto é facilmente verificado em uma amostragem aleatória muito basilar em qualquer programa. Parece mesmo que isso funciona como uma maneira de filtrar entre os amores que usam ou leem mais de quarenta caracteres e os que ficam aquém desse limite. Há registros sobre o tema e a maneira como os agentes lidam com isso na literatura elencada aqui e ali. Os agentes manifestam, via cabeçalhos, sua insatisfação com os erros de gramática, sintaxe e concordância, bem como a falta de assunto ou incapacidade (ou bem má vontade) de desenvolver uma conversa com o outro. Usuários há que aleguem que, em se tratando de um aplicativo para pegação, elementos pessoais, mais íntimos e afetuosos, ficariam em segundo plano, sendo o objetivo principal do aplicativo, ou dos seus usuários, viabilizar encontros sexuais (com graus variados de afetividade, o que depende muito da qualidade do acontecimento). É um aplicativo para sexo, mas, não fiquemos nem tanto ao mar

nem tanto à terra, ocorrem encontros de cunho de amizade e de romance, apesar de sua prolatada raridade. A interpretação do pesquisador destoa da imagem catastrofista dos usuários: depende muito mais do tipo de afecção desencadeado pelo encontro do que das pessoas em si mesmas. Referências como Miskolci (2013; 2014a; 2015) explanam essa ansiedade dos usuários quanto ao afeto e ao romance; Padilha (2015) e Braga (2013) também registram as idas e vindas entre sexo e romance nos aplicativos. Ninguém é obrigado a perder a virgindade depois do casamento e também ninguém está obrigado a transar com todo mundo; se alguém operacionaliza o aplicativo e os encontros dentro de uma lógica de descarte e sexo recreativo, ou aposta em romances e amizades, isso dependerá de um conjunto de fatores sócio-históricos como pertencimento geracional, escolaridade, entorno social, classe social etc.; em termos deleuze-guattarianos, os encontros são singulares, são hecceidades que arrastam todas essas variáveis e os agentes com elas, dependendo muito mais de como uma pessoa deixa-se afetar do que de quem é essa pessoa ou do contexto do aplicativo – ressalvado, todavia, o contexto social, de que o armário atualizado no aplicativo é apenas o caso-limite.

Outras marcações recorrentes aqui e ali, sem grande representatividade estatística, indicavam “tribos urbanas” como *geeks*, *gaymers*, requeriam fotos, limitavam a idade para mais e/ou para menos para um parceiro potencial, davam a entender gostar de aditivos e complementos ilícitos no intercuro sexual e ainda o fato de ser soropositivo, suas profissões e ampla gama de atividades de interesse.

1.3.2 Pontos de vista geracionais

Pretendíamos obter uma história da vida afetiva digital a partir da entrevista de JB. Como trabalhamos com roteiro aberto e deixamos o interlocutor dissertar à vontade, obtivemos pontos de vista de alguém mais experiente que nós sobre a vida homoerótica pré-rede e pós-aplicativos.

A maneira de outra geração lidar com a sexualidade é toda outra da que conhecemos:

Todo mundo começava com troca-troca⁶⁸, não havia penetração nem parte oral. Depois a primeira relação sexual foi com a primeira namorada. Era uma época diferente, fiz brincadeiras [eróticas] com outros caras e isso ficou marcado em mim. Tinha desejo mas me penitenciava por isso. Sentia atração por mulheres também. Mas existia curiosidade de fazer sexo [com homens]. Como a gente achava que isso era coisa de afeminadas, e na época era tratado como doença, a gente se arrependia, se penitenciava, se achava doente, procurava não pensar. Me condenava. Venho de uma família de

68 Prática erótica em que um rapaz penetra ou masturba outro e em seguida eles trocam de papel.

muitos irmãos, muito machismo. (JB)

Vê-se logo que os termos em que o desejo homoerótico era compreendido era bem outro: o estigma da doença, da anormalidade. Este traço foi praticamente apagado nos dias de hoje; não que um homossexual não atravesse crises de consciência e todo um processo de autocompreensão e autoaceitação, mas, como veremos a seguir, o assunto recebe hoje outro encaminhamento.

Acho que ficou mais fácil [devir-gay], houve uma evolução no sentido de que as pessoas estão liberadas, antigamente era algo oculto. Acho que para as pessoas que buscam relacionamento, não vão por esses meios. Buscam conhecer pessoas, conhecer, ter contato, e achar alguém com afinidade. Acho que isso não mudou, pode parecer mais fácil no aplicativo, mas acho ao contrário, acho mais difícil, porque a maioria dos contatos não quer [relacionamento, afinidade, amizade etc.] – eu tenho essa necessidade de conhecer antes e ver se tenho afinidade, e essas pessoas, no aplicativo não querem isso. (JB)

Esse é o dilema de grande parte das pessoas: um aplicativo que propicia encontros e concomitantemente frustra relações perduráveis de qualquer título. Há pessoas cômicas disso e que simplesmente não querem entrar em relações nenhuma e outras que queixam-se da efemeridade e tentam mesmo encontrar relações. Outro aspecto, apontado por Miskolci (2017), é que o aplicativo amplia o armário, não só porque o segredo funciona ali, mas também porque varre toda uma gama de desejos do mundo offline para um espaço online restrito.

Qual a diferença de um desejo homoerótico antes e depois das redes? Segundo nosso interlocutor:

Quando você ia num vestiário masculino, num clube, você via alguém, outro homem pelado, você se atraía. Não tinha revistas nem internet, nessas horas você via e aquilo mexia com você. [eu] Entendia como homossexualidade, mas procurava não pensar nisso. Você não tinha onde buscar informações. Você não queria ser doente, não tinha informação nem livros⁶⁹, e quando tinha, era tratado como doença.

Nunca achei que fosse doença, via que as pessoas tratavam como doença. Acho que se temos o desejo é porque ele existe, não é doença, não se pega de alguém. Nunca achei que fosse distúrbio. Me achava normal, mas diante da sociedade, da pressão dela, tentava apagar [o desejo, isto é, ocultá-lo].

Tive uma experiência quando [era] moleque, até com irmão, primo, amigo, brincadeira. Depois apaguei isso [da memória e da vida cotidiana], comecei

⁶⁹ Importante ressaltar que tal fala está situada aproximadamente no final dos anos 1970 e ecoa a partir de Bauru. O interlocutor tem razão quando diz que não tinha acesso a informações, lembremos que as revistas sobre assuntos gays naquela época eram importadas, acessíveis à elite intelectualizada das camadas altas das capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, ao passo que revistas brasileiras como o *Lampião da Esquina* tinham tiragem pequena e circulação restrita. O tratamento como doença provinha das revistas e livros correntes, de feição religiosa ou médica (na época, homossexualismo era oficialmente considerado doença).

a namorar uma menina, fiquei quatro anos com ela. Sempre buscava mulher para transar, tinha pavor de pensar nisso [no desejo homoerótico], não existia meios para você saber quem era e quem não era [gay].

A primeira [experiência homoerótica] foi com 38 anos. Quando veio a internet que comecei a pesquisa sobre isso, o desejo; a partir de que você consegue ver mais coisas o desejo aumenta e através da internet vi tudo que eu tinha curiosidade.

Entrava em sala de bate-papo da *UOL*⁷⁰. Existia também o banheiro⁷¹. Mas dificilmente você tinha contato [com outros homens]. Você manjava⁷² o pau [*sic*], dava uma pegadinha e nada mais. Tinha a sala de bate-papo, onde você marcava encontro para conhecer.

Comecei a perceber que tinha muita gente como eu, que vivia o mesmo dilema que eu, vi que era normal para muita gente, não era uma coisa exclusivamente de afeminados. Nunca tive preconceito, só não tenho atração [por efeminados]. Não queria ser tratado como afeminado.

Do bate papo você passava para o *MSN*⁷³. Não tinha outro meio [de viabilizar encontros homoeróticos]. Existiram aqueles *sites* como *disponivel*, *manhunt*,⁷⁴ onde você também conhecia pessoas, mas foi uma fase posterior à sala de bate-papo. Hoje se tornou nos aplicativos, né?! (JB)

O relato traz-nos 1) uma cronologia dos aparatos digitais de desejo; 2) a deriva de uma sexualidade dissidente. Vejamos.

A partir do advento da *web 2.0*, salas de bate-papo online surgiram, essas salas permanecem bastante ecléticas, há salas específicas para encontros, mas há aquelas cuja temática é difusa, como cidades e idades. Depois os programas de mensagens instantâneas em que a pessoa entrava com uma conta de correio eletrônico e podia conversar de maneira mais reservada com outras que lhe fornecessem o seu correio eletrônico pessoal. Passando da sala de bate-papo para os programas mensageiros, houve incremento de recursos como videochamadas e envio de fotos e áudios, indisponíveis na sala de bate-papo naquele momento. Seguindo desses programas para sítios exclusivos para encontros homoeróticos. E finalmente, nos dias de hoje, chegando ao perfis de aplicativos para celulares inteligentes. O encontro do capital com o corpo da terra engendrou a noosfera, a conexão de todas as partes e a circulação tecnicamente indelimitada de informações (DELEUZE; GUATTARI, 2010; 1997, v.5; VIVEIROS DE CASTRO, 2018; HARAWAY, 1991). Não só os encontros então renegados ganharam espaço, mas informações foram elevadas para esse novo platô, em que se congrega conhecimento, informação e desejo.

Esse tal planômeno forneceu ao interlocutor elementos para afastar e desconstruir os juízos de valor que o informaram anteriormente. Foi a partir da busca e acesso a informações

70 Trata-se de sítio homônimo para conversa por mensagens instantâneas, relativamente antigo e ainda em atividade.

71 Termo êmico para aquele banheiro público visado por homens para interações homoeróticas furtivas.

72 Locução êmica, observar discretamente, ou nem tanto assim, de soslaio o pênis alheio.

73 Antigo programa de mensagens instantâneas para computadores, se não extinto, pelo menos em desuso.

74 O interlocutor refere-se a sítios para encontros afetivo-sexuais exclusivamente entre homens.

que não tratavam a sexualidade de forma moralista ou como doença e pelo contato com outrem na mesma condição que o agente alçou o patamar de consciência exibido em sua fala. Isto não é uma regra geral, mas um caso concreto dentre outros similares e face àqueles casos em que o acesso a informação e escolaridade e vivência em uma sociedade mais aberta à diversidade não surtiu o mesmo efeito.

Vamos aprofundar um pouco mais no contexto sócio-histórico que deu ao interlocutor sua visão de mundo, ainda que incipiente:

A igreja influenciava muito, e era uma contradição, porque o pai percebia que o filho era meio afeminado e punha para ser padre. Através de a pessoa temer o pecado, a pessoa virava padre, na verdade não fugia, encontrava um monte de homem. (JB)

Lampeja aqui o típico tratamento ao desejo desviante: internação. O curioso paradoxo da homofobia, conforme (WALZER-LANG, 2001), que leva os homens à casa dos homens, a um antro de homossexualidade. É um mecanismo sub-reptício de armário (SEDGWICK, 1990), que viabiliza o convívio e esconde o desejo.

Uma das coisas que me afastou do homossexualismo [na juventude], de esconder mais ainda, é que quando eu era novo veio o *boom* da Aids [epidemia de infecção por VIH e da Sida em período que não havia tratamento, anos 1980]; a gente não sabia como pegava, isso fez eu reprimir mais ainda, jogar no fundo e esquecer, não incentivar, não alimentar. Eu tinha pavor de pensar em fazer alguma coisa com outra pessoa [do mesmo sexo/gênero].

A medida em que foi sendo esclarecido, você relaxa. O que [es]tá acontecendo de novo é que as pessoas estão se esquecendo, não estão se prevenindo como há um tempo atrás, acho que a guarda abaixou muito. Por causa do tratamento que melhorou muito⁷⁵: “ah! se eu pegar, eu me trato”; e não é bem assim, tem gente que não se adapta, outra coisa é o tal do PrEP que a pessoa não pega Aids [*i.e.*, VIH], mas pode pegar sífilis. Começa a namorar, usa camisinha, mas passam três meses não usa mais, mas ninguém fez exames para saber se o outro não tinha nada. (JB)

Nota-se aí uma vivência já distante para alguém que nasceu na era pós-coquetel. O fantasma coletivo do VIH/Sida assolou a geração anterior aos anos 1990. Quem nasceu a partir dos 1990 – pode parecer pouco, mas já conta quase trinta anos – não vivenciou esse fantasma de grupo. Realmente este é um corte geracional no sentido de Karl Mannheim (1982).

Retomando alguns marcadores que ficaram diluídos ao longo do texto. A coorte universitária (20-25 anos de idade) é mais politizada ou antes mais desterritorializada das

75 O interlocutor está explicando que, dado o fantasma coletivo da Sida de outrora, as pessoas redobram os cuidados de si; atualmente, com as novas técnicas de prevenção, esses cuidados estariam declinando.

peias morais sobre a homossexualidade, o que se depreende da frequência de perfis na referida faixa etária. Quer dizer, o alto número de perfis, por um lado, significa uma abertura maior para expressões de desejos dissidentes e menos receio em realizar buscas nas mídias digitais; por outro lado, os dados inseridos pelos usuários da referida coorte etária engrossam a frequência estatística, o que denota maior acesso ao nível superior e a discussões concernentes a movimentos sociais e politização dos agentes refletindo e mesmo influenciando na decisão de um agente expor-se na mídia digital. Sobretudo em Marília⁷⁶ que, além de cidade universitária, é sede de um curso de ciências sociais no *campus* da Universidade Estadual Paulista – Unesp, o que confere mais peso e consistência em discussões e formação política. Como no caso da categoria “negro”, que comentamos mais detidamente no início deste capítulo, a suspensão das peias morais sobre a sexualidade e os gêneros é maior entre os jovens. É claro que há os “discretos fora do meio” e mesmo usuários de aplicativo que sejam completamente refratários a esse tipo de politização; o que estamos salientando, todavia, é que houve um acesso crescente ao ensino superior desde 2003 e isto se refletiu na expansão da consciência das pessoas que tiveram a ocasião de frequentar o referido nível de ensino.

A recíproca é verdadeira em partes. Há gente de mais idade, pertencentes às coortes acima dos 35 anos de idade, que não aderem a tal politização, não tomam uma bandeira, não “dão a cara a bater”, não se reconhecem nesses devires-minoritários. Há alguns usuários encontrados nessas faixas que estão afins com essa desterritorialização subversiva dos diversos marcadores de diferença social. São minoria e pode-se, com efeito, notar que para uma pessoa passar a usar o aplicativo com fotos e informações já demanda um aprendizado e várias desconstruções. Essa linha de fuga pode inclusive não ter passado pelo ensino superior. Pode ser afirmado também que a diminuição das frequências de perfis a partir da faixa etária dos 35 anos de idade sinaliza que os homens pertencentes a estas coortes dão vazão ao desejo homoerótico por outros meios, isto é, sequer utilizam o aplicativo.

Costuma acontecer de as pessoas excluírem virtualmente intercursos com outras cuja idade está muito distante. Este ponto é bem espinhoso. Há gente mais jovem, entre 18 e 20 anos de idade, que não quer se envolver com mais velhos – não precisa ser um tiozão⁷⁷ de 45

76 As primeiras versões deste texto incorporavam neste ponto dados e análise a partir dos perfis de aplicativo em Marília. Estes dados foram suprimidos por motivos metodológicos. Neste ponto, a referência a Marília supõe dados e conhecimentos prévios, mas não prejudica a análise, que se limita a comparar de passagem duas cidades-polo vizinhas. Adiante, capítulo 2, os dados de Marília voltam à baila por ocasião do estudo de um evento naquela cidade.

77 Termo êmico para designar um homem mais velho, via de regra mais de 40 anos de idade. O termo inglês *daddy* (“paizinho” ou “papai”) e a variante portuguesa “paizão” também costumam ser empregados. O mais jovem pode ser chamado de “novinho”, “filhão” ou ainda “sobrinho” e mais raramente de *twink*, que em

anos de idade, pode ser alguém de 25, por exemplo – e há aqueles que “curtem sair com um tiozão”. Os gostos pessoais variam demais para uma generalização. Mas pode-se arriscar que a diferença de grau de desterritorialização das performatividades de gênero de cada coorte etária, intimamente ligado ao processo sócio-histórico vivido pelas pessoas e suas experiências de gênero pessoais, inclina inextricamente as possibilidades de contato. Na outra ponta das faixas etárias, os mais velhos também soem preferir gentes da mesma geração. O desejo irrefreável pelo efebo, à moda socrática, parece ser em grande parte mito. Além das experiências de gênero de cada coorte, a estabilidade econômica e independência financeira, o ethos universitário, o compromisso com o emprego, o lugar, a família e pessoas são outros elementos frequentemente evocados pelos usuários e certamente relevantes na hora de decidir por encontros com uma pessoa de uma ou outra faixa etária. Esta análise do pertencimento etário converge com a de Mannheim (1982) quando este explica que as gerações não constituem grupos concretos de reconhecimento mútuo, mas vivências coletivas de situações sociais – o que corrobora a questão da diferença de perspectiva sobre as questões sociais e dos marcadores de diferença social entre aqueles que acessaram ou não o ensino superior, sobreviveram ou não a uma ditadura militar etc.

Importante comentar que as categorias de sexo/gênero (ativo, passivo, versátil, macho, efeminado, urso⁷⁸, lontra⁷⁹, *drag*⁸⁰ etc.), sejam quantas forem, não são identidades, mas

inglês designaria as pessoas das coortes etárias dos vinte anos (aproximadamente entre 18 e 22). Segundo fontes na rede, *twink* seria acrônimo de “*teenage, white, into no kink*”, que se traduziria algo como “adolescente branco não a fim [ou ‘que não curte’] extravagâncias [sexuais, corporais ou da personalidade]”, ou seja um novinho que não curte esquisitices de nenhum tipo, gosta só do básico padronizado normal – seria a versão gay autorizada do *wasp* (*white, Anglo-Saxon protestant* – branco anglossaxão protestante, notadamente identidade de grupo segregacionista dos EUA), ou a modernizada do *ymca* (*young men’s christian association* – associação cristã de homens jovens, satirizada, assim como outros estereótipos gays da época, por sua homossexualidade e homosociabilidade na década de 1970 pelo grupo *Village People*), ou a pós-moderna do *vanilla* (literalmente: baunilha; designa o sorvete branco, sem cor, quase sem sabor e quase sem aroma; conotando um intercuro sexual virginal, marital, reprodutivo, sem graça, não apimentado, basilar; opõe-se, na gíria inglesa, ao *spicy*)? Fonte disponível em: <<https://www.urbandictionary.com/define.php?term=twink>>, acesso em 08-12-2018.

78 Metáfora êmica, também utilizada em inglês, “*bear*”, que designa homenzarrões muito peludos e em geral gordos ou corpulentos, aqueles que desejam este tipo são chamados caçadores, ou “*chasers*”. Se o urso for mais jovem, pode ser chamado de “ursinho” ou *cub*, termo geral inglês para filhotes.

79 Metonímia do termo êmico “urso”, também empregado como “*otter*” em inglês, designando homens, normalmente por volta dos vinte anos de idade, peludos – parte citada do urso em metonímia –, mas delgados – metáfora com a lontra. Não se conhece de um termo correlato de “caçador” para lontra, supõe-se que seja outro lontra ou caçador mesmo.

80 Refere-se a homens que se vestem como mulheres, não somente como mulheres, mas parodiando os gêneros, sua pretensa e frágil binaridade e os padrões de corpo, gênero e beleza, sempre inalcançáveis por quaisquer pessoas, por isso mesmo sendo parodiados e elevados ao extremo da perfeição. Sabe-se que, tradicionalmente, *drags* são anfitriãs ou animadoras em casas noturnas, também algumas pessoas de gênero menos binário e mais transgressor montam-se, isto é, vestem-se como sua *drag* em eventos e ocasiões mais corriqueiras. Há uma distinção desbotada entre *drag*, travesti, transformista e outras pessoas que parodiam e transgridem as normas de gênero. Importante notar que estas variações não se misturam com transgêneros. Diz-se de *drag* ser aglutinação de “*dressed as a girl*” [inglês, “vestido como uma garota”]. Não se confunde com o fetiche designado por “*crossdresser*”, ou simplesmente “*cd*”, “vestido trocado” ou “travestido”, que

nomenclatura para zonas de vizinhança e indiscernibilidade no campo social do desejo. Constituem antes fissuras no espaço estriado, fazendo com que a unidade sólida dos sexos/gêneros binários feneça e as multiplicidades dissidentes escapem aos códigos e conjuntos molares da máquina social. Algumas dessas categorias funcionam como limites de funções, notadamente aquelas que tendem a uma zona intermediária, sempre indiscernível, que não chegam a pronunciar a fissura no campo social; quer dizer, termos como “versátil”, “discreto”, “macho”, “sigilo”, “hétero” e mesmo – se quisermos tensionar e avançar no limite entre heterossexualidade e homossexualidade, normativo e subversivo – “bissexual”, “trans”. Além de denunciarem a artificialidade das normas de sexo/gênero, tensionam-nas e levam as performatividades a extremos que ficam indiscerníveis, não é possível dizer em qual rubrica normativa pode-se identificar alguém, nem que haja continuidade entre sexo-desejo-gênero. Deleuze e Guattari (1997, v.2; v.3; v.4) explicam: há mulher e homem, mas você pode ser travesti; onde enquadrar uma travesti? Essas pessoas que se aproximam do limite da função sexo/gênero mostram cruamente que o desejo foge através das fissuras do campo social. Este campo não é liso e contínuo, apesar de suas unidades e polaridades; é todo quebradiço, apenas estabilizado no momento em que se observa de longe, no nível macropolítico, ao passo que no nível micropolítico essas rachaduras vêm à tona e exibem as possibilidades de fuga e subversão. Sem esquecer que há controle dos corpos e subjetividades por toda parte, produzindo corpos abjetos, sujeitos da ordem social, repressões, punições, exclusões, extermínios etc. Com efeito, seria melhor conceituar essas “identidades desejantes” como devires que instauram processos singulares de individuação sem sujeito, que desterritorializam as normas de sexo/gênero e abrem possibilidades de linhas de fuga.

1.3.3 As classes sociais

Algumas balizas conceituais. Classe social não se confunde, do ponto de vista conceitual e exclusivamente conceitual, com classe de consumo ou situação de classe, embora os três aspectos misturem-se na realidade social e mesmo os agentes lidem com eles indistintamente. As classes de consumo seriam aquelas definidas pela economia e pelo IBGE, informando, a partir de conglomerados de faixas salariais e hábitos de consumo, em que classe um indivíduo ou grupo está. Já a situação de classe traz o conceito weberiano definido *in verbis* como “[...] a oportunidade típica de 1) abastecimento de bens, 2) posição de vida externa, 3) destino pessoal, que resulta [...] da extensão e natureza do poder de disposição (ou falta deste) sobre bens [...]” (WEBER, 2009, p. 199). Este conceito claramente informa as

algumas pessoas apreciam.

classes de consumo. Weber chama de classe o grupo de pessoas que se encontram na mesma situação de classe. Importante lembrar que Weber não está interessado em uma grande narrativa sobre a história, interessa-lhe antes compreender fenômenos sociais, que ele constrói e descreve de maneira pura, mas que na realidade aparecem sempre imbricados. Por outro lado, Marx concebeu uma grande narrativa histórica na qual a luta entre classes sociais move a história. Alguns desdobramentos lógicos dessa assertiva são que as classes constituem agentes sociais coletivos, experiências e modos de vida antagônicos – é a herança hegeliana do autor. Marx, entretanto, não sistematizou o conceito; rascunhou o que constitui uma classe como a equivalência, entre pessoas que compõem um grupo, de rendas e fontes de rendas, temos aí a classe que vive do trabalho assalariado e a classe que vive da exploração do trabalhador (MARX, 2008, p. 1164). Como outros conceitos, tais como fetichismo e ideologia, classe social foi coletado por Marx da literatura, notadamente da obra de Honoré de Balzac, em que são descritos modos de classe, que chamaríamos hoje de processo civilizatório. Nesse sentido, a “classe em si”, o grupo social descrito a partir da economia, tornar-se-ia “classe para si”, uma identidade politizada que informa e organiza um grupo – temos aqui o aspecto ideológico da classe social. Esta última dimensão é útil aqui para analisar a classe social como um marcador de diferença social, sempre contextual, relacional e situacional e não como uma categoria universal. A classe é produto das relações sócio-históricas capitalistas, assim também os indivíduos gestados no interior de cada classe tendem a reproduzir essas relações a partir de sua posição de classe. O grau de consciência dos indivíduos pode variar; alguém pode tomar consciência de sua classe, politizar-se e engajar-se em militância ou atividades revolucionárias; sem embargo, pelos aparelhos ideológicos de Estado (ALTHUSSER, s/d), os indivíduos podem ignorar as classes e a política, assim como as relações sociais que produzem o meio em que vivem. Deleuze e Guattari (2010) argumentam que não há classes sociais, só existiria a classe burguesa ou proprietária, a única que se organiza politicamente de fato enquanto classe e a partir de interesses comuns de classe e a mesma que promove, inclusive, a desorganização política, a partir dos aparelhos ideológicos de Estado, de quaisquer outros grupos. O marcador de classe social nesta pesquisa leva em conta todos estes aspectos, mas vale-se principalmente do ideológico para analisar as desconexões entre pessoas que sob outros aspectos, tais como a sexualidade por exemplo, seriam tomadas como um grupo único.

Já sinalizamos *passim* ao longo do texto que as posições e gostos “pessoais” dos agentes estão informados por aspectos sobretudo coletivos, e não individuais. É assim que podemos falar em preconceito interpares como um dentre um grupo de preconceitos que são a

progênie cuja fonte situa-se de grupos sociais, sejam coortes etárias, “raça” ou classes sociais. O caso da escolaridade é de longe o mais evidente de um corte de classe social e interações sociais informadas por preconceitos, ou deles elididas, guardam relação direta tanto com a classe quanto com a escolaridade – não esqueçamos que apesar de o acesso à informação ser tecnicamente fácil hoje em dia, isso não significa que a informação seja qualificada ou que o agente apreenda propriamente; tanto assim que conceitos como empoderamento, cuja filiação teórica é de cunho neoliberal, são verbalizados desprendidos de seu contexto, não que isso seja ruim, mas gera apenas fenômenos esporádicos, espontâneos, evanescentes e efêmeros, tais como um “textão” no *Facebook*. Apontamos ainda a relação entre local de moradia, classe social e racismo, exasperando o contraste entre um gay classe média alta que mora em condomínio fechado e uma bicha preta de favela.

Tomemos a explicação de JB:

Acho que a condição social, cultural, religiosa, e o ambiente que ela vive vai determinar o caminho que ela vai tomar. Porque é difícil você ver uma travesti que vem de uma classe social alta. Acho que as poc-poc também geralmente vem de um meio muito humilde, existem pessoas afeminadas e educadas, a poc-poc não é educada, você percebe que ela vem de uma classe social inferior. A condição social do negro é ruim, mas quando ele tem condições sociais ele é igual a nós⁸¹. Acho que o problema não é o pobre, é a condição de vida. O pai bebe, a mãe dá mau exemplo, acho que esse é o grande problema. Resumindo, é falta de educação.

Sem pretender generalizar a classe social ou subsumir-lhe os demais marcadores de diferença social, encontramos pelo menos dois eixos estruturantes do preconceito interpares: a classe social em seus aspectos ideológicos e o racismo. As classes polarizam-se *pari passu* com o racismo: branco:burguês::negro:proletário. Os gêneros e sexualidades perpassam e atravessam mesmo esses dois grandes conjuntos binários, quer dizer, não é porque você é branco ou rico que você está imune ao desejo homoerótico, o que varia, segundo os entrelaçamentos dos marcadores de diferença social, são as manifestações do desejo nas performatividades de gênero e na ideologia – aquele conjunto de ideias-valores que organiza as relações sociais (DUMONT, 2008), permitindo ou proibindo interações, autorizando ou indeferindo gêneros.

81 O interlocutor está comparando classe social a partir de uma clivagem de nível superior, que tanto ele quanto o autor possuem, além do fato de ambos serem brancos.

2. Eventos e fluxos, intersecções de marcadores de diferença social⁸²

Após apresentar o campo de pesquisa, cabe aprofundar as análises e questões antropológicas. O sentido de separar textualmente essas etapas tem a ver com a particularidade do objeto. Quer dizer, há diferentes regimes de visibilidade em funcionamento ao mesmo tempo, cujo conceito central é o de armário nos termos de Sedgwick (1990). Embora em um evento como o *Encontro da diversidade* as peias às sexualidades não normativas possam estar temporariamente suspensas, em outros, como o *Interunesp*, – ambos os eventos serão apresentados a seguir – essas peias podem estar operantes e inclusive mais acirradas. Ainda, embora haja zonas de saturação sexual (FOUCAULT, 2012), como o cinemão, o regime do segredo opera em níveis diversos, segundo casos individuais. As atividades, os fluxos, os locais e os agentes variam, mas existem algumas estruturas sociais mais sedimentadas que pesam nas decisões individuais, se é que não as tolhem. Em linhas gerais, são elas os próprios eventos e locais de saturação sexual; os agenciamentos coletivos, as fissuras e fugas dos agentes, por outro lado, constituem territorialidades mutáveis. Assim, neste capítulo aprofundamos o estudo dos eventos e fluxos, inclusive estudaremos uma zona de saturação sexual. Subjacente a ambos os casos está um conceito de mercado sexual (LAUMANN *et al.*, 2004). Como procuramos explicar na introdução, este conceito não está restrito à troca de sexo por dinheiro, embora isso possa ocorrer⁸³ – inclusive não é nosso interesse estudar o mercado de sexo (prostituição) aqui. Por último, mas não menos importante, cabe explicitar que o sistema social é esquizofrênico (DELEUZE; GUATTARI,

82 Elementos desta seção foram modificados e publicados em artigo (DE CICCIO; PELÚCIO, 2018).

83 Os/as autores/as de *The sexual organization of the city* (LAUMANN *et al.*, 2004) utilizam duas expressões distintas: “*sex markets*” e “*sexual marketplaces*” para distinguir cada caso. Em português a tradução literal não favorece a separação conceitual. Os locais de comércio sexual (*sexual marketplaces*) seriam locais em que há prostituição por excelência e aparelhos para intercuro sexual (motéis, saunas, cinemas etc.); ao passo que o mercado sexual (*sex market*) tem a ver com os fluxos, locais, códigos e pessoas que produzem um agenciamento coletivo para propiciar trocas afetivas e sexuais (não necessariamente monetarizadas, embora negociadas com outras moedas sociais, tais como os marcadores de diferença social). É por isso mesmo que os/as autores/as argumentam a favor de uma “organização sexual da cidade”, cujas implicações trazem à baila todos os marcadores de diferença social e instituições diversas.

2010), isto é, opera com regimes diversos, não raro paradoxais. Era portanto de esperar-se que se encontrasse multiplicidades de códigos, devires, territórios e agenciamentos coletivos funcionando cada um em um regime particular e por vezes interpenetrando-se. Prosseguiremos aqui com os eventos, nomeadamente o *X encontro da diversidade* de Bauru e o *Interunesp* em Bauru, ambos de 2017.

2.1 Eventos

Brevemente arguimos acima que há fluxo de pessoas entre Bauru e seus dormitórios. Há também entre as duas cidades-polo, Bauru e Marília⁸⁴. O fluxo de pessoas pode ser visto diariamente nas ruas, lojas, empresas, trânsito, universidades, locais de lazer e recreação (centros de compra, cinemas, praças, parques, baladas, bares e atrações em geral), eventos (apresentações de música, encontros desportivos de universidades por exemplo) e aplicativos. Novamente, o sistema de geoposicionamento dos programas facilita contagem de pessoas. E aqui especificamente é possível metrificar a quantidade de pessoas e quantificar os fluxos. A técnica utilizada neste caso consistiu em “favoritar”, isto é, marcar os perfis como “favorito” no aplicativo, o que, além de retornar o número exato de perfis favoritados, dias depois pode exibir as distâncias, uma vez que a função de “favoritos” liga os perfis dos usuários que podem ser acessados sem estarem próximos, pois ficam salvos no aplicativo em uma grade distinta aparentemente ilimitada.

Tendo esta pesquisa foco na população de gays⁸⁵ que transitam entre Bauru, Marília e circunvizinhanças, tomamos alguns eventos que atraíram público LGBT em sua maioria, como os *Encontros da diversidade* – doravante apenas encontro – de Bauru e procuramos analisar os fluxos online e offline. Estes encontros são a maneira como a *Parada do orgulho LGBT* acontece no Noroeste paulista; notadamente possui menor escala, mas os moldes giram em torno do exemplo paulistano: uma semana de conscientização que envolve atos nas ruas, circuitos de palestras e debates, cursos, distribuição de panfletos e por fim a visibilização em

84 O fluxo Bauru ↔ Marília é importante para os agentes e, conseqüentemente, para esta pesquisa, o que não exclui a possibilidade de agentes irem para outras cidades-polo como Jaú, Botucatu e Araraquara etc.. No caso dos dormitórios, os fluxos tendem a estabelecer-se entre as cidades pequenas mais próximas das cidades-polo, constituindo assim uma constelação de cidades e fluxo de pessoas e mercadorias, compondo uma rede, com um centro e suas periferias. Saliente-se que as cidades-polo são periferia de outro centro, qual seja, São Paulo capital, que por sua vez pode ser considerada periferia de outro centro, no caso, o centro global no Norte, de que o Sul global constitui a periferia. Essa gradação não é retórica, ela pronuncia chamarizes que atraem e aglutinam pessoas e bens. Embora Bauru seja periferia da capital do Estado, ela toma lugar de um novo centro no Noroeste paulista, o que causa, por sua vez, a visão de que as cidadezinhas são periferias.

85 É difícil afirmar que quem usa um aplicativo reconhece-se como gay, ou como “homem” que tem interesses sexuais com outro homem. Para todos os efeitos, buscávamos o fluxo de gays, inclusive via aplicativo. Respeitada a multiplicidade social, este capítulo debruça-se sobre homens que utilizaram, por ocasião dos eventos, os aplicativos destinados ao público gay, ignorando nós seu autorreconhecimento.

um encontro de encerramento, com carros de som, apresentações de *drags*, música, caminhada nas ruas. Procuramos explorar essa mesma técnica de contagem em outro evento de grande monta, o encontro entre estudantes de associações atléticas, torcidas e baterias dos *campi* da Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Interunesp –, que em 2017 teve lugar em Bauru. Note-se que grande parcela da população do interior do Estado mora na capital por conta de trabalho e emprego, retornando, de praxe, nas férias, mais raramente em feriados prolongados e no final do ano entre as festas para ficar uns dias com os/as familiares e depois voltando para a capital; esta situação configura outra ocasião de coleta de dados e análise de fluxos, quer dizer, esses fluxos são sazonais e atípicos e sendo por isso deixados de lado aqui. Há ainda o fluxo contrário, isto é, de estudantes que vêm de várias cidades, inclusive da capital e mesmo quicá de outros Estados e países, para estudar em cidades de médio porte do interior, como é o caso dos/as universitários/as de Bauru e Marília. Este fluxo de estudantes é importante e movimenta a vida social e a economia dessas cidades-polo; nos fins de semana, feriados prolongados, férias e festas familiares, os/as universitários/as tendem a volver à casa dos pais, daí um certo esvaziamento das cidades-polo. Em todos os casos, a aferição pelo localizador é limitada, pelas razões expostas anteriormente.

2.2 X Encontro da diversidade de Bauru/2017

Talvez analisar o fluxo a partir de um evento social ajude a explicitar relações. No Domingo, 27-08-2017, teve lugar em Bauru/SP o “X encontro da diversidade”. A seguir passamos a analisar o evento e os fluxos.

Pode-se dizer que há circulação de afectos, desejos e erotismos no centro da cidade. Por tratar-se de uma cidade-polo de uma microrregião no centro-oeste (interior) do Estado de São Paulo, alguns eventos de grande monta são atraídos para a cidade. Como o foco deste texto é homoerotismo e fluxos de desejo, selecionamos o encontro. Observou-se o encontro no ponto de concentração do mesmo, mas não a sauna e nem o cinemão, porque se julgou que não haveria quórum. É importante fazer algumas ressalvas: apesar de cidade-polo, o evento não tem a monta, digamos, de São Paulo capital (SPC), atraindo milhões de pessoas. Nem aqueles/as que vêm para Bauru fazem como os que moram em SPC ou para lá vão por ocasião da parada, indo aos pontos de saturação (homo)sexual na noite anterior, “fritando” nas *after parties* na manhã seguinte e de lá se dirigindo à parada e depois novamente aos pontos de saturação sexual. Algumas excursões são organizadas e as pessoas vêm para cá em caravanas, mas considerando que a atração principal do evento cancelou sua apresentação, muitas pessoas desinteressaram-se pelo evento. Nossos próprios amigos de Marília alegaram que iam

para um parque aquático em detrimento do evento por causa daquele cancelamento – se um grande número de pessoas fizesse o mesmo cálculo, poderíamos afirmar que o evento perdeu fôlego.

Enquanto permanecemos no evento, tendo chegado por volta de 14h30, notamos que as pessoas aglomeraram-se no anfiteatro, em um parque cravado na via expressa da cidade, próximo à região central. Ali havia um palco montado, tocava-se música e havia diversas barracas vendendo comidas e bebidas. Vimos uma ou duas caravanas (pequenas, cerca de 20-30 pessoas) de cidades vizinhas (dormitórios da cidade-polo).

Um primeiro fluxo causou-nos estranheza: no período vespertino, os/as frequentadores/as eram predominantemente negros/as e pardos/as, segundo nossa percepção subjetiva. De um ponto de vista mais etnocêntrico, aqueles homens homossexuais poderiam ser classificados na categoria *êmica bicha*, sendo esta compreendida pelas pessoas locais como um homem gay, negro ou pardo, efeminado e morador de bairros periféricos. Também estranhamos que os homens e mulheres presumidamente⁸⁶ heterossexuais estavam lá para trabalhar (no caso, vendendo comidas e bebidas) e também eram de *cútis* mais escura. Não bastasse esse contraste, por volta de 18h pudemos visualizar intenso fluxo na via expressa no sentido Sul, direção em que se encontram bairros abastados de condomínios. Por volta de 19h, esse público mais negro embranqueceu. Quer dizer, na verdade as pessoas devem ter ido embora e então nós demo-nos conta de que havia outras pessoas, mais brancas, com roupas de marca e de banho tomado. As pessoas das classes mais ricas chegaram de viagem por volta das 18h e depois foram ao encontro? As pessoas das classes mais pobres compareceram à tarde e voltaram para casa no início da noite? O trabalho no dia seguinte (Segunda-feira) e a condução individual e particular ou coletiva influenciaram neste rodízio de fluxos, pessoas, classes e “raças”?

Vasculhamos o parque e seus arredores ao anoitecer. Pessoas acomodadas na grama, sentadas ou deitadas em pequenos grupos sobre lençóis à sombra. Outras pessoas “ficavam” aqui e ali. Alguém foi fazer banheiro? – indagamo-nos. Os banheiros químicos tinham filas enormes. As moitas e sobras do parque também estavam inermes. Os dois banheiros das laterais do anfiteatro chamaram a atenção: as pessoas passavam por ali e entravam em bando (três ou mais pessoas, normalmente meninos). Um cheiro peculiar saía porta a fora. Nós não entramos: não havia luz, já era noite quando fomos até lá e não poderíamos ter visto nada, de

86 Essas presunções subjetivas guiam-se pelas performances de gênero. Judith Butler (1993) explica que os gêneros são performances, atos de linguagem materializados em corpos que são reiterados nas relações diárias e daí ganham concretude e possuem ainda referenciais de gênero e normas sociais que são citadas nas performances. Nós estamos imersos no mundo social e, embora não julguemos as pessoas, percebemos essas materialidades, citações e reiterações dos gêneros.

qualquer modo.

Não seria viável contar as pessoas presentes no encontro. Seria possível fazer uma amostragem por algum aplicativo, isto é, uma mídia digital portátil, com localizador embutido, para corroborar o fluxo de desejo e sua associação com o evento? Por volta de 16h30 nos mandamos para casa para aferir o aplicativo.

Antes de apresentar a metrificação do dia do evento, apresentar-se-á dados referentes à cidade cerca de trinta dias antes. O mês de Julho pareceu importante para verificar e metrificar os moradores de Bauru, posto que os universitários estão de férias e certamente ausentes da cidade e da localização pelo aplicativo. Uma amostra relevante da população urbana do município, com erro estatístico controlado em até 0,05, seria de 400 indivíduos aproximadamente. Para Bauru, em Julho de 2017, temos a seguinte distribuição amostral por faixa etária, de acordo com o padrão do IBGE, e por disponibilidade de perfil e distância em um aplicativo:

Quadro 5: distribuição de perfis em aplicativo por faixa etária. Bauru, Julho/2017.

| Faixa IBGE | Quantidade | % em relação à amostra |
|-------------------|-------------------|-------------------------------|
| - 20 | 26 | 6,52 |
| 20-24 | 136 | 34,09 |
| 25-29 | 138 | 34,59 |
| 30-34 | 47 | 11,78 |
| 35-39 | 26 | 6,52 |
| 40-44 | 13 | 3,26 |
| 44 - | 13 | 3,26 |
| Totais | 399 | 100 |

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Na coluna “faixa IBGE” tem-se as faixas etárias do próprio IBGE, adequadas à exigência de maioridade do aplicativo. Na coluna “quantidade” apresenta-se a quantidade de perfis contados e distribuídos por faixa etária. Na coluna “% em relação à amostra”, observa-se a distribuição da amostra em cada faixa. Trata-se de amostra de 399 indivíduos moradores de Bauru – cujos habitantes compõem a população. Cumpre ressaltar que as faixas entre 18-30 anos de idade abrangem a base mais larga da pirâmide etária, com cerca de 74% de representatividade dentro da amostra. Estes dados coadunam-se com as estatísticas oficiais do IBGE quanto à população estimada para Bauru em 2017, bem como à distribuição e pirâmide etárias do município. As faixas etárias com menos de dezoito anos são ignoradas neste estudo

por causa da cláusula do aplicativo de que o usuário seja maior de idade. As faixas superiores a 44 anos de idade também são deixadas de lado por sua baixa frequência ou mesmo ausência na amostra.

Um mês após esta amostragem, as faixas etárias entre 18-35 anos apresentaram por si só número equivalente à amostra relevante. Ou seja, contando novamente cada perfil do aplicativo em meados de Agosto de 2017, temos a seguinte distribuição:

Quadro 6: distribuição de perfis em aplicativo por faixa etária. Bauru, Agosto/2017.

| Faixa IBGE | Quantidade | % em relação à amostra |
|-------------------|-------------------|-------------------------------|
| - 20 | 59 | 14,79 |
| 20-24 | 146 | 36,59 |
| 25-29 | 130 | 32,58 |
| 30-34 | 35 | 8,77 |
| Totais | 370 | 92,73 |

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Cada coluna do quadro 6 representa o mesmo que o quadro 5, conforme exposto acima. Neste caso, a amostra foi deliberadamente recortada entre as faixas etárias mais representativas da pirâmide etária. É possível notar que a faixa até 19 anos de idade, exclusive 20 anos de idade, praticamente dobra de tamanho. A inferência é de que este pessoal é composto por universitários, considerando período do ano e a idade. As demais faixas etárias sofrem variação baixa dentro da amostra.

No dia do encontro da diversidade em Bauru, por volta de 16h30, nós acessamos o aplicativo e fizemos a ligação do perfil de pesquisa com todos os perfis no raio de aproximadamente 10km de distância⁸⁷. O aplicativo, com todas as suas atualizações de distância e acesso dos usuários, movimentação de pessoas mais ou menos fidedigna, não obstante a fluidez, contabilizou 380 perfis no dia do evento. Nossa intenção era, posteriormente, acessar os perfis e verificar a distância de cada um para chegar a uma quantidade de perfis e pessoas que supostamente vieram a Bauru por causa do evento. Infelizmente, na Quarta-feira seguinte ao encontro, muitos perfis haviam bloqueado o perfil de pesquisa; ou mesmo muitas pessoas podem ter criado um perfil falso só para usarem no dia do evento e que foi excluído em seguida. O aplicativo contabilizou, então, 307 perfis ligados ao de pesquisa. Destes, muitos não compartilhavam a informação distância. Deduzimos, pelas

⁸⁷ Considerando o local de acesso e as dimensões da cidade de Bauru, e que o posicionamento do aplicativo é geodésico, isto é, um raio linear que não considera relevo e nem curvatura da Terra, e ainda considerando o “salto” na distância entre um e outro perfil, digamos, de 12km para 27km, a distância média de 10km pareceu conveniente.

indicações nos perfis, que alguns vieram de SPC, Curitiba, cidades de Minas Gerais e Paraná. Aqueles que apresentavam a informação da distância que era superior àquela considerada plausível para um morador de Bauru somavam 56 perfis. Temos então certeza que cerca de 56 pessoas deslocaram-se de outras cidades, entre 28km até 191km⁸⁸, em linha reta, raio geodésico, entre nosso ponto de acesso em Bauru e suas localizações atualizadas. Isso significa que houve fluxo de pessoas e desejo entre as cidades.

A discrepância entre quantidade de perfis entre Julho e Agosto é alta; mas entre Agosto e o evento, a nosso ver, é ínfima. Efetivamente, a diferença entre amostra no meio da semana em Agosto e durante o evento é de dez (10!) perfis. Mas ainda há mais. O que mais nos incomodou, quando retornamos ao encontro após a coleta de dados no aplicativo, foi a constatação gritante de que *as pessoas dos perfis não estavam no evento*. Como foi dito, as pessoas no evento, até por volta de 18h30 eram bichas efeminadas, negros/as, trabalhadores e decerto provenientes de bairros periféricos. As pessoas do aplicativo eram homens, machos, barbados, brancos, sarados, um desfile de corpos desejáveis e higienizados que *não se encontravam no local*. Havia sim, obviamente, um e outro grupos de homens que, em linguagem êmica, chamaríamos bárbies, dançando e flertando entre si. Mas não mais do que uma dúzia de indivíduos. Onde estavam as pessoas do aplicativo? Na sauna e no cinemão não estavam, nem no encontro. Em casas de amigos? No evento não estavam. A atualização, isto é, quando o virtual torna-se real, sugere que a vida representada nos aplicativos é uma ficção. Esta sugestão corrobora com a hipótese de Miskolci (2009b) de que as mídias digitais mantêm e mesmo ampliam o armário. Na observação do campo, os marcadores de diferença social, especialmente classe social, cor e gênero saltaram aos nossos olhos. O que aconteceu? Perfis falsos? Uma hipótese mais plausível parece ser a de que as pessoas pobres, que geralmente vivem em bairros afastados e são negros/as marginalizados/as, e que também entram em sexualidades e gêneros não normativos, não usufruem da cidade da mesma maneira que aquelas classes mais favorecidas, via de regra, mais branca. As pessoas não estavam caçando pelo aplicativo no evento, estavam se divertindo. Esta diversão, que terminou por volta de 18h, parece ter sido uma oportunidade *por ser um evento gratuito*.

“No interior não tem nada para fazer” – certamente! Quem tem condições financeiras, busca seu lazer em cidades mais cosmopolitas e diversificadas – o interior está “modernizado” em termos de serviços, mas não tanto em termos sexuais e morais.

88 As cidades dentro do círculo são os dormitórios de Bauru (04 perfis) e os de Jaú e Botucatu (cerca de 10 perfis); as demais quilometragens remetem às cidades-polo: Jaú, Boucatu, Avaré, Marília, São Carlos, Ourinhos, Araraquara, Lins, Catanduva, Assis, Piracicaba, Rio Claro, Limeira, Pirassununga, Ribeirão Preto, Birigui, São José do Rio Preto e Araçatuba, inclusive seus dormitórios.

Novamente, Humphreys (1970) apresenta análise de um tipo que é mais rico e possui mais capital cultural, homens casados ou não, que viajam a trabalho e lazer e gozam de aventuras sexuais mais requintadas. E quem não tem as mesmas condições, seja pelas dificuldades monetárias, seja pelas amarras à família em todos os sentidos, busca suas fugas nos redutos, nos contatos furtivos desterritorializados dos olhares públicos e reterritorializados nos armários, guetos e travessias que o capitalismo engendra na cidade. França (2013) utiliza uma expressão que poderia sintetizar esta contradição: “do universo perfeito ao cinemão”. No caso, França estuda gays de classes altas que deslocam-se no interior do mercado de lazer noturno em busca de *cafuçus*⁸⁹; o que denotaria uma deriva de convenções e transgressões de desejo ambivalente, visível na intersecção de marcadores sociais de diferença (FRANÇA, 2013, p. 72). Pela conclusão do artigo, vemos que os limites da sexualidade, os prazeres e perigos, aparecem em deslocamentos geográficos empreendidos de fato pelos agentes. Com efeito, inicia o artigo com menção à etnografia de Perlongher (1987) e o desejo de transgressão e a movimentação geográfica aparecem como centrais.

O quadro 7 a seguir apresenta a metrificação realizada no *X encontro da diversidade* de Bauru.

Quadro 7. Distribuição da amostragem por faixa etária. Bauru, 27-08-2017.

| Faixa IBGE | Quantidade | % em relação à amostra |
|-------------------|-------------------|-------------------------------|
| - 20 | 59 | 14,79 |
| 20-24 | 149 | 36,59 |
| 25-29 | 130 | 32,58 |
| 30-34 | 35 | 8,77 |
| Total | 370 | 92,73 |

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Repetindo os mesmos padrões e procedimentos de coleta de dados das ocasiões anteriores, temos a distribuição de perfis por faixa etária e sua porcentagem em relação à amostra (370 perfis “favoritados” neste caso). À primeira vista, este quadro não diverge do quadro 5, tanto a amostra como a distribuição por idade coadunam-se, o que dá a entender que não houve fluxo de pessoas. Mas, se lembrarmos que, no fim de semana, as pessoas tendem a viajar, deixar a cidade, voltar para suas famílias, o número da amostra deveria ter sido menor do que em um período corriqueiro – o que não aconteceu. Isso sinaliza que houve sim fluxo de pessoas para Bauru, particularmente para o evento. O fato pode ser comprovado por placas de automóveis e ônibus presentes nas redondezas do parque em que teve lugar o encontro e

⁸⁹ Linguagem êmica: homem rústico, negro, geralmente de classe popular, viril em vários aspectos, que é objeto de desejo exotizado por classes mais ricas e mais brancas.

também pelo posicionamento dos perfis favoritados antes e depois do evento.

O quadro 8 a seguir relaciona cidades por ordem de distância geodésica decrescente entre Bauru e elas. O fato de incluir aglomerados como Limeira-Pirassununga-Rio Claro-Piracicaba, e não outros, justifica-se perante a (quase) conurbação das referidas cidades.

Quadro 8. Lista de cidades em ordem decrescente de distância em relação a Bauru.

| Cidade | Distância de Bauru | Direção |
|-----------------------|---------------------------|----------------|
| Presidente Prudente | 241km | O |
| Campinas | 214km | L |
| Araçatuba | 191km | NO |
| Ribeirão Preto | 181km | NE |
| Birigui | 176km | NO |
| São José do Rio Preto | 171km | NO |
| Pirassununga | 171km | NE |
| Limeira | 169km | L |
| Rio Claro | 152km | L |
| Piracicaba | 151km | L |
| Assis | 144km | SO |
| Catanduva | 135km | N |
| São Carlos | 125km | NE |
| Ourinhos | 109km | SO |
| Araraquara | 108km | NE |
| Piraju | 103km | SO |
| Lins | 102km | NO |
| Marília | 91km | O |
| Avaré | 87km | S |
| Botucatu | 87km | NE |
| Jaú | 42km | SE |
| Bauru | 14km | - |

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

O quadro 9 abaixo relaciona distância geodésica dos perfis com as das cidades.

Quadro 9. Distância geodésica de cada perfil e presumidas cidades; evento: *X encontro da diversidade*. Bauru, 01º-09-17.

| Distância de cada perfil | Origem presumida | Direção |
|---------------------------------|-----------------------------|----------------|
| 188km | Araçatuba ou Ribeirão Preto | NO ou NE |
| 178km | Ribeirão Preto | NO |
| 174km | São José do Rio Preto | NE |
| 172km | Birigui | L |

| | | |
|-------|---|--------------|
| 171km | Limeira | |
| 170km | | |
| 170km | Limeira | L |
| 166km | Rio Claro | L |
| 152km | | |
| 137km | Piracicaba Assis Catanduva | L SO N |
| 133km | Catanduva | N |
| 127km | São Carlos | L |
| 125km | | |
| 124km | | |
| 123km | | |
| 123km | | |
| 122km | | |
| 114km | Ourinhos | SO |
| 113km | | |
| 106km | Araraquara | NO |
| 103km | Lins Marília | NO O |
| 102km | | |
| 101km | | |
| 101km | | |
| 95km | | |
| 91km | Botucatu Avaré | SE S |
| 89km | | |
| 88km | | |
| 88km | | |
| 87km | | |
| 86km | | |
| 86km | | |
| 84km | | |
| 83km | | |
| 82km | | |
| 76km | Dormitórios de Jaú (Barra Bonita, Bariri, Bocaina, Boraceia, Dois Córregos, Guarapuã, Itapuí, Lençóis Paulista, Mineiros do Tietê, Macatuba, Pederneiras, Potunduva etc.) e Bauru | L (Jaú) |
| 73km | | |
| 69km | | |
| 65km | | |
| 63km | | |
| 56km | | |

| | | |
|------|---|---|
| 53km | | |
| 52km | | |
| 51km | | |
| 51km | | |
| 51km | | |
| 49km | | |
| 46km | Jaú | L |
| 42km | | |
| 33km | | |
| 33km | Dormitórios de Bauru (Agudos, Arealva, Avaí, Boraceia, Itapuí, Lençóis Paulista, Pederneiras, Piratininga etc.) | - |
| 30km | | |
| 28km | | |
| 11km | Bauru | - |

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Esse quadro 9 acima relaciona os perfis de usuários aos dormitórios de Bauru e à mesorregião. A verificação das distâncias entre os perfis foi realizada em 01º-09-2017, após o evento. A primeira coluna da esquerda dá a distância geodésica, cada linha correspondendo a um perfil, em um montante de 53 perfis exclusive os de Bauru. A coluna central relaciona as distâncias das cidades e dormitórios possíveis segundo ordem decrescente. Em fim, a da direita aponta a direção, quando for o caso, dos pontos cardeais e colaterais, sendo Bauru zênite. Como os dormitórios deste município estão pulverizados ao redor dele em todas as direções, não as convém apontar. No caso dos dormitórios de Jaú (ou Bauru, dependendo de quem e de qual ponto observa), eles estão mormente a Leste de Bauru, mas circundando Jaú em numerosos sentidos.

Naquele dia (27-08-2017) “favoritamos” 380 perfis. Quando fomos compilar (01º-09-2017) os dados no meio da semana, havia apenas 307. Supomos que os 73 perfis perdidos fossem: 1) perfis falsos que as pessoas fizeram para usar unicamente no evento e excluir em seguida; 2) perfis reais que nos bloquearam por motivos particulares (nosso perfil de pesquisa não tinha foto e nem informação nenhuma). Considerando o diâmetro do perímetro urbano de Bauru como 14km (geodésicos), os perfis restantes, com mais de 14km somaram 56. Esses estavam distribuídos entre 28km e 188km, três deles sem indicação de geoposição, o que abrange praticamente todo o dormitório circunvizinho de Bauru e todas as cidades-polo das microrregiões do Estado de São Paulo. Utilizamos a distância geodésica entre nosso ponto de acesso em Bauru e os tais perfis como raio geodésico no mapa para aproximar a relação de onde as pessoas saíram por ocasião do evento.

2.3 Interunesp em Bauru/2017

Como foi dito, em 2017 teve lugar em Bauru, oficialmente entre 02 e 05 de Novembro, o encontro de competições desportivas, baterias e festas que congrega diversos *campi* da Universidade Estadual Paulista – Unesp, o chamado *Interunesp*. Era de esperar-se que dentre aqueles/as que compareceram ao evento houvesse “viados”. De fato, no Domingo à tarde, 05-11-2017, último dia do evento, pudemos observar alguns/mas deles/as, alguns casais de gays e lésbicas, dentro e nas redondezas de um centro de compras de Bauru. Também ouvimos diversos relatos de colegas de trabalho de verem os/as estudantes (sem menção à sexualidade ou gênero) pelas ruas de manhã; de nossos/as próprios/as estudantes secundaristas escutamos que desejavam comparecer ao evento e indagamo-nos em pensamento sobre que tipo de imagem eles/as fazem do evento e o que os/as leva a aspirar por comparecer nele; além disso, notícias pontuais em jornais locais em que houve relatos sobre o evento, as atrações, o quórum, bem como a esperança de comerciantes em lucrar com estadia e consumo dos/as universitários/as⁹⁰; e páginas de redes sociais virtuais, em que as pessoas publicaram fotos e vídeos. Não poderíamos deixar de metrificar o fluxo de pessoas no aplicativo. O quadro 10 abaixo mostra a metrificação do aplicativo.

Quadro 10. Distribuição da amostragem por dia. Bauru, Novembro, 2017.

| Faixa etária | Quantidade de perfis por data | | | |
|---------------|-------------------------------|----------------------------|---------------------------|---------------------------|
| | 01º-11-17 | 02-11-17 | 03-11-17 | 04-11-17 |
| - | | | | |
| - 20 | 28 | 41 | 45 | 36 |
| 20-24 | 44 | 105 | 113 | 101 |
| 25-29 | 52 | 85 | 89 | 74 |
| 30-34 | 34 | 38 | 40 | 41 |
| 35-39 | 23 | 26 | - | - |
| 40-44 | 11 | 14 | - | - |
| 45-49 | 8 | 6 | - | - |
| 49- | 6 | 6 | - | - |
| Totais | 206 (100%) | 321 (115 ou 55,81%) | 287 (81 ou 39,31%) | 252 (46 ou 22,32%) |

90 Estimou-se que até 50 mil estudantes compareceram e que isso giraria em torno de R\$20 milhões na economia local. O histórico de opressões e explorações do evento não foi noticiado. Detalhes sobre as atrações estão disponíveis em: <<http://maisbauru.com.br/tag/interunesp-2017/>> acesso em 30-12-2018. Promoções de diversos aspectos do evento estão disponíveis em: <<https://www.socialbauru.com.br/2017/02/08/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-inter-bauru/>> e <<https://www.socialbauru.com.br/2017/01/23/interunesp-em-bauru-e-confirmado-pela-pagina-da-atletica-unesp-bauru/>> acessos em 30-12-2018. O impacto benéfico local e sua recepção pelos locais estão disponíveis em: <<https://www.jcnet.com.br/Geral/2017/10/inter-bauru-2017-comeca-na-proxima-quintafeira.html>> e <<https://www.jcnet.com.br/Geral/2017/11/o-inter-termina-com-prudente-campea-e-bauru-fica-com-o-vice.html>> acessos em 30-12-2018.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Antes de mais nada, o dia 01^o-11-2017 é de especial importância por ser uma Quarta-feira. Sendo o meio da semana e a véspera do início do evento em questão, ele fornece um panorama anterior ao evento da amostra que usa aplicativo, o que permite comparar com maior clareza o crescimento do número de perfis durante o evento. Também é importante lembrar que o “clima” e o “humor” das pessoas estavam agitados e diferenciados porque tivemos nessa ocasião um feriado na Quinta-feira (02-11, dia dos/as finados/as), que para muitas pessoas foi emendado com a Sexta-feira (03-11), estendendo o fim de semana, o que se chama “feriadão”. Tudo muito apropriado: um feriadão de Quinta-feira até Domingo, um megaevento universitário em uma cidade-polo do interior. Dir-se-ia que este foi o dias dos/as mortos/as mais felizes de todos – o mesmo poderia ser dito do dia santo precedente (01^o-11, considerado dia de todos/as os/as santos/as). Para quem não é muito afeito às datas comemorativas da cristandade, o dia 31-10 também foi significativo, considerado dia dos/as bruxos/as e ocasião para eventos não cristãos. Em suma, uma semana atípica.

Segundo as páginas oficiais do Interunesp, suas datas de início e término, conforme informações disponíveis na rede, eram de 02 a 05 de Novembro⁹¹. O dia 05, Domingo, foi deixado de lado por estafa do pesquisador e dos/as participantes e sua conseguinte debandada da cidade, além do retorno presumível de trabalhadores/as e estudantes de outras universidades. Os números em 01^o-11, ademais, são consoantes à distribuição ordinária de Bauru (ver quadro 1 supra). Já a coluna do dia 02-11 mostra o crescimento de 115 perfis ou 55,81% na amostra de Bauru. Em cada linha desta coluna está disposta a quantidade total de perfis no dia segundo faixas etárias. O mesmo sucede nas colunas seguintes, uma para cada dia de evento, sendo o ápice dele entre Sexta-feira e Sábado. Como pode ver-se nas colunas dos dias 03-11 e 04-11, as faixas etárias a partir de 35 anos de idade foram excluídas, isso pela mesma razão dos quadros anteriores: não representatividade. Além do mais, sabe-se que as coortes entre 18 e 29 anos de idade são aquelas que concentram a maioria dos/as universitários/as. Cabe destacar a linha da faixa etária entre 20-24 anos de idade que obteve o maior número de perfis durante todo o evento, praticamente dobrando de tamanho e assim permanecendo até o final. Não sem importância é considerar que na Sexta-feira e no Sábado pode ter havido pessoas de outras cidades visitando Bauru não pelo evento em foco, mas por outros motivos ignorados por ora.

Na sequência, o quadro 11 apresenta relação de perfis e distância crescente em relação a Bauru, referente ao evento Interunesp.

91 Disponível em <<https://www.facebook.com/events/585951434927572/>> acesso em 13-01-2018.

Quadro 11. Distância geodésica de cada perfil e presumidas cidades; evento: Interunesp. Bauru, 07-11-17.

| Distâncias | Quantidade | Cidade presumida |
|-------------------------------|-------------------|-----------------------------------|
| 0,27km-2km | 264 | Bauru |
| 15km-24km | 4 | Dormitórios de Bauru |
| 30km-37km | 7 | Dormitórios de Bauru/Jaú |
| 40km-49km | 4 | Jaú |
| 55km | 2 | Dormitórios de Jaú |
| 62km-69km | 4 | Dormitórios de Jaú/Botucatu |
| 70km-73km | 2 | Dormitórios de Botucatu |
| 80km- 91km | 4 | Botucatu |
| 91km-94km | 8 | Marília |
| 100km-111km | 7 | Araraquara ou Ourinhos |
| 118km-128km | 7 | Itapeva |
| 143km-146km | 7 | Assis ou Jaboticabal |
| 152km-156km | 5 | Rio Claro ou Tupã |
| 163km-175km | 2 | São José do Rio Preto |
| 175km- 188km | 8 | São José do Rio Preto |
| 188km-190km | 3 | Araçatuba |
| 190 - | 45 | Araçatuba ou Guaratinguetá ou SPC |
| subtotal, exceto Bauru | 119 | - |
| total | 383 | - |

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Neste caso, privilegiamos e valorizamos as cidades que abrigam *campi* da Universidade Estadual Paulista – Unesp. Este quadro ficou mais enxuto por conta de havermos agrupado perfis por intervalos de distância. Evidentemente, nem todos os *campi* da Unesp puderam ser incluídos na lista. Na linha cuja distância é maior do que 190km estão os perfis que ocultam a distância (a geoposição não aparece no aplicativo, mas este continua dispondo os perfis na grade dos favoritos por ordem de distância crescente) – é por isso que representamos e agrupamos, por exemplo, oito perfis entre 175km (lonjura visível) até, mas exclusive, 188km, posição em que havia um perfil cuja localização estava visível, mas a distância entre este e os anteriores saltava. Ou seja, dentre os oito perfis, assume-se que aqueles que ocultaram a distância estavam em São José do Rio Preto, tendo em mente que a partir de 188km (visível) trata-se do *campus* daquela cidade. Arriscamos sugerir as cidades ali citadas porque reconhecemos pessoas ou lugares nas fotos dos usuários, ou ainda o usuário

forneceu alguma informação no perfil que permitiu conhecer sua origem⁹². Contudo, faltam oito *campi* da Unesp, os quais estão espalhados até as fronteiras do Estado de São Paulo. É duvidoso, embora não impossível, por exemplo, que alguém tenha se abalado de Rosana, a 413km de Bauru em linha reta, só para vir ao Interunesp. Mas Guaratinguetá está a 409km geodésicos de Bauru e mesmo assim encontramos perfis com inscrições daquele *campus*. O ponto é que das milhares de pessoas que se deslocaram de todo o Estado para o evento, uma parcela era de LGBT, e dentro desta parcela, pelo menos 119 utilizaram um dos aplicativos para encontros e relacionamentos afetivo-sexuais entre gays. Também há de notar-se que tivemos dificuldade de localizar algumas cidades no raio de 50km até 73km de Bauru. Marcamos na tabela como dormitórios de algumas cidades, porém cabe lembrar que, sendo a Unesp uma referência importante de universidade pública no interior de São Paulo, muitas pessoas que moram nas redondezas das cidades que abrigam seus *campi* frequentemente viajam para essas cidades para estudar, o que faz com que elas tomem contato e ciências de eventos como o Interunesp. Assim, as mesmas linhas cuja distância até Bauru são de 50km-73km podem referir-se também a pessoas que moram, digamos, em Ibitinga ou Itápolis e estudam no *campus* de Jaboticabal. Outrossim, é necessário considerar que alguns dos números podem referir-se a passantes, isto é, pessoas que visitaram Bauru por motivo outro que não o evento em causa e foram incluídas na conta.

Considerando todos estes dados e aportes metodológicos, podemos ver que as cidades-polo abrigam eventos e que atraem pessoas. É verdade que não é só o desejo que as atrai, mas como esta pesquisa recorta os agentes a partir de sexo, gênero e desejo, acaba que este marcadores de diferença social saltam aos olhos.

2.4 Fluxos

A abordagem destes agentes transeuntes entre Bauru, Marília e adjacências valoriza sua movimentação, daí apresentarmos e discutirmos a questão dos fluxos. Há fluxos dentro de Bauru, claro, as pessoas circulam. E há fluxos entre cidades, e no caso em particular um intenso fluxo de gays de Marília para Bauru. Ressaltando: o fluxo tende a ser maior, dentro da população de gays, no sentido Marília → Bauru, sem prejuízo de moradores de outras cidades que também deslocam-se para as cidades-polo da região.

Não é muito difícil deduzir trajetões de fluxos de pessoas entre cidades do interior paulista. Basta olhar as cidades justapostas às principais rodovias que cortam o Estado na

92 Em que pese o segredo e o armário, muitos usuários utilizaram por ocasião do evento fotos suas em que haviam dizeres concernentes ao Interunesp e não raro ao *campus* de que provinham. O mesmo se deu nas informações dos cabeçalhos dos perfis.

longitude (SP300 “Marechal Rondon” na porção central do território do Estado, SP280 “Castello Branco” ao Sul e SP310 “Washington Luiz”⁹³ ao Norte). O caso da SP300, é interessante notar, além de rasgar de fora a fora o território do Estado, faz paralelismo com a antiga malha ferroviária (cujos trechos são conhecidos por “Estrada de Ferro Noroeste do Brasil”, “Sorocabana” e outros nomes), responsável pelo surgimento das várias cidadezinhas do interior na época da expansão cafeeira para o Oeste paulista nos finais do século XIX e primeiro quartel do XX (POSSAS, 2001).

Vimos *passim* que as cidades-polo atraem fluxos de trabalhadores/as e estudantes e mesmo enviam-nos/nas para alhures. Estes fluxos podem mesmo ser metrificados nos aplicativos. Pessoas que usem o aplicativo pesquisado acabam por serem computadas pelo pesquisador, ainda que em uma passagem rápida pela cidade, como é o caso dos eventos, ou por ocasião de fixarem sua residência na cidade por motivo de trabalho ou estudo. Chegamos mesmo a rascunhar as origens presumíveis dos agentes.

Cabe apontar ainda que nem todos os gays estão no aplicativo. De fato, seria mais correto afirmar que o aplicativo permite-nos contabilizar quantos homens interessados afetiva e sexualmente em outros homens utilizaram o aplicativo no momento da coleta de dados. Se reconhecem-se como gays ou não, fica mais difícil de inferir. Usuários que mantêm perfis por muito tempo, isto é, que podem ser encontrados na grade em repetidas amostragens em momentos diferentes, soem ser e reconhecer-se como gays. Vimos no capítulo 1 uma série de categorias êmicas e do aplicativo que revelam em alguma medida o quanto as pessoas reconhecem-se como gays ou não. Isto pode ser visto especialmente nas análises dos sustenidos e cabeçalhos. Não esqueçamos que não é porque se reconhece como gay que a pessoa seja menos preconceituosa para com padrões distintos de gays – como ensinou-nos o professor Fernando Pocahy, em comunicação pessoal, existe e talvez fosse mais correto falar em homonormatividade. Por outro lado, perfis que surgem e depois desaparecem podem sim ser de pessoas que não se reconhecem como gays, mas veem no aplicativo uma oportunidade para um intercuro homoerótico. Alguns raros usuários são casados, bissexuais ou

93 Aqui temos em vista a nomenclatura e numeração oficial das principais rodovias longitudinais (L ↔ O), todavia importa indicar que essas rodovias cruzam-se com outras cuja numeração pode variar e inclusive as pessoas tendem a apelidar as rodovias próximas aos municípios em que vivem pelo nome da melhor ou principal via de acesso. Assim, por exemplo, entre Ourinhos e Presidente Epitácio a SP270 pode ser conhecida como “Raposo Tavares” ou “Castelinho” (continuação da Castello Branco, para os/as moradores/as locais), bem como BR374. O mesmo acontece, *ceteris paribus*, entre SPC e Campinas e daí até Franca (SP330 “Anhanguera” ou BR050 com vários outros nomes). Se quisermos complexificar esta malha viária, podemos incluir as rodovias cujo sentido é latitudinal (N ↔ S), como a “Presidente Dutra” (próxima à orla paulista, margeando quase toda a costa brasileira), ou BR116, ou SP060; assim como a “Transbrasiliana” ou BR153 (São José do Rio Preto ↔ Marília) e ainda SP333 (Ribeirão Preto ↔ Marília) e muitas outras vicinais.

consideram-se “héteros” e mantêm o perfil no aplicativo. Normalmente sem foto e com escassas informações, via de regra nada além dos bordões “sou macho”, “sou discreto”, “quero sigilo”, “não sou nem curto afeminado”, “busco semelhante” etc. Esses agentes aglutinam-se na faixa etária superior aos 35 anos de idade. São maneiras de romper com a norma ou de servir-se dela; cada vez que um agente reitera a norma, rompe-a de algum modo; a recíproca também é verdadeira, toda vez que um agente rompe com a norma pode acontecer de reiterá-la atualizada de alguma forma. Esta observação também foi-nos oferecida pelo professor Pocahy, em comunicação pessoal.

Temos então vários móveis levando as pessoas a utilizarem o aplicativo. Um interlocutor, JB, explicou que considera o aplicativo um ambiente seguro para interação, tanto pelo anonimato, quanto pelo controle da visibilidade. Para uma pessoa casada com uma mulher, como é o caso, poder conversar, saber um pouco melhor com quem está lidando, antes de “expor-se” são elementos importantes. Ele acrescentou que os homens migraram das salas de bate-papo para os aplicativos por causa dessa segurança, muito mais do que uma suposta facilidade de intercursos sexuais – que ele considera terem ficado mesmo mais difíceis.

Se é assim, podemos arriscar que os homens que vieram para Bauru por causa do Interunesp e serviram-se do aplicativo, fizeram-no por alguns motivos que passamos a elencar: 1) o fato de estarem longe da cidade em que moram ou estudam possibilita intercursos homoeróticos furtivos que depois serão deletados junto com o perfil; 2) utilizar um aplicativo com localizador possibilita, em uma cidade desconhecida e em que se passará apenas alguns dias, entrar em contato com as pessoas; 3) perfis novos ou de pessoas de fora da cidade costumam chamar a atenção dos nativos – de fato, alguns aplicativos destacam esses perfis novos ou mesmo os que viajaram –, atraindo-os por curiosidade e pela recíproca da furtividade, isto é, além de ser uma pessoa diferente, em breve ela voltará embora, e assim a ligação momentânea desvanecerá. São razões imediatistas que notamos em pesquisa realizada pelo aplicativo.

Entrevistando um colega⁹⁴ da Universidade Estadual Paulista – Unesp/Marília que veio participar do Interunesp. Pudemos perguntar se ele usou o aplicativo (de fato, “espiamo-

94 Entrevista realizada por videoconferência em 26-05-2018, das 16h30 às 19h30; após contatar nosso colega no *campus*, apresentamos a pesquisa e ele consentiu em participar. Possuía 20 anos de idade completos na data; solteiro; entende-se como masculino e gay; autodeclarou-se branco; sua família é composta por pai, mãe e irmãos/ãs; originário de uma cidade pequena da região de Campinas/SP; estava matriculado em um curso superior de graduação da Universidade Estadual Paulista – Unesp/Marília, onde residia por ocasião do curso; declarou-se agnóstico. Esta entrevista consistiu de roteiro de perguntas e temas para que o participante dissertasse à vontade.

lo” no programa), os motivos de vir ao evento e utilizar ou não o aplicativo. Ele disse que abriu sim um perfil para eventuais contatos, mas que o evento foi tão intenso que acabou deixando o celular de lado. Esta pessoa não é do tipo que se prende às peias morais. Usa o aplicativo para socializar, não para propiciar encontros furtivos (embora isso também possa acontecer): “sim, conversei com pessoas pelo aplicativo no evento⁹⁵; no evento não dá tempo de mexer no aplicativo, mas à tarde eu dei uma olhada, mas não cheguei a encontrar nenhum cara”.

No caso específico, ele veio ao evento para ficar longe de suas preocupações com o curso e outras de foro íntimo atreladas a sua vida em Marília. Veio com algumas amigas e ficou no alojamento⁹⁶ providenciado pela organização do evento. Sua apreciação geral do evento, em contraponto com o que lhe foi dito: “as pessoas disseram que seria a melhor festa da minha vida, mas eu achei que talvez não a melhor, foi legal, iria de novo; Inter[unesp] é muito seletivo, classe média-alta e branca, realidade diferente, esbanjando”. Antes de prosseguirmos, registramos nosso sincero agradecimento pelas informações e pela acurada sensibilidade do interlocutor.

Comentamos com ele nossa atuação de *stalker* pelo aplicativo e indagamos sobre LGBT no evento:

pesquisador: você percebeu presença de outros gays (ou LGBT) no evento?

interlocutor: Sim, gays; bastante gays, bastante bissexuais também, sinto que as pessoas têm medo de dizer que são gays e preferem dizer que são bissexuais, parece menos impactante.

P.: acha que eles/as estavam à vontade ou retraídos?

I.: Todo mundo se sentia muito livre; no Inter[unesp] havia possibilidade de casais [homoafetivos] andarem de mãos dadas. [...] Os casais homo[afetivos] do Inter[unesp] eram heteronormativos: eram dois gays normativos, não um efeminado e outro normativo, o mesmo valia para as lésbicas por exemplo.

Conforme explica o interlocutor, um corte de classe social que se articula, em contexto universitário, com marcadores de gênero e “raça” produzindo um código de interação. Possíveis fissuras no tecido social abrandam o segredo e as repressões momentaneamente, mas é no mínimo questionável se esse eufemismo é geral. Além disso, a

95 Existe um programa que vincula o celular inteligente à conta de uma rede social e que registra confirmações de presença em eventos, quer dizer, as pessoas confirmam sua presença no evento, apenas sinalizando para outros possíveis participantes que estarão por lá.

96 Tradicionalmente, a comissão organizadora é a associação atlética do *campus* da Unesp em que o evento realizar-se-á. Essa comissão, entre outras coisas, visita escolas, secretarias municipais e outras instituições solicitando cessão de espaços, como quadras cobertas, para que os/as visitantes alojem-se; os/as estudantes visitantes acabam armando barracas nesse locais. “Repúblicas”, *i.e.*, casas ou apartamentos alugados e divididos por várias pessoas, também costumam oferecer e ceder abrigo nessas ocasiões, o que propicia socialização, além de reduzir custos com hospedagem.

maneira de devir-gay em um evento desta monta é fortemente marcada por marcadores de classe, “raça” e gênero, como foi dito.

Relatou-nos ainda que, no local do evento, não houve casos de LGBTfobia, mas que xs LGBT acabaram reunindo-se em áreas específicas, circulando menos entre heterossexuais e eventuais “héteros que curtem ficar com alguém do mesmo sexo/gênero”, “não assumidos/as”, “curiosos/as”, “discretos/as”, “sigilosos/as”, “enrustidos/as” e outrem que ficam nesses conceitos-limites. Segregações que ficaram marcadas, segundo o interlocutor, foram as de “raça”, *status* e prestígio dos cursos e padrões corporais. Negros/as e pardos/as não eram, segundo percebeu o entrevistado, as pessoas mais desejadas. Os cursos da área de exatas e biológicas, além de presença maciça, gozavam de mais reconhecimento, além de desvelar visíveis cortes de classe social e racial de quem acessa esses cursos: brancos/as e mais ricos/as. Quanto aos padrões corporais, aqueles/as que não eram pelo menos delgados/as foram desquitados/as:

P.: você presenciou no evento algum tipo de discriminação ou preconceito?

I.: O próprio evento já é assim; ele é seletivo; tem tenda⁹⁷ alternativa e tenda principal; na alternativa toca por exemplo *Isso e as biscates*⁹⁸ e tinha gays, negros, lésbicas; enquanto que na principal tinha *Nego do Borel* e os héteros tops⁹⁹ da engenharia, da medicina, da veterinária etc.. O evento é branco, a universidade é branca, não vai toda a universidade, vai uma parte que é majoritária na universidade.

Aí temos a classe social suposta em todos os cortes e entrelaçamentos de marcadores de diferença social: classe média alta, um estilo de vida universitário abastado e recreativo, uma classe social branca, jovem e dos cursos de nível superior da área das ciências duras. Procuramos ser mais específicos e questionamos:

P.: você viu algum gay ou LGBT sofrer discriminação ou preconceito no

97 Comumente, tenda é um espaço em que ocorre uma apresentação musical, algo como um palco e área coberta, como uma tenda mesmo. Havendo em um evento mais de um ambiente, com apresentações de gênero diferente ao mesmo tempo, os ambientes são apartados nessas tendas para que, supõe-se, a música seja melhor apreciada, sem interferências entre uma e outra atração.

98 Banda de universitários/as da Unesp/Assis. Tivemos a ocasião de conhecer o vocalista em 03-11-2016. Naqueles dias, o pesquisador estava empenhado em prestar processos seletivos de pós-graduação e em atuar na organização do movimento LGBT incipiente de Marília. Houve então uma série de debates sobre os segmentos de lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans. O pesquisador foi convidado a participar do segmento G, junto de outros debatedores, entre eles o vocalista da banda que contou de onde veio o nome da banda: houve uma festa na república em que ele e as amigas dele moravam, o vizinho incomodou-se e chamou a polícia, ao ver o rapaz, que se monta de *drag*, o vizinho esbravejou: “se vocês moram com isso aí [o vocalista], então vocês só podem ser umas biscates”. Para mais subverter essa colocação infame, a banda adotou o brado do vizinho homofóbico e tradicionalista como nome.

99 “Top” aqui alude e satiriza a interjeição em voga nesses dias, utilizada para dizer que algo é muito bom ou superior. Um “hétero top” seria um homem, jovem, branco, musculoso, que detém os atributos de masculinidade e desabilidade. Alguns gays evitam a gíria *top* por entenderem-na como veiculada propriamente por heterossexuais, em geral caracterizados como machos e machistas.

evento?

I.: Não. Mas no evento tinha o gay do inter: gay normativo, branco, forte, que a sociedade espera; é claro que tinha outros mais afeminados, mas era exceção; reflete fortemente a sua classe social; a bicha periférica negra não está no Inter[unesp]. [ênfase nossa]

P.: você percebeu alguma vez um gay discriminar ou ser preconceituoso com outro gay? Em que circunstâncias?

I.: Não vi isso no evento, mas eu tenho amigos que foram [ao evento] e inclusive gays afeminados e negros e gordos, percebi que eu fiquei com muitas pessoas, e tenho um amigo gay afeminado, negro e gordo e que não ficou com ninguém, nenhuma pessoa, um evento daquele tamanho, e ninguém quis ficar com ele!

Já aconteceu comigo de um cara perguntar [pelo aplicativo] se eu era afeminado e eu disse que era e ele pediu um[a mensagem de] áudio e eu mandei [...] quer dizer, eles chegam a colocar [no perfil] “procuro semelhante”, “não sou nem curto” etc.

Fomos brindados aí com o conceito de gay do inter: gay cuja performatividade de gênero é normativa, leia-se, não parece gay, é branco, tem corpo tonificado, atributos de beleza e masculinidade, sendo portanto o que a sociedade espera de um homem heterossexual – é um caso típico daquilo que o professor PocaHy chamou de homonormatividade e do rompimento-reiteração das normas. No último trecho o interlocutor compara a exclusão de gays cujo padrão destoa da classe social, “raça” e gênero no evento e em contexto de mídias digitais. Contou-nos o caso de um amigo seu que seria efeminado que fica irritado quando o chamem assim. E o interlocutor narrou o enredo de um amigo seu que “acumulou” as minorias: um menino de um curso da área de humanas, efeminado, negro e gordo e que passou o evento todo sozinho, isto é, ninguém quis “ficar” com ele. Comparando, o entrevistado, seu próprio desempenho durante o evento com o desse amigo, transparece que o entrecruzamento dos marcadores de gênero, no caso, efeminado, com o de “raça” engendrou uma exclusão afetivo-sexual, além do marcador de classe social informando os demais. Isso significa, se quisermos amenizar a situação, que o evento pode sim ter sido a atração principal para as pessoas, a despeito de intercursos casuais, e que o móbil principal foi o lazer e a socialização, muito mais do que desejos inauditos.

Explica o interlocutor como esses marcadores funcionam em conjunto:

P.: você acha que os gays que utilizam aplicativo agem de maneira discriminatória ou preconceituosa contra outros gays? Em que ocasiões? Por quê?

I.: Sim, quando coloca [no perfil do aplicativo] que não curte afeminado, não curte negro, alguém coloca que procura semelhante etc.. Isso é muito presente, não é uma exceção, a maioria é assim e exceção são os que não acionam essas características. A sociedade se forma de tal modo que há camadas à margem, é meio que uma heterossexualidade compulsória e

nossos gostos são moldados a partir disso, acontece no aplicativo porque isso acontece na sociedade, as pessoas são preconceituosas no meio LGBT, no movimento, as pessoas tendem a querer relacionar-se com alguém heteronormativo; se eu apresentar um namorado heteronormativo, causa que seremos mais aceitos; no *app* [=aplicativo] [es]tá pautado como gosto, mas não é uma questão de gosto.

P.: o que você acha que está em jogo em uma situação de discriminação ou preconceito pelo aplicativo?

I.: Qualquer característica que seja atribuída ao homem que não seja masculina leva ele a ser colocado de lado; o cara vai se sentir menos gay quando se relaciona com outro [mais heteronormativo] ... não vejo explicação lógica para isso; é porque socialmente os afeminados são discriminados, são postos à margem em relação aos heteronormativos, questão de aceitação e isso acaba se refletindo em como as pessoas vão se relacionar. Sempre o afeminado é posto como ruim. Antes era um pouco diferente, socialmente hetero[ssexual] é bom e homo[ssexual] é ruim; no meio [LGBT], heteronormativo continua sendo bom e afeminado é ruim.

[O entrevistado fez referências explícitas a Foucault, Butler, Guacira Lopes Louro entre outros/as.]

P.: você considera-se discreto/sigiloso? Se sim, defina ser discreto/sigiloso e diga o motivo que o leva a agir assim. Em caso negativo, dê sua opinião sobre o tipo.

I.: Não. Ser discreto é você não ser associado a qualquer traço de feminilidade. Tem um problema, alguns gays que conheço e não são efeminados se incomodam quando eu digo que eles são normativos, apesar de eles serem assumidamente gays, a sociedade não vai dizer que eles são gays, eles não forçam uma masculinidade, mas isso está com eles [*i.e.*: o homem é gay, mas não tem trejeitos, ninguém diria que ele é gay, logo, ele passa por normativo].

P.: você acha que efeminados estão sujeitos a sofrerem mais discriminação ou preconceito?

I.: Com certeza, eles serão discriminados porque tem uma questão do machismo muito presente [segue reiterando o argumento supra daquele que se afasta do masculino].

P.: você acha que um tipo “macho” tende a vangloriar-se e esnobar ou discriminar ou ser preconceituoso no aplicativo? Acha que é uma questão de gosto individual ou um problema coletivo?

I.: Sim, porque ele usa da masculinidade dele para se colocar como superior dentro de uma hierarquia do que é considerado bom, normal, ele [es]tá no topo da pirâmide, gay, normativo, branco, másculo, viril, e vai descendo [a pirâmide hierárquica] para o afeminado etc. É um problema coletivo, porque a forma como a gente constrói nossa visão de mundo, nossos gostos, o que a gente acha certo, errado, está pautada em uma sociedade que prevê corpos normativos. Acho que a convivência ajuda [a elidir o preconceito], mas vai muito além disso, porque a pedagogia, por exemplo, é muito higienista.

Particularmente neste ponto os marcadores aparecem funcionando *pari passu* no atual e no virtual. O trecho todo está permeado de referências a casos de interações face a face e mediadas por aplicativos. Entretanto o interlocutor abstrai dos suportes e explicita marcadores reais funcionando e mesmo subsidiando quaisquer interações.

Indagado se ele achava que os gays são mais ou menos preconceituosos dependendo de que cidade vêm, ele teceu um contraponto entre o gay interiorano e o paulistano, no

sentido de que os do interior são mais circunspectos – vale a pena lembrar, o interlocutor provém de uma cidade pequena, considerada interior em relação a Campinas. Mencionou que a diferença entre cidades do interior e cidades-polo ou capitais são espaços em que a pessoa possa existir sem ser aviltada, menosprezada ou desdenhada. Por outro lado, entende que os empregos disponíveis para pessoas de gênero não normativo costumam ser algo como atendente de loja e cabeleireiro/a. A cidade maior seria mais livre e a menor mais vigilante, gerando certo anseio nos gays do interior pela cidade maior.

P.: você acha que escolaridade, ser pobre ou rico, ser negro ou branco influencia em a pessoa ser mais ou menos preconceituosa?

I.: Eu achava [que sim], mas [es]to[u] ficando em dúvida, porque achava que acontecia na questão racial, da mulher, que a escolaridade influenciaria como as pessoas concebem certas coisas; mas vou para uma festa na engenharia cartográfica em Presidente Prudente [outro *campus* da Unesp] e o nome [da festa] é “carque nelas”; é diferente você ir a um *campus* em que tem curso de [ciências] humanas [*i.e.* as festas e as pessoas tenderiam a ser menos machistas, racistas e preconceituosos].

Vemos em poucas linhas, de modo lúcido e direto, o que tentamos explicar na introdução e no capítulo anterior. Temos ambientes higienizados criados para corpos aceitos e margens para os excluídos. É curioso notar que, se a heterossexualidade serve de centro, na sua periferia a homossexualidade heteronormativa desempenha papel de um novo centro para uma nova periferia, que o interlocutor chamou de margem, que são as performatividades de gênero não normativas. Uma coletividade informando os “gostos individuais”, ou seja, padrões de socialização coletivos, antes que preferências individuais. Séries de cortes de classe, “raça” e gênero. Este interlocutor agradeceu-nos com a vantagem de oferecer exemplos concretos atuais (no evento) e virtuais (no aplicativo), seguidos de abstrações informadas pelas teorias antropológicas, de gênero e *queer*. Transparece ainda a volatilidade dos termos, isto é, o quanto os marcadores de diferença social são contextuais, relacionais e circunstanciais, podendo ser evocados ou afastados e mesmo percebidos de modos diversos pelos agentes em cada situação.

Cada hecceidade (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.4) acontece independente dos agentes. O Interunesp não selecionou, segundo o relato, o público pela sexualidade, selecionou sim pela classe social em nível ideológico (MARX, 2011), pelas classes de consumo (o evento é dispendioso: ingressos caros, deslocamento, estadia, alimentação, consumo etc.) e pelas posições de classe (brancos/as universitários/as) (WEBER, 2009). Atraiu as pessoas por si próprio. Cada pessoa vivencia um devir específico. Então temos uma multiplicidade de devires-gays, várias maneiras de entrar em contato com a hecceidade

“devir-gay” e com outrem que se contagiem também com essa hecceidade. Um gay branco que, apesar de entender-se como efeminado, gozou de ser desejado no evento. Uma maneira de devir-gay intitulada “gay do Inter”, a qual, além de branca, higienizada, normalizada, universitária, supõe uma classe social. Vemos mais-valia de código (DELEUZE; GUATTARI, 2010) na medida em que um evento consegue desterritorializar o desejo e abrir um espaço para sua polivocidade (HOCQUENGHEM, 2009 [1972]), desde que faça articulações com classe social, cor da pele, padrão corporal etc., ou seja, desterritorializa o desejo da repressão e reterritorializa-o (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.3; v.4) nas classes de consumo e estatuto de classes, orquestrados pelos marcadores de diferença social. Algumas performatividades de gênero (BUTLER, 2003) são mais bem recebidas porque citam e reiteram normas de gênero, assim como a materialidade do corpo serve de diacrítico do que é aceitável. Temos uma política de sexo/gênero (RUBIN, 1984) organizando (para não dizer segregando) relações de convivência em um espaço. Em tudo podemos encontrar um desejo subjacente, consciente ou não, e as contrapartes abstratas viabilizadas por fluxos de dinheiro (as pessoas pagaram para participar) e agenciamentos coletivos de marcadores de diferença social.

2.5 Fluxos fora dos eventos

Em que pesem os eventos na produção e canalização de fluxos desejantes, há outros fluxos, se não independentes, pelo menos fora dos eventos. Isso porque Bauru possui uma zona de saturação sexual (FOUCAULT, 2012) de alcance quase que regional e uma mercado sexual (LAUMANN *et alii*, 2004) instalados no território urbano.

O fluxo de pessoas, viemos mencionando este mote deste o início deste capítulo, tem a ver com diversos motivos pessoais e sociais. Por outro lado, a organização da cidade, seus diversos usos e aparelhos, seu plano urbanístico, a política, o zoneamento urbano produzem fluxos e eventos. Assim, por exemplo, sabemos que Bauru, no passado, foi fluxo ou ponto de passagem de pessoas por causa da ferrovia. E sabemos que o fato de a cidade e as pessoas terem esse aspecto de passagem gerou, na época das ferrovias, efervescência social (POSSAS, 2001). O poeta Rodrigues de Abreu registra *passim* em sua obra essa vida noturna de que Bauru gozava já no primeiro quartel do século XX. Há também registros diversos (por exemplo a biografia da conhecida meretriz dona Eny¹⁰⁰) da esbórnia que pululava em Bauru e que em algum momento foi varrida para longe dos olhos do público do centro comercial a fim de melhor apresentar uma paisagem urbana higienizada. Sem prejuízo dessa periferização da

100 Lucius Mello republicou a biografia da dama da noite recentemente sob o título *Eny e o grande bordel brasileiro*. O caso é quase paradigmático do tipo de centro em que se convertera Bauru em determinado período e das diversas transações que se davam.

luxúria, o fato de criar um centro comercial, criou suas periferias domiciliares, industriais e prostituíntes, que se constituíram em novos centros de novas periferias. É assim que Bauru continuou a atrair fluxos pessoas pela sua vida social mais agitada.

Nesse sentido, cabe apresentar uma área de saturação sexual de Bauru. Existe na cidade uma artéria central que a atravessa de Norte a Sul. Na região mais central da cidade, em que se situam raras residências, o centro comercial e órgãos públicos, há uma rua paralela a esta artéria. Tal rua tem sentido único do centro para o bairro, direção Norte, e serve de saída do centro ou corredor para atravessá-lo, de fato, há diversos pontos de ônibus nela e nos períodos de pico, entre 7h e 8h, entre 12h e 13h e entre 17h e 18h, há intenso fluxo de pessoas nessa rua. No período diurno, entre 7h e 17h, o território é ocupado por transeuntes que ali comparecem por ocasião de local de emprego ou compras. O território é povoado por trabalhadores e consumidores. Já no período noturno, a partir das 22h, alguns acessos específicos entre a referida rua e a artéria central são ocupados por profissionais do sexo mulheres, mulheres trans e michês. Há outros pontos de prostituição de mulheres trans em outras avenidas e acessos de rodovias, segundo informações colhidas. A prostituição não vem ao caso aqui, interessa mostrar que o território é fluido. Sua ocupação, os/as agentes, os pontos, movimentos, territorialidades mudam ao longo de um mesmo dia.

Esta mesma rua paralela agrega pelo menos três aparelhos de saturação sexual. Além do mercado de sexo (prostituição), há um mercado sexual, isto é, um território que viabiliza transações afetivo-sexuais, não necessariamente monetarizadas (LAUMANN *et all.*, 2004). Há uma sauna¹⁰¹ direcionada especificamente a homens que buscam encontros afetivos e eróticos com outros homens e dois cinemas pornográficos que, apesar de não restringirem o público-alvo, exibem produções de cunho homoerótico e heteroerótico.

Selecionamos dois pontos de saturação sexual, ambos na mesma rua na região central da cidade e paralela com a via expressa que corta a cidade de norte a sul. À primeira vista, o paralelismo entre a tal rua e a via expressa já indica que os pontos estão em uma via de passagem, uma rua em que as pessoas passam para atravessar a cidade, chegar e deixar o centro, entrar e sair da via expressa, o que permite perceber a propensão em haver grande fluxo de pessoas em vários momentos do dia ou da noite. O primeiro ponto é uma sauna para homens; a localização, é interessante observar, é no meio do quarteirão e de frente com uma rua que cruza a via expressa de um lado a outro de maneira perpendicular e “morre” na tal rua da sauna quase de frente com a mesma; esta rua de acesso entre via expressa e a paralela em

101 A sauna mal e mal pôde ser pesquisada. Seu horário de funcionamento é diferente do cinema de tal forma que atrai fluxo de pessoas com outra disponibilidade de horário e itinerário. Embora façamos menções à sauna aqui e ali, ela estava encerrando suas atividades já em 2017, início da pesquisa.

questão é conhecida por ser ponto de prostituição de mulheres (não nas adjacências da sauna, mas nas da via expressa); o funcionamento da sauna é um pouco restrito¹⁰², seu horário é limitado, com hora para começar e encerrar as atividades. O segundo ponto é um cinemão, cravado mais no centro antigo da cidade, onde tipicamente no interior as cidades brotaram da linha férrea, ainda na paralela à via expressa e próximo a um centro de compras (*shopping center*) e do terminal rodoviário. Neste segundo caso não temos um ponto de prostituição, porém temos, em compensação, a localização adjacente ao centro comercial. O funcionamento do cinemão é “24/7”, isto é, vinte e quatro horas por dia e todos os dias da semana. Além dos horários discrepantes, pode-se inferir que o público também seja diverso, tanto em função da localização e do tipo de fluxo de pessoas que a rua canaliza, bem como em razão dos preços, sendo a sauna mais cara.

Em observações livres realizadas nas esquinas próximas aos dois locais, pôde-se obter informações de um interlocutor. Trata-se de um colega de pós-graduação, morador da cidade e cliente eventual de bares, baladas, sauna e cinemão. Segundo ele contou, por sua própria vontade, o valor não é muito discrepante (R\$20,00 o cinemão, R\$25,00 a sauna), mas o público é assaz distinto, sendo os clientes da sauna definitivamente gays, isto é, homens que não encontram peias à sua sexualidade, e observou ainda que os clientes da sauna são de uma classe social mais abastada, posto que normalmente possuem nível superior completo, inclusive pós-graduação e por vezes viajam de outras cidades para cá, solteiros e na faixa etária entre 30 anos ou mais. Já o cinemão, por outro lado, é frequentado por “héteros”, isto é, homens casados em busca de encontros furtivos, silenciosos e secretos com outros homens; e em menor número, gays. Durante a observação da rua, notou-se que as pessoas descem a pé a rua do cinemão e nele entram, alguns chegam de moto e estacionam em frente, entrando com o rosto coberto pelo capacete, sendo raros clientes que comparecem de carro. Ao passo que na sauna não há motos, mas bons carros, que não são usados e nem “populares”. Parece haver então discrepância de classe social e de consumo dos respectivos frequentadores de cada recinto.

Com relação ao marcador de diferença social “raça”, segundo atribuição nossa, não há negros nem pardos frequentando os locais. A observação da rua ocorreu em dias de semana no horário de pico entre 17h30 e 19h30. Foi constatado fluxo de homens e eventualmente mulheres que olhavam, entravam e saíam rapidamente (empregadas? amigas dos/as

102 No sítio do recinto diz-se que “abrimos de: segunda a domingo das 12:00h até o último cliente (por volta das 02:00 da manhã” [*sic*], ou seja, funciona diariamente no período da noite. É possível encontrar programações diferenciadas para o fim de semana e eventos na cidade, promoções no meio da semana e horários mais abrangentes em tais ocasiões especiais.

empregados/as?), mas todos brancos e apenas um (01!) negro.

O cinemão também abrange faixas etárias mais variadas. Pôde-se perceber que alguns homens bem vestidos (camisa e calça sociais) entravam e saíam dele a pé. Nosso interlocutor disse que o cinemão é foco de quem está no intervalo de alguma coisa, explicando que nos horários de almoço, trocas de turno e entrada e saída no emprego e no trajeto para voltar para casa os homens aproveitam para passar pelo cinemão. Ou seja, seu relato corrobora o uso furtivo realizado por quem passa por ali. Laud Humphreys (1970) faz a mesma observação acerca de banheiros públicos em parques em uma cidade dos EUA, coincidem, inclusive, a tipificação construída pelo autor com as nossas observações.

A seguir passamos a reproduzir trechos do caderno de campo, a título de descrição densa, um pouco adaptados à forma e conteúdo desta dissertação. Trata-se da observação de uma zona de saturação sexual, seus agentes e fluxos. O sentido desta descrição aqui é mostrar os agentes arranjando-se com fluxos, desejos, “normas” e “desvios” em ato. O pesquisador eximiu-se de adentrar no cinema, dado o objeto da pesquisa. Quando desta primeira observação que segue, ainda exploratória, não tínhamos muita clareza de onde poderíamos contatar os interlocutores e passamos a observar locais públicos. Neste caso, o objeto de pesquisa também sofreu alterações, desestabilizando o preconceito e trazendo as questões de fluxos desejanter e análise das habilidades dos agentes em desvencilharem-se das normativas. O/a leitor/a não pode esperar, então, uma descrição do interior do cinema ou dos intercursos, existem numerosos trabalhos nesse sentido (*e.g.* BRAZ, 2010; DÍAZ BENÍTEZ, 2007; GASPAR NETO, 2011; SANTOS; TEIXEIRA, 2014; VALE, 2000); ofereceremos no lugar um quadro que exhibe diversas maneiras de os agentes lidarem com tensores libidinais, normas e desejos. Além disso, perseguimos fluxos online e comparamo-los com os offline; donde o foco no perambular e na furtividade que exibem diversas maneiras de lidar com desejos em territorialidades variadas (contrastando com os eventos seções 2.2 e 2.3).

Terça-feira, 05-09-2017, uma tarde quente e ensolarada de Primavera que se contorcia e estranhava a ausência do horário de verão, parecendo doentia em meio à correria nervosa das pessoas e carros.

Às **18h46** saí de casa e fui a pé pela avenida em que resido em direção ao centro da cidade, sozinho;

19h06 cheguei à esquina daquela avenida com a rua foco da observação; sentia medo, as crises de pânico davam-me descargas de adrenalina toda vez que cogitava olhar no relógio de pulso paralelo – que eu adquirira a preço módico para controlar o tempo de minhas atividades no serviço público – para cronometrar o percurso e memorizar os horários que depois transcrevera nas notas e compilara no caderno de campo;

19h12 passei em frente à sauna, na esquina com a rua da prostituição, a qual intersecta a artéria central da cidade. Vi apenas um carro e uma moto

estacionados ali na frente. Continuei descendo em direção ao centro e notei intenso tráfego de veículos particulares e coletivos. Poucas residências, serviços diversos fechados ou encerrando seu expediente e pessoas nos três grandes pontos de ônibus da rua em questão;

19h22 passei em frente ao cinemão. Como havia um homem à porta fumando, prossegui, tentando disfarçar, e virei à direita na esquina de outra avenida que dá acesso a um centro de compras, outra intersecção com a artéria central, nas proximidades do terminal rodoviário. Rodeei o quarteirão e sentei, como quem não quer nada, na calçada de um estabelecimento comercial fechado na esquina anterior ao cinemão; dessa vez, além dos sobressaltos de pânico, temendo um assalto, também receava ser abordado pela polícia, já que o tal recinto estava fechado e tinha câmeras na rua e eu em uma atitude pouco convencional em um local senão inóspito, perigoso;

19h26 não demorou muito e um rapaz desceu a rua do cinemão, era branco, aparentava ter entre 20-25 anos de idade, suado e com roupa desportiva, e adentrou o cinemão – posteriormente notei que ele saiu de lá só quando eu fui embora, ao final da observação, por volta de 20h. Logo atrás dele, outro rapaz, coetâneo, mas de jaqueta e calça, entrou e saiu em seguida; uma linha de fuga que nos era comum, entre o primeiro agente e eu, fez com que eu notasse que sua performatividade não era normativa;

19h29 duas motos estacionaram e os rapazes entraram. Notei que entraram de capacete na cabeça – disfarce? Uma furtividade flagrante. Havia na calçada do recinto quatro motos e dois carros. Todos os estabelecimentos da rua estavam fechados (exceto o cinemão, claro);

19h30 um homem de aparentemente 30-35 anos de idade saiu do cinemão, vestia camisa e calça sociais; neste ponto meu pânico já se havia transformado em uma insuspeita excitação; essa etnografia quase voyeurista parecia promissora, pensava que, por ser uma incursão espontânea e de reconhecimento, estava bastante densa, como frutas maduras que pesam em uma árvore. Ainda às 19h30, o fluxo de veículos e transeuntes já havia diminuído consideravelmente.

[intervalo sem eventos]

19h56 eu observava empoleirado na esquina; não vi ninguém mais entrar. Vi um homem sair para fumar duas vezes e voltar para dentro – certamente aqueles mesmo primeiro tabagista que estava à porta quando cheguei, provavelmente funcionário ou proprietário. Eu estava prestes a ir embora, depois de cerca de meia hora de observação (19h26-19h56) quando um rapaz de moto, branco, de banho tomado, subiu pela rua da esquina em que eu estava, virou na do cinemão e ali estacionou. Ele entrou e eu fiquei observando. Foi quando, um minuto depois, ele, o motoqueiro, e o fumante saíram à porta e ficaram conversando por cinco minutos. Este motoqueiro tirou o capacete lá dentro e ficou entrando e saindo;

20h01 fui embora. Subi pela mesma rua que descí. Notei que na quadra seguinte à do cinemão havia uma “comunidade evangélica” com poucas pessoas no seu estacionamento e fundos. Na outra, vi empregados/as saírem do expediente de uma empresa de cobrança de dívidas terceirizadas, os/as quais se dirigiam em grande parte ao ponto de ônibus. Vi quatro ônibus municipais descerem pela rua durante a observação; não há ponto de parada próximo ao cinemão;

20h11 passei em frente à sauna e vi outros quatro carros estacionados ali. A moto e o carro vistos antes não estavam mais lá. Não eram carros usados nem “populares”, pareciam caros. Tinha um homem vestido normalmente escorado na janela da sauna, do lado de dentro. Continuei na marcha, sem saber como ser mais discreto. Será que aqueles carros eram de clientes? Olhei em volta. Não havia nenhum outro aparelho funcionando, o que

permitiria concluir que eram sim clientes que estacionaram ali; às **20h33** já estava em casa.

No dia seguinte, como quem já não dorme sem a avidez de um rito, **Quarta-feira, 06-09-2017**, eis pois que eu voltei a observar o cinemão, desta vez entre 17h30 e 19h30. Além de ganhar tempo antecipando-me ao pico de trânsito, ganhei algumas horas a mais de sol, bem como o calor de uma tarde que clamava pelo horário de verão. Desta vez, havia deixado o celular em casa, como de praxe, e levado o relógio de pulso, adrede uma folha avulsa, com uma caneta e minha identidade estudantil. Senti, além do pânico, medo de ameaças e agressões que advêm das classes sociais e do *status* que estas conferem a certos graus de masculinidade: o fato de o local ser frequentado por muitos “heterossexuais”, casados, de classes menos favorecidas, “machos”, em busca de uma válvula de escape furtiva e impessoal aos seus desejos e interdições sociais de seu meio, não parecia afastar o contexto de violência e honra. E eu, branco, de classe média, com muitos anos de estudo, jovem [26 anos], meio normativo, ou nem tanto. Lembrava de meus tão caros e bem-amados amigos: como eu, brancos, de classe média e nível superior completo; “raça”, gênero, classe social, escolaridade, sexualidade e coorte etária muito diferentes dos passantes. Na verdade, tive medo que a exposição do freguês do cinema a minha observação pudesse fazê-lo sentir-se ameaçado e desencadear uma agressão de defesa da honra e do segredo – o anonimato certamente é uma moeda de troca de alto valor, não era preciso adentrar no cinema para perceber isto. E eu era a testemunha daquela bacanal muda; mal sabia que descobriria a vida dupla de feiticeira de muitos daqueles. Eu sentia ainda aquela junção inauspiciosa de medo e excitação como ontem, só depois perceberia que muitos oxímoros funcionam naquele território: trabalho-lazer; normatividade-não normatividade; desejo-tensão; segredo-revelação.

Por falar em segredo como moeda de troca, fui surpreendido lá na esquina, assim que cheguei, por um colega¹⁰³ que se prestou a conceder-me informações. Contou-me como é a estrutura interna do cinema: um piso térreo com telão em que se exhibe filmes pornográficos heteroeróticos; um andar acima com exibição de filmes homoeróticos e uma espécie de parapeito que dava visão do andar de baixo. R\$20,00 a entrada. Cabinas para intercuro são pagas à parte. Segundo suas informações, o cinema pode ser considerado lotado com cinco a seis pessoas. Os períodos preferidos são os de trânsito e intervalo (refeições e horários de pico etc.). No fim de semana, a frequência seria maior, especialmente no Sábado entre 19h e 22h. O interlocutor deu alguns detalhes, espontaneamente e de livre vontade, de um intercuro que tivera: “tinha um cada batendo¹⁰⁴ na área gay. Eu sentei perto dele como quem não quer nada. Conversamos um pouco. Aí ele [perguntou]: ‘você chupa¹⁰⁵?’” Contou ainda que houve um intercuro rápido, de cerca de dez minutos. Também explicou que nenhum deles, o terceiro e ele próprio, quis detalhes sobre o outro; o parceiro do interlocutor limitara-se a indagar: “você é casado? solteiro? bi[ssexual]?”. Isso sinaliza um regime de armário, mas, de acordo com o interlocutor, este declarou-se gay e isso não impediu o intercuro.

Neste ponto começa a transparecer um conceito de “hétero” vigente no território de

103 Ele pediu sigilo completo quanto a suas informações pessoais e disse que não queria participar formalmente da pesquisa, isto é, realizar uma entrevista condicionada e controlada, porém consentiu em fornecer informações, bem como autorizou verbalmente seu uso nesta pesquisa.

104 Trata-se de masturbação.

105 Trata-se de felação.

pegação, senão em todo o interior paulista. Em meio à descrição fornecida do interior do cinema, o interlocutor procurou explicar como funcionam as interações dentro do cinema, deixando marcado que há mais frequência no local ou predileção pelo tipo chamado “hétero”, que seria um homem em geral casado com mulher, mas que entra em derivas homoeróticas. O fato de ligar-se ao desejo homoerótico não faz com que ele seja lido como gay ou qualquer gênero dissidente. Um olhar imediato rememora o modelo bicha-bofe de Fry (1982), em que há distribuição de papéis sexuais e performatividades de gênero segundo a matriz heterossexual (BUTLER, 1993; RUBIN, 1984). Assim, o passivo seria desqualificado, considerado emasculado por ser penetrado, segundo toda uma série de complexas metáforas e metonímias culturais que o equiparam à mulher subalterna, recobrando sua dissidência com aviltamento, homofobia e misoginia (MISSE, 2007 [1979]; DAMATTA, 2010; KIMMEL, 1998; WALZER-LANG, 2001). Já o ativo não seria menosprezado porque, a despeito do homoerotismo incontestado, sua masculinidade e virilidade seriam antes enaltecidas. Para elidir esse modelo compulsoriamente heterossexual (RICH, 1980) é preciso entender o desejo como polívoco (HOCQUENGHEM, 2009 [1972]), não um contínuo entre macho:fêmea::heterossexual:homossexual. É claro que talvez essa desconstrução não seja objeto de ponderação dos agentes, convenhamos que mesmo para quem se especializa em teorias de gênero e *queer*, desconstruir os gêneros é uma verdadeira pedreira. Isso vale para o “hétero” e para o gay, na medida em que este precisaria parafrasear Monique Wittig (1980) e afirmar: “um gay não é um homem”, ou seja, nos dizeres de Wittig, uma lésbica não é uma mulher, dentre outros aspectos, porque ela não se submete ao domínio masculino; trocando os termos, para subtrair sua performatividade de uma subjetivação perversa que o colocaria em posição subalterna (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.2, v.5) requer-se desvincular o devir-gay do polo dominante do Homem universal. Em todo caso, vale recordar Preciado (2002) e visualizar que o “macho” nesse intercuro requer um suplemento, no caso, o gay, para sustentar-se enquanto tal. Podemos assim considerar que o sistema sexo/gênero (RUBIN, 1984) vigente no interior paulista é, no mínimo, misto: coaduna modelos mais e menos desterritorializados de devir-gay. Este ponto foi explorado por nós em outro lugar (DE CICCO, 2014); outro problema a ser explorado em ocasião porvir é até que ponto esta transição avançou nas cidades pequenas, dormitórios circunvizinhos das cidades-polo. Retomemos a descrição etnográfica:

Quanto à sauna, disse que, logo que se entra, há uma escada até a recepção; segue-se um quarto de armários e chinelos e dois caminhos contíguos a ele: um leva a um quarto escuro, comumente utilizado para intercursos, e

banheiros; o outro, à sauna propriamente dita e a um acesso ao quintal aberto nos fundos. R\$25,00 a entrada, mais o que for consumido (bebidas). Ele relatou ainda que esteve na sauna no meio da tarde do dia do *Encontro da diversidade* e que ela estava lotada (de oito a dez pessoas), gente de Bauru e de fora. Aproveitei para questionar a respeito da classe social e de consumo dos clientes. Respondeu ele que percebera que os fregueses da sauna normalmente aparentam mais de 35 anos de idade e nível superior completo – ele ofereceu como dado probante o fato de ter “ficado” com um professor universitário de outra cidade. Salientou que na sauna só vão gays. [...]

Suspendemos de propósito a narrativa aqui para retomar o problema anterior dos graus de desterritorialização das sexualidades, agentes, agenciamentos coletivos, devires-gay e performatividades de gênero. “[...] na sauna só vão gays.”, isto é, homens que têm claro para si que seu desejo é homoerótico, sem maiores questões e sem maiores peias morais ou acometimentos insuspeitos com outras instituições sociais heteronormativas. Quando falamos em gay, neste campo social, temos um conceito tomado quase como natural pelos agentes e que significa alguém que reconhece e declara seu desejo homoerótico. Simples assim, sem empecilhos, sem militância, às vezes abrilhantado com esta, sem problematização, sem historicidade, sem assujeitar-se a papéis sociais heteroimpostos que frustrariam o desejo, sempre polívoco, em tentativas de reiterar as normas heterossexuais e excisar os desvios. É um devir que se desprende dos grandes conjuntos binários duros (heterossexualidade, família, classes, “raças”, gêneros etc.) e que constrói uma trajetória livre na medida em que foge dessas aglutinações compulsórias. Veja-se o que relatou o agente: os gays da sauna não são casados e tampouco estão preocupados, pelo menos em princípio, com questões relativas a sigilo e discricção. Nesta área do território, na sauna, o código de interação afetivo-sexual está mais desterritorializado do que algumas quadras abaixo, no cinema. Voltando à narração:

[...] Concordou que ela privilegia classes mais abastadas, tanto pelo acesso, como pelo horário limitado de funcionamento. Já sobre as “raças”, pareceu-lhe que há apenas um negro, quando o há, em cada um dos recintos. O interlocutor observou que as pessoas de classe social mais favorecida de Bauru vão para SPC. O fato confirma-se; há fluxo de pessoas do interior para a capital por causa de trabalho e pelo lazer. Nos meses finais e iniciais de cada ano, neste caso, por ocasião das festas e da família, numerosas pessoas afluem da capital para o interior e pode-se notar aumento considerável de gente nas cidades, nos eventos e nos aplicativos.

Comparando com o que foi observado no *X encontro da diversidade*, em que tivemos um evento gratuito e grande número de pessoas dos bairros periféricos e de tez negra, agora fica contrastante que os aparelhos de consumo, inclusive consumo afetivo-sexual, *i.e.*, o mercado sexual (LAUMANN *et all.*, 2004), viabilizam determinados agenciamentos em

detrimento de outros. O marcador de classe social surge primeiro pelo local de moradia, em seguida pela classe de consumo. Os marcadores de “raça” e performatividade de gênero funcionam segundo suas lógicas próprias, mas fazem rizoma com as classes sociais. Deste modo, o agente que pode ser gay, segundo as concepções nativas locais, tende a ser branco e executar um gênero desterritorializado da heteronormatividade (mas nem tanto). O contraste fica ainda mais destacado no evento do *Interunesp*. É gay, mas é discreto. Isto foi problematizado nos capítulos anteriores e visto em ato nos eventos. Neste relato, vemos que mesmo um agente dá-se conta das cisões do conceito de gay quando este imbrica com os marcadores de diferença social em cada contexto. Fora dos eventos, os fluxos offline continuam funcionando segundo a programação da máquina social, explorada nos capítulos prévios.

Finalmente, perguntou se observaria os banheiros. Como não era uma informação de que dispunha, ele contou que se fala muito do do terminal rodoviário, dos mercados e de sabidos problemas com flagrantes. Acrescentou que nos centros de compras há banheiros mais isolados preferidos pela população.

Importa recordar a contribuição de JB: os banheiros realmente congregam um grupo de pessoas. Segundo JB, os banheiros dos mercados são os preferidos. Haveria inclusive grupos de mensagem que veiculam informações sobre locais e seus perigos, bem como fotos e vídeos destes aparelhos. Consoante JB, os usuários dos banheiros gostariam daquilo, isto é, muito mais do que a questão da furtividade e do sigilo, a adrenalina desencadeada pelo risco do flagrante funcionaria ali como um tensor libidinal. As pessoas entram nessas linhas de fuga porque gostam, isto é, desejam. *Verbis*:

Sabe o que percebo, tem muita gente que é homo[ssexual], mas não quer levar vida de homo[ssexual].¹⁰⁶ Não quer frequentar o meio, quer apenas transar, não tem necessidade de frequentar, seguir a moda, apenas quer fazer aquilo [sexo homoerótico] e pronto. Acho que é a minha geração, mais antiga, porque talvez a gente ainda se assuste com muita coisa. Muitos não têm necessidade de querer se assumir; para eles, isso não importa. Às vezes por ser escondido é até mais excitante, para a nossa geração, acho que se se declarar que é [gay], até perde o tesão. Claro que vai de cabeça para cabeça, não é generalizado. Largar tudo e sumir? Não, continua como está. [Ele quer dizer que para quem está em uma situação similar à dele ou à que descreveu tende a ponderar que é melhor não deixar tudo, mas manter a vida, apesar do segredo]

¹⁰⁶ Este mesmo argumento de que alguém não quer viver como gay foi encontrado por Seffner, quando gays acusavam homens bissexuais de serem gays enrustidos que não queriam viver como gays ou declarar sua sexualidade (SEFFNER, 2003, p. 17). A repetição do argumento nos dias de hoje é sintomática de um etos geracional, posto que os interlocutores de Seffner e sua pesquisa estão localizados em meados dos anos 1990 e, como pudemos ver, JB também situa diversos fatos de sua trajetória desejante no mesmo período.

Um característica do cara que frequenta banheiro: a maioria não quer sair dali, não quer partir para um lugar mais calmo. Por ser comprometido com mulher ou outro homem, é a grande maioria que frequenta aquilo, ou porque o tesão dele é o perigo, o perigo excita.

A vantagem da *UOL* é que as pessoas batem papo antes, não é aquela coisa carnal. Lógico que estão procurando sexo, mas também afinidade. Buscar um cara legal para transar, porque você conversa, fala das suas características, do que você gosta, o que não é o caso do banheiro.

Acho que o banheiro é uma fuga para os caras comprometidos, que estão procurando sexo rápido e diferente do que está tendo em casa; mas tem gente que [es]tá lá só por isso, que é solteira e gosta desse tipo de coisa.

Acho que nos *app* tem mais jovens, difícil você ver um coroa¹⁰⁷ no *app*. Acho que por não saber mexer ou por medo de alguém pegar. Eu sempre gostei muito de tecnologia e sempre fuzei [=experimentei] [...].

A única diferença entre *UOL* e *app* é que as pessoas trocam *nudes*¹⁰⁸. Pelo menos você vê o que vai enfrentar.

O *app* é uma *UOL* melhorada, evoluída, você vai conversar, as pessoas já vão no perfil que elas gostam. Acho que isso tem influência, você pode não gostar de um cara baixo ou alto, mas um perfil mais completo facilita, você não precisa ficar perguntando. (JB)

Aí está a ligação rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1997, 5v.) que faz a multiplicidade da sexualidade através do desejo: tensões e interdições por toda parte, uma zona de saturação sexual instalada no território fluido do centro da cidade; desejos produzidos na zona de indiscernibilidade entre sexualidades normativas e não normativas que levam pessoas a entrarem em agenciamentos coletivos que unem “raças”, sexualidades, gêneros, níveis de escolaridade, coortes etárias, situações civis, tudo orquestrado por classes sociais que estão supostas, funcionando ainda que virtualmente. Pontos fixos majoritários (heterossexuais) entrando em devires minoritários (homoerotismo). Um acontecimento que não possui sujeito nem depende de individualidades: o banheiro, assim como o cinemão, vive com seu miasma. Nessa penumbra entre os polos, não é possível discernir qual a cor de cada gato, todos são pardos na fissura. Os pretensos gostos individuais sucumbem ao agenciamento coletivo do desejo. Uma atualização insuspeita do pensamento de Nestor Perlongher (1987), fora do nicho da prostituição, e cravado no desejo.

Laud Humphreys (1970) notou também estes tipos que frequentam o banheiro e como o uso que fazem dos seus corpos e papéis sexuais está particularmente tensionado por marcadores de “raça”, geração, classe social. *Pari passu* com o relato de JB, Humphreys tipifica os gays solteiros, em geral mais jovens; os casados de mais e menos idade, o que ocasiona, com o avanço da idade, a mudança de papel sexual nos intercursos; e alguns, casados ou não, mais despojados, em geral de classe social mais abastada, que gozam de mais

¹⁰⁷ Termo da gíria corrente que designa uma pessoa de mais idade, via de regra mais de 45 anos de idade e razoavelmente estável financeiramente.

¹⁰⁸ Palavra inglesa importada para a gíria brasileira, significa literalmente nu, referindo-se a fotos de nudez.

desconstrução no que toca à sexualidade, bem como de vida homosocial intensa. Todos estes pontos podem ser detectados na fala de JB. O detalhe para o qual chamariamos a atenção é a homosocialidade e sua associação esquizóide com o armário. Nos termos de Sedgwick (1990), o armário funciona em conjunto com sua contrapartida, a homosocialidade, a convivência entre homens, o que não implica necessariamente homossexualidade. Humphreys narra o enredo de um dos frequentadores do banheirão que, fora deste, e em outra situação, mostra-se um trabalhador, casado, com filhos e que não tem amigos, fato de que se lamenta. E que reaparece nos afetos de JB, tanto na fala quanto na relação entre ele e o pesquisador, que, de parte da pesquisa, é seu amigo e supre certas faltas homosociais, exclusivamente.

Outro contraponto importante explicitado por JB é o ato de evitar o uso do aplicativo, no caso dos casados – lembrando que isso não significa que não haja casados usando o programa –, por medo de serem surpreendidos em colóquio. Este ponto é um corte no aplicativo, a máquina corta fora do ambiente online uma série de agentes. Do outro lado do processo produtivo social, no banheirão offline (ou nem tanto), aquelas pessoas fora de estoque são reaproveitadas, como explicou JB e como relataremos abaixo, em encontros furtivos. É a mesma máquina social funcionando e produzindo desejo em ambos polos, apenas com regimes de visibilidades diferentes.

Foi também o interlocutor repentino que questionou nosso objeto e problema, arguindo que não achava ele que se tratasse de preconceito, mas de gostos individuais, vez que cada um sabe de si e ninguém é obrigado a “ficar” com ninguém desde que não se sinta atraído. É verdade mesmo, poderíamos mesmo asseverar que é uma escolha ética escolher com que afectos vai-se envolver. Mas há que se ter o zelo de não operacionalizar uma abstração e generalização rápidas em nenhuns casos. Alegar que gostos individuais sobrepõem-se aos preconceitos sociais descontextualiza todos os dados. Por outro lado, não é cabível enxergar preconceito em cada desquite. A mediação necessária é realizada pela contextualização sócio-histórica, pelo que os agentes pensam, dizem e fazem de fato, sendo relevante para a antropologia social na medida em que esclarece como funcionam os entrecruzamentos dos diversos marcadores de diferença social. Note-se que mesmo quando o preconceito não está em ato, quer dizer, quando não há discriminação, aviltamento em público, ele pode estar suposto, possuindo existência virtual e latente. Mesmo quando em situações específicas os prejulgamentos são temporariamente suspensos, a máquina desejanse está funcionando. Ela mesma cria as condições de produção e antiprodução (DELEUZE; GUATTARI, 2010) do desejo, ela engendra o produto e os rejeitos, viabiliza as ligações e cortes; é a mesma máquina social, apenas funcionando em regimes de signos diferentes em

cada caso. Todavia, os agentes sempre encontram maneiras de escapar da subjetivação perversa da máquina (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.2).

Sustenta toda essa multiplicidade o conceito nativo de gay. Como procuramos explicitar na introdução, o termo é tomado quase como natural, despreendido de conotações politizadas. Arriscamos indicar que há um quê de colonialismo no termo. Mais do que ser importado da língua inglesa, notadamente dos EUA, o termo aglutina determinadas maneiras de devir-gay, codificadas pelos marcadores de diferença social. Essa sobrecodificação operacionalizada no Noroeste paulista dá causa à produção de corpos que podem ser entendidos como gays e habitar determinados espaços, concomitantemente antiproduzindo os resíduos, aqueles cujos corpos quedam abjetos e estão sujeitos a séries de exclusões, latentes nos pressupostos culturais dos agentes, seja online ou offline. As formas de lidar com essas exclusões e os espaços retomados também concorrem com essa sobrecodificação; o alto fluxo de informações viabiliza que os agentes posicionem-se contra essas formas de interação que estão colonizadas de heteronormatividade.

Voltamos à descrição etnográfica:

17h30 horário de pico; comércio aberto; intenso fluxo de gentes em todas as direções, fluxos de veículos de toda sorte; eu sentado na esquina de ontem, encarando o duro sol e o ar quente cheio de barulhos; em frente ao cinema, quatro carros e muitas motos estacionados;

17h33 um homem saiu do cinema arrumando a calça, cerca de 30 anos de idade¹⁰⁹, a julgar pela indumentária, de uma classe média-baixa, branco; atrás dele o fumante de ontem; e eu no devir-coruja, espiando da esquina;

17h45 saiu mais um homem, este aparentava 35 anos de idade, classe média, branco;

17h46 entrou um homem de cerca de 25 anos de idade, classe média, branco;

17h49 saiu este último agente

17h50 entrou um homem que aparentava mais de 40 anos de idade, um tiozão, de camisa social;

17h52 entrou mais um tiozão, também de camisa social e mais de 40 anos de idade;

18h saiu um homem com mais de 25 anos de idade, de capacete, furtivo, com uma pressa flagrante, montou na sua moto e foi-se;

18h06 o tabagista postou-se à porta e conversava com alguém;

18h09 saiu aquele tiozão das 17h50, montou na moto e zarpou;

18h12 entrou um homem de classe média e mais de 30 anos de idade;

18h14 olhei ao redor e tomei consciência, absorto que estava em vislumbrar os rizomas da multiplicidade em ato, de que todo o comércio havia fechado;

18h16 entrou um rapaz furtivo, quase não o notei;

18h19 saiu um dos carros, era alguém que estava trabalhando e acabara de fechar uma loja;

18h23 um homem ficou à porta do cinemão;

¹⁰⁹ Evidentemente não pudemos perguntar aos clientes suas idade. Estimamo-las de vista. Uma aproximação mais genérica seria dizer que era “jovem” ou “maduro”, mas soaria etnocêntrico e mostraria muito pouco da gama de gerações. Contamos com a compreensão do/a leitor/a.

18h30 saiu o tiozão das 17h52, foi embora a pé; repassando este itinerário, indago-me se testemunhei um intercurso de colegas de trabalho;

18h31 outro homem que fechara um recinto entrou em seu carro e foi embora;

18h34 entrou no cinema um homem de mais de 35 anos de idade, classe média e camiseta polo;

18h40 saiu do cinemão um homem de mais de 25 anos de idade, branco, e montou em um bom carro que estava estacionado à porta do local;

18h42 entrou um homem branco, de classe média, de aproximadamente 25 anos de idade;

18h43 o fumante retornou à entrada;

18h49 uma mulher, de cerca de 20 anos de idade, entrou e saiu, entrando em um carro pelo lado do passageiro e foi embora;

18h52 um homem de estatura mais baixa, avistado por mim ontem, passou e dessa vez não entrou – esqueci de mencionar: ontem ele entrou e saiu do cinema em poucos minutos, suponho que ele foi matar a curiosidade e decepcionou-se com o que viu;

18h56 adentrou o cinema um homem branco, com mochila, cerca de 25 anos de idade, classe média;

19h o tabagista retornou à portaria;

19h03 saiu o homem das 18h34 – agora me lembrei dele, ele esteve no cinema ontem;

19h09 entrou mais um tiozão, com mais de 45 anos de idade e camiseta polo;

19h15 a esta altura havia apenas dois carros na frente, nenhuma moto e o fluxo de trânsito diminuía consideravelmente;

19h18 um homem estacionou a moto e entrou no cine, era pardo ou negro;

19h22 um homem e duas mulheres, passantes, olharam pela portaria, curiosos, e seguiram;

19h24 uma mulher entrou e saiu;

19h27 saiu o homem de mochila das 18h56; contiguamente, um outro homem saiu fumando e foi embora; conquanto outro de cerca de 25 anos de idade, branco de classe média entrou;

19h30 exaurido, com calor e suado, dei por encerrada a incursão e voltei embora. Que febre! Os minutos preciosos escorriam implacáveis. A noite vinha me encontrar exangue. Vibrações e lampejos incessantes e fugidios que escapam se eu não os registrar. Parece um caleidoscópio. Fiquei pálido e arfante diante do que vi. E tudo que me acontecera, vinha de repente, atravessa-me e contorcia-me, agitava meus nervos e veias, e eu procurava reconhecer, viver e anotar, com os olhos no cinema e os ouvidos ao interlocutor.

Sabe-se que houve uma higienização, em tempos longínquos, da zona de saturação sexual de Bauru. Ao higienizar o espaço público, o armário foi instalado, nos termos de Sedgwick (1990). Quanto ao pano de fundo de longa duração (preconceito interpares), assim como as mídias digitais criam uma possibilidade de anonimato que é válvula de escape de desejos e ódios recalçados, assim também a sexualidade dissidente encontra um esconderijo em uma zona de saturação que é indiscernível, uma fissura entre o público e o privado, entre a saída do emprego e a volta para casa.

Parece haver distinção de *status* (com base na classe social) entre um e outro serviços

(sauna e cinemão); motos são mais econômicas do que carros; e o horário e local do cinemão favorecem a passagem furtiva – está entre a rodoviária e o centro comercial da cidade, em uma via coletora de fluxo no sentido do bairro. A rua tem mão única, paralela à artéria central da cidade, o que corrobora tanto a passagem, o ato de flunar, como o uso recreativo de quem tem condições de deslocar-se, sem depender necessariamente do transporte público.

Curiosamente, havia outra “comunidade evangélica” na quadra posterior à sauna, sentido bairro. Os carros dos fiéis estavam estacionados em frente daquela; tal qual os fiéis da zona de saturação sexual. Parece um cerceamento: depois do cinema, sentido bairro, existe outra “comunidade evangélica” e, na sequência, outra sauna ou cinema, não conseguimos distinguir.

Além dos serviços ordinários que empregam pessoas na rua em foco, e das comunidades crentes, há um curso profissionalizante. Não há academias. Ou seja, os transeuntes clientes do cinema que estavam em traje desportivo devem ter realizado desvio no trajeto.

Enquanto observamos o cinemão, sentimos medo: após uma série de assaltos, uma mania de perseguição nos tomou e esse fantasma seguia-nos e fazia acreditar que a qualquer momento sofreríamos outro assalto ou agressões ou ainda um encontro inauspicioso com a polícia. Nada disso aconteceu, para nossa fortuna.

Destas incursões ao campo, surgiu a vontade de construir a pesquisa em torno dos fluxos desejantes, da maneira como ela apresenta-se no termo de agora. Voltamos em um Sábado à noite ao cinema. Desta vez fomos de carro e levamos um celular inteligente com o aplicativo estudado em execução. Havia sim alguns carros na quadra do cinema, nada exorbitante; não havia cidadãos a pé. O aplicativo ali mostrou-se cego: os poucos perfis próximos, tomadas metrificações em todas as esquinas circundantes, não renunciaram ninguém utilizando-se do aplicativo dentro do cinema e tampouco nas adjacências.

2.6 Os gêneros periféricos

O centro da cidade é um emaranhado de fios e vias por onde tudo circula: pessoas, mercadorias, dinheiro, desejo e informações. O centro não é habitável, foi transformado em aglomerado de casas comerciais. A periferia deste centro é constituída de residências, que por sua vez servem de centro para outra periferia, esta uma mistura de residências precárias e distritos industriais.

Observamos que o conceito de gay está reservado a algumas pessoas, notadamente de nível superior completo, brancas e alocadas em regiões centrais ou enclaves fortificados.

Categorias nativas, como “hétero”, prenunciam um distinto regime de signos funcionando ao mesmo tempo que o regime que operacionaliza o conceito de gay. No centro comercial da cidade, pode não ser tão evidente esta dupla articulação, por causa da dobra que o capital faz no tecido social, escondendo os fluxos dissidentes de desejo. Sendo lucrativo este fluxo, encontramos lugares reservados para ele. Dessa feita, temos um mercado segmentado, que, a nosso ver, não pode ser chamado GLS, pois nem mesmo se intitula assim, mas é fatídico que o capital reservou-lhe um espaço a fim de mais expandir os limites de seus lucros. Vemos regimes de visibilidade incongruentes coexistindo e imiscuindo-se, o desejo unindo gêneros normativos e dissidentes. Há um limite que é mantido entre os modelos divergentes de homossexualidade, mesmo quando dos intercursos e da suspensão momentânea dos preconceitos.

Mas há alguns pontos deixados de fora da função: no caso dos aparelhos do centro e das zonas de saturação sexual, a população de cútis negra ou parda quase não se mostra; no caso do evento *Interunesp*, uma cisão clara de classe de consumo, tipos corporais, cor da pele, performatividade de gênero (normativa) e escolaridade, além de outros marcadores de *status*, como cursos na área de ciências duras em detrimento das humanas; já no caso do *X encontro da diversidade*, um evento gratuito toma conta do cartão postal da cidade e a população periférica aparece. Periférica, note-se, em vários graus: de cidades dormitórios em que não há espaço na tessitura social para devir-gay, nos termos desta pesquisa e categorias nativas; pessoas advindas da periferia mais externa de Bauru, dos bairros pobres; negros/as que são sistematicamente excluídos/as do uso de bens sociais e culturais, como estudos, empregos e mostras artísticas; performatividades de gênero que não se enquadram no conceito nativo de gay, “héteros”, discretos, sigilosos, casados e toda uma miríade que, olhando de longe, são pontos em uma nuvem, esta sendo a zona de indiscernibilidade entre os grandes polos molares da sociedade; no aplicativo, vários cortes de escolaridades, pertencimento geracional, cor da pele e performatividade de gênero que, apesar de estar presentes online, podem não o estar offline, sem embargo, o fato de aquilo que vislumbramos no aplicativo não aparecer offline não implica que os entrecruzamentos de marcadores de diferenças sociais não estejam em funcionamento, pelo contrário, eles estão funcionando plenamente, mesmo que virtualmente, como pressupostos.

Vários centros e várias periferias, alguns polos, muitas fissuras e zonas de indiscernibilidade em que o código da máquina é temporariamente quebrado pelos agentes. Agenciamentos coletivos viabilizando desterritorialização dos agentes e devires que fogem dos grandes conjuntos molares. Entre um e outro polo, e na tentativa da máquina social de

sobrecodificar e extrair mais-valia de código dos agenciamentos coletivos, segmentos mais ou menos flexíveis, redutíveis estatisticamente aos padrões “aceitáveis” para a dissidência: o gay, o “hétero”, o discreto etc. Muitos outros agentes sobrando aqui e ali no processo produtivo; rejeitados de um lado, reaproveitados de outro; excluídos de um polo, incluídos em outro; expulsos de um centro, realocados em uma periferia. Este movimento concomitante, esquizofrênico nos dizeres de Deleuze e Guattari (2010), acomete e mesmo produz e antiproduz os gêneros. Já as classes sociais, silentes, estão virtualmente operando em todos os entrecruzamentos dos marcadores de diferença social, inclusive na organização do espaço urbano. Poderíamos compreender, então, as performatividades que ficam de fora do processo produtivo do gay, conceito nativo, como gêneros periféricos. A bicha pão-com-ovo, a poc-poc, a bicha preta de favela, a bicha efeminada e as pessoas trans, não abordadas nesta pesquisa, mas não ignoradas, estão no frente dos embates pelos espaços e territórios e mostram-nos outras maneiras de devir-gay, ou bem denunciam os limites da função gay que, no Noroeste paulista, se não colonizada, pelo menos reterritorializada na noosfera produtiva, online e offline.

Aplicativo colonial – considerações finais

Chamar o aplicativo de colonial significa dizer que, se ele não implementa um sistema de relações sociais colonizante, pelo menos absorve, preserva e reitera os ranços coloniais provenientes das relações offline. Como esta pesquisa buscou explorar, não existe ruptura entre o online e o offline, mas continuidade e repetição. As relações sociais e suas ideologias são as mesmas em funcionamento na sociedade atual e no ambiente virtual; trata-se da mesma máquina social funcionando em ambos casos, embora com regimes diferentes. Assim também não existe adequação à norma sem algum grau de ruptura com a mesma, e vice-versa.

Esta pesquisa iniciara perquirindo como funcionam as relações ditas preconceito interpares. Indo pesquisar relações online e offline, o pesquisador deparou-se com continuidades e descontinuidades entre os ambientes virtual e atual. O investimento em pensar o preconceito foi importante, contudo obscureceu algumas relações e entrecruzamentos de marcadores de diferença social. É assim que partimos do preconceito e fomos atenuando a ênfase. A pesquisa demandou desfocar o assunto para dar mais voz ao campo. É este desinvestimento no preconceito para apostar na polifonia que possibilitou acessar territórios, agentes, campos e fluxos diversos, sempre comparando-os no atual e no virtual. Mais do que continuidade entre níveis distintos de política, vemos que os processos caminham em passos diferentes. É nesse sentido que Bauru sói estar mais desterritorializada das peias morais e paranoias religiosas do que Marília – o que não significa que aquela seja o paraíso na terra. O mesmo se dá entre Bauru e suas circunvizinhanças. E dentro de Bauru observamos coexistência de diversos regimes de desejo, (in)visibilidade e de armário.

Retomemos alguns dados e problemas do campo e da pesquisa de maneira sumária. Um aplicativo que se propunha a facilitar os contatos entre gays e que, no contexto local, através dos entrecruzamentos de marcadores de diferença social e dos diversos regimes de signos, reintroduz os preconceitos sociais contra o semelhante (o outro gay) que não é tão

semelhante assim (é negro, pobre, efeminado etc.). Atualização perversa dos preconceitos interpares face a face para o texto silente de quarenta caracteres do ambiente online. Um conceito nativo de gay que, além de perder de vista a historicidade do termo, está reservado a alguns tipos sociais, resultantes de intersecções específicas entre marcadores de diferença social em cada circunstância, processo e relação. Conceitos nativos que habitam as zonas de indiscernibilidade entre os grandes conjuntos molares da sociedade; entre homossexuais e heterossexuais, não é mais possível distinguir ou classificar agentes intitulados por si mesmos como “hétero”, “discreto”, “sigiloso” etc.. Toda uma desterritorialização promovida em termos arquetônicos pelo poder público que produz zonas de saturação sexual que são o platô para agentes e códigos outrora desterritorializados dos centros (da cidade e da sexualidade) reterritorializarem-se e estabilizarem-se momentaneamente de novo e de modo furtivo e inaudito no centro do tecido social: aparelhos como saunas e cinemas viabilizando negócios de desejo dissidente. Estes locais de sexo público talvez sejam mais excitantes intelectualmente porque suspendem temporariamente as peias morais, os aviltamentos públicos, a vergonha e a seletividade dos aplicativos, tanto assim que pudemos vislumbrar boquiabertos a multiplicidade de agentes fazendo rizomas com os numerosos marcadores de diferença social. Para quem está mais desterritorializado dessa compulsão heterossexual e pode pagar caro, um evento de grande monta e alto padrão de consumo, dessa vez com cortes de classes sociais, de consumo, *status*, escolaridade, coorte etária e estilo de vida. Para quem está desterritorializado, entretanto não possui tantos acessos a bens culturais e materiais, um evento gratuito no cartão postal da cidade. E assim pudemos ver o quanto Bauru converte-se em aspiração à população das circunvizinhanças, sendo uma imaginação cultural de que aqui se reserva um território mais livre. Por outro lado pudemos ver também que cada conjunto molar engendra segmentos moleculares, mais flexíveis, porém reservados a determinados agentes em determinados agenciamentos coletivos. Estarrecido e procurando mais possibilidades e linhas de fuga, um pesquisador propondo devires que fogem dos binarismos e fazem-nos fugir.

Se os aplicativos de paquera nasceram, segundo relato dos programadores, para viabilizar encontros afetivo-sexuais entre homens, por que a segregação parece ter sido ampliada? Além das relações mediadas introduzidas pelos aplicativos, outros padrões de comportamento podem ser rastreados. Estes aplicativos possuem também sua atualização colonial? Colonizam eles as performatividades e interações? Também é possível identificar uma rede de comunicação e afluxo de informações sobre diversos temas, inclusive que municiam o posicionamento político dos agentes. Como dar conta dessa multiplicidade que

não para de desterritorializar-se e reterritorializar-se logo em seguida, estabilizar os conjuntos molares em um momento e desestabilizá-los a seguir? Quais os pontos em que a colonialidade das relações afetivo-sexuais, online e offline, vai à bancarrota?

“Macho”, a categoria nativa, assim como “discreto”, “sigiloso” etc., são uma paródia de um lugar de fala majoritário. Gay, conceito nativo, também pretende alçar esse lugar majoritário, embora por manobras mais complexas. Os agentes que não se enquadram nessas categorias são sumariamente excluídos pelo próprios pares. O lugar majoritário é o do signo dominante “O Homem”, isto é, o referente que se pretende universal, branco, heterossexual, burguês (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.3) – note-se que, para que esta universalidade realize-se, são necessários suplementos subalternos: gay, mulher, negro, proletário etc., que constituem devires minoritários, segundo Deleuze e Guattari (1997, v.2; v.3; v.4). Trata-se, O Homem universal, de uma ideia-valor que organiza as relações sociais em torno de si (DUMONT, 2008); um centro que emite palavras de ordem que são repetidas pelos vigias da ordem e por alguns sujeitos adeptos à ordem (DELEUZE; GUATTARI, 1997 v.2). Este aspecto ideológico aciona os marcadores de diferença social de modo não pensado, inconsciente ou virtual, constituindo sujeitos da máquina social (ALTHUSSER, s/d; THERBORN, 1996). Quando um agente fia-se na sobrecodificação da máquina a partir do referencial dominante, ele torna-se sujeito: assujeita-se, no duplo sentido de submeter-se e ganhar uma identidade, para ser avaliado e aprovado pela máquina social – processo denominado rostidade pelos esquizoanalistas. Concomitantemente, ao sujeitar-se ao signo regente, o agente perde seu horizonte de ação, deixa de devir para ser a identidade dada pela máquina, caindo em um buraco negro que o aprisiona (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.2; v.3). A discriminação estaria, então, informada por preconceitos sociais que, por sua vez, arraigam-se na ideologia. Não são aspectos separáveis, funcionam conjuntamente, ainda que virtualmente, sendo de quando em vez atualizados pelos marcadores de diferença social em cada acontecimento.

Há diversas maneiras de alguém ser discriminado, seja face a face, seja online por um cabeçalho de perfil. A discriminação acontece de modo sutil ou grosseiro, por vezes ocultando-se atrás de “gostos individuais”, às vezes aviltando em público as pessoas. Já explicamos, com auxílio de Warner (1999), que este mecanismo de vergonha intenta fazer com que o agente discriminador seja mais normal que os outros, inclusive às custas dos outros. É a manutenção da rostidade e o efeito colateral da sobrecodificação da máquina. Só poderiam ser considerados individuais prescindindo do contexto social, o que não é cabível em Antropologia Social.

Outrossim há diversos devires que os agentes constroem para fugir dos conjuntos molares; seja acionando marcadores de masculinidade e virilidade, seja deles prescindindo, seja autodenominando-se “hétero”, em que pese seus intercursos homoeróticos. Ainda haveria agentes que acessam mais facilmente o *status* de gay por serem detentores de marcadores como pele branca, estilo de vida universitário, recursos financeiros, pertencimento geracional. Ao passo que outros só encontraria lugar no espaço público em eventos gratuitos.

Procuramos mostrar amplamente ao longo do texto que o preconceito interpares é assim chamado pois sucede entre dois pares. São dois gays. De um ponto de vista nativo, avocando e manipulando os marcadores de diferença social, os pares não se enxergam enquanto tais. Um é mais normal (*e.g.*: o “macho”) que o outro (*e.g.*: o gay efeminado). Um está mais desterritorializado (*e.g.*: o gay) que o outro (*e.g.*: o “hétero”). Estas diferenças são de graus, de velocidades. São diferenças da ordem da fenomenologia e da percepção subjetiva dos agentes. Mas os efeitos, *i.e.*, as discriminações, são reais. Comentamos que a cordialidade brasileira inibiria em certos casos essas manifestações de preconceito (discriminação). Mas que as mídias digitais atualizam o preconceito que era virtual e passam a registrá-lo em ato. Quando temporariamente suspensos, os preconceitos sociais podem estar funcionando virtualmente, é a ideologia que informa e organiza as relações sociais entre agentes.

Não caberia falar em homofobia por causa da carga semântica e histórica que este conceito carrega. A problemática dos efeminados, embora presente *passim* no texto, também é restritiva, a nosso ver, na medida em que impõe recorrer a complexas operações de metáfora e metonímia culturais, difíceis de identificar, explicar e provar. Ela funciona ademais no nível do inconsciente coletivo. Não estando nós aqui em um procedimento clínico, recorreremos aos entrecruzamentos dos marcadores de diferença social e aos devires que os agentes constroem.

A estrutura do preconceito interpares é 1) propriamente de ordem inteligível: depende de como o agente foi socializado e compreende as diferenças sociais e do grau de desterritorialização que o agente alcança no seu processo de devir; 2) o preconceito é virtual, está suposto, mas materializa-se, sendo chamado discriminação quando acontece em ato; 3) o preconceito é inextricável dos entrecruzamentos, sempre contextuais, dos marcadores de diferença social; 4) esse aspecto de imanência do fenômeno pode ser compreendido de maneira geral sob a rubrica de ideologia, como conjunto de ideias-valores que organizam as relações sociais, constituindo um referencial dominante que só alça essa qualidade pela subalternização dos demais referenciais, essa ideologia é coletiva, constitui grupo dominantes que englobam os minoritários no todo; os agentes pertencentes a cada grupo são socializado e aprendem a interagir segundo os padrões dessa ideologia, que lhes dá uma identidade que, não

raro, diverge dos ditames de seus desejos; ideologia que aliás possui longa duração e pode ser rastreada em nível macropolítico, bem como micropolítico.

Quem Bauru pensa que é? Bauru, a árida?, a ilimitada?, a absolutamente desterritorializada? Não é bem assim.

Pelo menos as normativas que grassam aqui e ali pretendem capturar até mesmo o desejo de cada sujeito para fazê-lo funcionar dentro das normas. O que se verifica é que, a despeito dos grande conjuntos molares construídos e mantidos pela sociedade, há muitas zonas de indiscernibilidade, pontos em que os conjuntos tangem-se, por ocasião de entrecruzamento de marcadores de diferença social, e onde os agentes traçam suas linhas de fuga, subvertendo a norma, constituindo outras territorialidades e desterritorializando o desejo.

No aspecto virtual, aquilo que do atual os agentes inserem nos aplicativos, vemos os oxímoros funcionando na esquizofrenia da produção simultânea à antiprodução (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Isto é, no mesmo perfil vemos o sujeito-agente sem foto de rosto exigir dos demais uma foto de rosto. O regime normativo de descrição e armário são reiterados ao mesmo tempo em que essa atualização do campo social no ambiente online desterritorializa as normas, afrouxa as peias e interdições.

Os fluxos de pessoas e desejos são também maneiras de traçar linhas de fuga. Moradores de cidades pequenas buscam nas cidades-polo aspirações a uma liberdade maior quanto a seus desejos, corpos, afetos e performatividades de gênero. É verdade que, digamos, São Paulo capital atualiza-se antes que todas as cidades, seguindo o frenesi de cidade global. Mas os meios de comunicação permitem que essa atualização apresse-se ao interior do Estado – caso dos aplicativos. Pode ser que, apesar de esses canais de veiculação de informações chegarem, supostamente, ao mesmo tempo a todos os lugares do mundo, as cidades pequenas resistam às mudanças, por motivos de solidariedade mecânica, menor divisão do trabalho e maior controle social pela fofoca, inclusive por meio digital. A despeito desses freios, acontece um aprendizado. Se encontramos um agente, por exemplo, que possui apenas o segundo grau completo, utilizando-se de discursos, práticas e conceitos não normativos e referenciais, ainda que supostos ou subentendidos, do feminismo e da teoria *queer*, é porque há canais de comunicação que fizeram chegar ao seu conhecimento outras maneiras de devir-gay, de ocupar os espaços, desterritorializar as normas e afrontá-las. Sítios de vídeos como o YouTube hospedam grande quantidade desse tipo de discussão, frequentemente qualificada e de que, no limite, a Antropologia Social apropria-se como categorias nativas para aproximação e posterior elaboração teórica e conceitual.

Um modelo pós-colonial seria a fechoação da bicha preta efeminada de bairro? Considerando as diversas cisões nos fluxos e territórios, é possível entender os agentes excluídos, nos termos achados na pesquisa, como limiar de desterritorialização das normas de gênero? As sexualidades e gêneros não normativos guardam em si alguma potencialidade de subversão ou desterritorialização? Podem funcionar como uma máquina de guerra instalada no campo social? A problemática suscitada por Laumann e outros/as (2004) de entender os locais e fluxos em que se dão interações afetivo-sexuais como um mercado explica, entre outras coisas, que a cidade proporciona determinados locais para agentes e encontros específicos. Ali haveria uma espacialização dos marcadores de diferença social. Isso ajuda a entender como a sauna vem a ter clientela diferente do cinema, por exemplo. Ou como no *Encontro da diversidade* o público é um, no *Interunesp* é outro e o motivo de estes públicos não corresponderem necessariamente aos aplicativos.

Outrora, nos idos de 1970, o gay foi tomado como modelo de desterritorialização e militância pela liberação homossexual no Brasil (MACRAE, 1982). Talvez hoje, considerando os relatos dos interlocutores, os segmentos que estariam no fronte seriam as pessoas trans e aqueles que, no interior paulista, não se encaixam no conceito nativo de gay, que prescinde, em graus variantes segundo o território, da tinta histórica de militância.

Na verdade o tipo “discreto” (que se entende como gay) assim como o “sigiloso” (que se entende como “hétero”) opõem-se à bicha efeminada e é ainda um suplemento da masculinidade heterossexual hegemônica e serve-lhe de sustentação na medida em que não consegue se desvencilhar dela, repetindo suas palavras de ordem, fiscalizando – para usar uma expressão branda – o armário alheio e copiando seus códigos. Por isso mesmo poderíamos pensar em um modelo pós-colonial de sexualidade não normativa a partir da bicha preta de favela. Os/as excluídos/as existem e não estão inertes. Mesmo no contexto virtual do aplicativo que propunha escapar às interdições e que por vezes acontece de vermos as normas de desejabilidade sendo reiterada, ali também as pessoas colocam-se como querem devir e não como a norma impõe-lhes ser. Ocupam os territórios. Constituem alianças. Desterritorializam as normas. Inventam performatividades para, em cada falha da norma, ocuparem, existirem e resistirem.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada: evangélicos e neoconservadorismo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.50, p. e1750001, Jun., 2017.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, [s/d, 1970?].
- ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970 [1949]. 2 vols.
- BERLANT; Lauren; WARNER, Michael. Sexo em público. In: MÉRIDA JIMÉNEZ, Rafael M. (ed.). *Sexualidades transgresoras: una antología de estudios queer*. Barcelona: Icaria editorial, 2002. pp. 229-257.
- BORILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BRAZ, Camilo Albuquerque. *À meia-luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos*. 2010. 264 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2010a.
- _____. Corpo a corpo: reflexões sobre uma etnografia imprópria. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 7, pp. 128-144, Dez., 2007a.
- _____. Macho versus macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, pp. 175-206, Jan.-Jun., 2007b.
- _____. “Mas agora confessa...” notas sobre clubes de sexo masculino. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 4, pp. 127-156, 2010b.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cardenos Pagu*, Campinas, v. 26, pp. 329-376, Jan.-Jun., 2006.
- BUTLER, Judith. Bodies that matter. In: _____. *Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”*. New York: Routledge, 1993. pp. 21-50.
- _____. *Gender troubles: feminism and subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- _____. Gender regulations. In: _____. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004. pp. 40-56.
- CARRARA, Sérgio. Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo. *Bagoas*, Natal, n. 5, pp. 131-147, 2010.

_____. Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 21, v. 2, pp. 323-345, 2015.

CARRARA, S.; RAMOS, Silvia. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *Physis*, Rio de Janeiro, n. 2, v. 16, pp. 185-205, 2006.

CARRARA, S.; RAMOS, S.; CAETANO, Márcio (orgs.). *Política, direitos, violência e homossexualidade: 8ª Parada do orgulho GLBT – Rio – 2003*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

CARRARA, S.; SAGGESE, Gustavo. Masculinidades, violência e homofobia. In: GOMES, R. (org.). *Saúde do homem em debate*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. pp. 201-225.

CARRARA, S.; SIMÕES, J. A. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, pp. 65-99, Jan.-Jun., 2007.

CARRARA, S.; VIANNA, Adriana R. B. “Tá lá o corpo estendido no chão...”: a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. *Physis*, Rio de Janeiro, n. 2, v. 16, pp. 233-249, 2006.

CORRÊA, Sonia. A política do gênero: um comentário genealógico. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, p. e185301, Jun., 2018.

DAMATTA, Roberto A. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. *Revista enfoques*, Rio de Janeiro, n. 1, v. 9, pp. 134-151, Ago., 2010.

DE CICCIO, Shelton. *Lugar certo na hora errada: etnografia do processo de construção da identidade homossexual ou cartografia dos devires de homens homossexuais em Marília*. 2014. 116 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2014.

DE CICCIO, Shelton; PELÚCIO, Larissa. “No interior não tem nada para fazer”: derivas da sexualidade no interior paulista. *Periódicus*, n. 9, v. 1, pp. 345-376, Maio-Out., 2018.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 1998 [1968].

_____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2011 [1969].

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia II*. São Paulo: ed. 34, 1997. 5 vols.

_____. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*. São Paulo: ed. 34, 2010.

_____. *O que é a filosofia?* São Paulo: ed. 34, 2013.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DÍAZ BENÍTEZ, María Elvira. Dark room aqui: um ritual de escuridão e silêncio. *Cadernos*

de campo, São Paulo, n. 16, pp. 93-112, 2007.

DUMONT, Louis. *Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: ed. USP, 2008.

ERIKSEN, Thomas Hylland. *Small places, large issues: an introduction to social and cultural anthropology*. London: Pluto Press, 2001.

ESPINOSA, Benedictus. Ética. In: _____. *Espinosa*. São Paulo: Nova Cultural, 2006.

FACCHINI, Regina. Conexões, processos políticos e movimentos sociais: uma reflexão teórico-metodológica a partir do movimento LGBT. *Revista Advir*, Rio de Janeiro, n. 28, pp. 06-20, Jul., 2012.

_____. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e a “arena” do movimento LGBT brasileiro. *Bagoas*, Natal, n. 4, v. 3, pp. 131-158, Jan.-Jun., 2009.

_____. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. 2008. 323f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

_____. “*Sopa de letrinhas*”? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. 2002. 241f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 3, pp. 54-81, Nov., 2009.

FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L.; BRAZ, C. A. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. *Cadernos Pagu*, n. 42, pp. 99-140, Jan.-Jun., 2014.

FACCHINI, Regina; DANILIAUKAS, Marcelo; PILON, Ana Cláudia. Políticas sexuais e produção de conhecimento no Brasil: situando estudos sobre sexualidade e suas conexões. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 44, n. 1, pp. 161-193, Jan.-Jun., 2013.

FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador, Ed. UFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: ed. Globo, 2013 [1964]. 2 vols.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007

_____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Vol. 1. São Paulo: Graal, 2012.

FRANÇA, Isadora Lins. “Cada macaco no seu galho?” Poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n. 60, pp. 103-115, Fevereiro, 2006a.

_____. *Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. 2006. 257f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006b.

_____. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo*. 2010. 289f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

_____. Do universo perfeito ao cinemão: homossexualidade masculina, deslocamento e desejo na cidade de São Paulo. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, n. 1, v. 44, pp. 44-73, Jan.-Jun., 2013a.

_____. “Frango com frango é coisa de paulista”: erotismo, deslocamento e homossexualidade entre Recife e São Paulo. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 14, pp. 13-39, Ago., 2013b.

_____. Identidades coletivas, consumo e política: a aproximação entre mercado GLS e movimento GLBT em São Paulo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, pp. 289-311, Jul.-Dez., 2007a.

_____. Sexualidade e política: uma abordagem a partir do mercado e do consumo. *Bagoas*, Natal, n. 7, v. 6, pp. 223-252, Jan.-Jun., 2012.

_____. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, pp. 227-255, Jan.-Jun., 2007b.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade; construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: _____. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982. pp. 87-115.

GAGNON, John. *Uma interpretação do desejo*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2012.

GASPAR NETO, Verlan Valle. A organização da transgressão em espaços de pegação masculina: três breves relatos etnográficos. *Antropolítica*, Niterói, n. 31, p. 147-165, sem. 2011.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: ed. Unesp, 2000.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004 [1977].

HARAWAY, Donna J. *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature*. New York: Routledge, 1991.

HEREK, Gregory M. Beyond “homophobia”: thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sexuality research and social policy*, San Francisco, n. 1, v. 2, pp. 6-24, Abr., 2004.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995 [1936].
- HOCQUENGHEM, Guy. *El deseo homosexual*. S./l.: Mesulina, 2009 [1972].
- HUMPHREYS, Laud. *Tearoom trade: impersonal sex in public places*. Chicago: Aldine Publishing Company, 1970.
- KATZ, Jonathan N. *A invenção a heterossexualidade*. São Paulo: Ediouro, 1996.
- KIMMEL, Michael Scott. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, pp. 103-117, Out. 1998.
- KOWARICK, Lúcio; CAMPANARIO, Milton. São Paulo: do milagre à crise. *Lua nova*, São Paulo, n. 28-29, Abr., 1993.
- KURASHIGE, Keith Diego. *Marcas do desejo: um estudo sobre os critérios de “raça” na seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas criadas online na cidade de São Carlos*. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: s/n, 2014.
- LAUMANN, Edward O.; ELLINGSON, Stephen; MAHAY, Jenna; PAIK, Anthony; YOUM, Yoosik (eds.). *The sexual organization of the city*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: ed. Unicamp, 1990.
- _____. Em defesa do gueto. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: ed. Unesp, 2005 [1983]. pp. 291-308.
- _____. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: EULÁLIO, Alexandre (org.). *Caminhos cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982. pp. 99-111
- MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FERNANDES, Florestan (org.); FORACCHI, Marialice Mencarini. *Mannheim*. São Paulo: Ática, 1982. pp. 67-95.
- MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo/Rio de Janeiro: Boitempo/Ed. UFRJ, 2011.
- _____. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. L. 1, v. 1.
- _____. *O capital: o processo global de produção capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. L. 3, v. 6.
- MISKOLCI, Richard. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, pp.: 150-182, Jan.-Jun., 2009a.

_____. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. “Discreto e fora do meio”: notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 44, pp. 61-90, Jan.-Jun., 2015.

_____. Machos e *brothers*: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas *on-line*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, pp. 301-324, Jan.-Abr., 2013.

_____. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. *Bagoas*, Natal, n. 11, v. 8, pp.: 51-78, 2014a.

_____. O armário ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. *Revista Gênero*, Niterói, v.9, n. 2, pp. 171-190, Jan.-Jun., 2009b.

_____. Pânicos morais e controle social. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, pp. 101-128, Jan.-Jun., 2007.

_____. San Francisco e a nova economia do desejo. *Lua Nova*, São Paulo, n. 91, pp. 269-295, 2014b.

MISKOLCI, Richard; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, p. e185300, Jun., 2018.

MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. Rio de Janeiro: Booklink/UFRJ/LeMetro, 2007 [1979].

OFFE, Claus. *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

ORTNER, Sherry B. Is female to male as nature is to culture? [1974] In: _____. *Making gender: the politics and erotics of culture*. Boston: Beacon Press, 1996. pp.: 21-40.

PADILHA, Felipe André. *O segredo é a alma do negócio: mídias digitais móveis e a gestão da visibilidade do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos*. 2015. 119 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: s/n, 2015.

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

PELÚCIO, Larissa. *Prefácio: um flerte com a normalidade*. In: MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. pp. 11-16.

PERLONGHER, Nestor Oswald. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PLUMMER, Kenneth. *Homosexual categories: some research problems in the labelling perspective of homosexuality* [1981]. In: NARDI, Peter; SCHNEIDER, Beth (eds.). *Social perspective in lesbian and gay studies: a reader*. London: Routledge, 1998. pp. 84-99.

POSSAS, Lidia Maria Vianna. *Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista*. Bauru: Edusc, 2001.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifiesto contrasexual: prácticas subversivas de identidad sexual*. Madrid: Opera Prima, 2002.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Signs: journal of women in culture and society*, Chicago, v. 5, n. 4, pp. 631-660, Summer, 1980.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the “political economy” of sex. In: REITER, Rayna (ed.). *Toward anthropology of women*. New York: Monthly Review, 1973. pp. 157-210.

_____. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: VANCE, Carole (ed.). *Pleasure and danger: exploring female sexuality*. Boston: Routledge, 1984. pp. 267-319.

SANTOS, Daniel Kerry; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Cartografias do armário: estratégias do desejo em uma cidade do interior paulista. *Bagoas*, Natal, n. 11, v.9, pp. 177-209, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da vida privada*. v. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1998. pp. 173-243.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the closet*. Los Angeles: University of California Press, 1990.

SEFFNER, Fernando. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. 2003. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: s/n, 2003.

SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. *Anuário Antropológico*, Brasília, n. 93, pp. 175-203, 1995.

SILVA, José F. Barbosa. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: ed. Unesp, 2005 [1958]. pp. 47-212.

SIMÕES, Júlio Assis; CARRARA, Sérgio. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. *Cadernos Pagu*, n. 42, pp.: 75-98, Jan.-Jun., 2014.

SIMÕES, J. A.; FRANÇA, I. L. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, J. Naylor; TRINDADE, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: ed. Unesp, 2005. pp. 309-336.

SIMÕES, J. A.; FRANÇA, I. L.; MACEDO, M. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade

e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, 35, pp. 37-78, Jul.-Dez., 2010.

THERBRON, Göran. A formação ideológica dos sujeitos humanos. *Lutas sociais*, São Paulo, n. 1, pp. 49-60, 1996.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. São Paulo/Fortaleza: AnnaBlume/Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Filiação intensiva e aliança demoníaca. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 77, pp. 91-126, Mar., 2007.

_____. *Metafísicas canibais*. São Paulo: Ubu, 2018.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 9, pp. 460-482, Jul.-Dez., 2001.

WARNER, Michael. *Trouble with normal: sex, politics, and the ethics of queer life*. New York: the Free Press, 1999.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: ed. UnB, 2009. vol. 1.

_____. A “objetividade” do conhecimento na ciência social e na ciência política. In: _____. *Metodologia das ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2001. vol. 1, pp. 107-154.

WITTIG, Monique. La pensée straight. *Questions Féministes*, s/l., n. 7, pp. 45-53, Frévier, 1980.

WRIGHT-MILLS, Charles. *A elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

ZAGO, Luiz Felipe. *Masculinidades disponíveis.com: sobre sobre dizer-se homem gay na internet*. 2009. 227f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: s/n, 2009.

_____. *Os meninos: corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos*. 2013. 331f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: s/n, 2013.